

RAÍZES

Ano XXI - São Caetano do Sul - Julho de 2009

39



Ano XXI – Número 39
Publicação semestral
Distribuição gratuita

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Tiragem desta edição:
3.000 exemplares

Julho de 2009

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula | CEP 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax (011) 4223-4780

www.fpm.org.br
fpm@fpm.org.br e
raizes@fpm.org.br

Coordenação Geral
Clovis Antonio Esteves

Jornalista Responsável e
Revisão de textos
Jô Sperate Figueiredo (Mtb 17.662)

Pesquisa
Cristina Toledo de Carvalho

Secretaria
Maria Aparecida Fedatto

Conselho Editorial
Adriana Sampaio
(Secretária Municipal de Cultura de São Caetano do Sul)
Clovis Antonio Esteves
Cristina Toledo de Carvalho
Humberto Pastore
João Tarcísio Mariani
Jô Sperate Figueiredo
Maria Aparecida Fedatto
Mário Porfírio Rodrigues
Priscila Perazzo
Roberta Giotto

Digitalização e
Restauração de Imagens
Antonio Augusto Coelho Neto

Fotografia
Antonio Reginaldo Canhoni

Projeto Gráfico e Editoração
Roberta Giotto

Capa
Roberta Giotto e
Antonio Augusto Coelho Neto

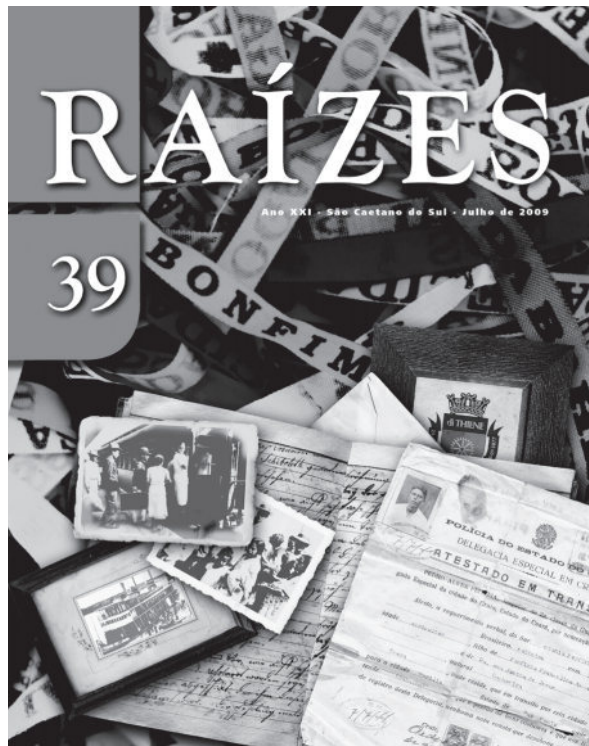
Cpt e Impressão
NSA Gráfica e Editora

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



RAIZZES

39



O Nordeste é o grande sinal de que o mundo passou por aqui. A mistura de povos e de crenças pode ser observada na alimentação, na arquitetura, nas artes, nas festas populares, nos olhos azuis, verdes e castanhos, de negros, loiros e mulatos, na beleza de suas almas. Retratar esse plural de sentimentos em uma única capa não foi trabalho dos mais fáceis. A preocupação seria em apresentar não só a migração, o sofrimento, porque esse povo maravilhoso não se resume em seca e em falta de política social. Ele é muito mais que idas e vindas. É cor. É festa. É família. É Deus e Oxalá. É o início de tudo. O começo deste Brasil de raças e miscigenações. Nada mais justo que a capa estivesse repleta de cores, de crenças, de fé, de povo, de sonhos...

As fitas de Nosso Senhor do Bonfim são reflexos desta cultura múltipla, as fotos de algumas personagens refletem o Dossiê desta edição especial em homenagem a cada nordestino que nos privilegiou com sua presença e seu trabalho.

(Jô Sperate Figueiredo)

O RESGATE DA MIGRAÇÃO NORDESTINA

A Revista *Raízes* inicia uma nova fase. O seu design gráfico ganha estilo diferenciado e passa a ser elaborado na própria *Fundação Pró-Memória*. Isso reforça o propósito desta nova administração municipal para os próximos anos. O conteúdo editorial também irá atender outros focos, que ainda não foram profundamente abordados. A democratização dos temas, sem perder o cunho acadêmico, será outro desafio imposto às outras edições. Para iniciar essa jornada, a *Raízes 39* traz como destaque em seu dossiê a saga do povo nordestino dentro de São Caetano do Sul.

Quem nunca enfrentou a sede, a fome, a falta de perspectiva e um sol impiedoso não conhece a realidade e o sofrimento do povo nordestino. Julgar ou criticar as grandes levas migratórias demonstra a incapacidade humana de ser solidário ao desejo das famílias de deixarem tudo para trás e correrem em busca de novos sonhos e ideais.

A Revista buscou retratar a seca, a falta de ofertas de emprego e a perspectiva de uma vida mais digna. Retratou, ainda, os principais fatores da migração para São Paulo. Um fator que fortaleceu esse cenário foi a industrialização paulista na metade do século XX. As décadas de 60, 70 e 80 também marcaram fases de grandes fluxos migratórios.

São Caetano do Sul foi, para muitas destas famílias de migrantes, o porto seguro. Mas, nem sempre a realidade atendia as expectativas. Lutaram, suaram, alguns alcançaram destinos melhores, outros desistiram. Por sorte ou por perseverança da própria filosofia de vida, alguns nordestinos arregimentaram grandes vitórias. Na vida política, podemos resgatar a

brilhante trajetória de vida de Ângelo Raphael Pelegrino e Raimundo da Cunha Leite.

Nessa bagagem, sonhos e pesadelos se misturam. Como tudo na vida do nordestino. Suas emoções se transformam... As memórias da raiz e do nascimento tomam outros rumos, outras lembranças, que o próprio processo de idas e vindas resulta no dia-a-dia de cada pessoa nordestino.

Mas, com tudo isso, deve-se admirar e se destacar a força de todo esse povo, nossos irmãos brasileiros. Independente das conquistas, busca basicamente o bem estar dos seus. Se alguém conhece a fundo a importância da palavra família esse é o nordestino. Vive e sobrevive por seus sonhos, na tentativa de construir um caminho melhor para filhos, netos...

E mais, *Raízes 39* apresenta artigos, crônicas e matérias de interesse geral e acadêmico, características de todas as edições. A Memória Fotográfica faz homenagem a um grandioso evento esportivo, que irá acontecer na cidade em outubro: *os Jogos Abertos do Interior*.

A seguir, o leitor poderá confirmar as inovações nas páginas de *Raízes 39*. A impressão inicial vem em duas cores, mas num futuro próximo a Revista será apresentada totalmente colorida.

O Conselho Editorial, articulistas, colaboradores, municípios e a equipe da *Fundação Pró-Memória* se uniram neste projeto para que cada detalhe seja perfeito e continue a conquistar seu público e a preservar a memória da cidade.

Clovis Antonio Esteves
Presidente da Fundação Pró-Memória

DOSSIÊ

A migração nordestina para São Caetano do Sul

- 7 O migrante nordestino chega a São Caetano
Cristina Toledo de Carvalho
- 17 A presença nordestina nos quatro cantos de São Caetano
Cristina Toledo de Carvalho
- 25 Os principais fatos da história da Brasil Unido são novamente contados
Texto adaptado por Cristina Toledo de Carvalho
- 29 O êxodo de um povo irmão
Joaquim Jácome Formiga
- 31 Raimundo da Cunha Leite: um homem forte
Cristina Toledo de Carvalho
- 39 Os três nordestinos líderes autonomistas
Mário Porfírio Rodrigues
- 45 A vida de Bernardino Borges de Salles narrada em três aspectos
Cristina Toledo de Carvalho
- 49 Vidas vividas em deslocamento: narrativa de Angelita migrante para o ABC
Priscila F. Perazzo



7

O migrante nordestino chega a São Caetano



53

A estrela ascendente do Instituto de Ensino Sagrada Família



88

Memória Fotográfica: Jogos Abertos do Interior

ARTIGOS

- A estrela ascendente do Instituto de Ensino
- 53 Sagrada Família: 70 anos de amor e educação
Ivana Colognesi Sanches
- 57 A voz Feminina
Priscila Gorzoni
- 65 A Memória é um tesouro sem precedentes
Fábio S. Gomes
- Metrópole, Paulistas e Mineração:
- 67 Um áureo triângulo no cotidiano da colônia
Juarez Donizete Ambires

CULTURA

- 73 Murais de Emeric Marcier
Silvia Ahlers

PERSONAGENS

- 77 Dolores Avalo Canhedo: cem anos com saúde e alegria
Yolanda Ascencio

CRÔNICAS

- 81 "B.H.C"
João Tarcísio Mariani
- 82 Recordações de Junho
Oscar Garbelotto
- 84 Vocação da Fundação
João Tarcísio Mariani

HISTÓRIA ORAL

- 85 Lázaro de Campos
Jô Sperate Figueiredo

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA JOGOS ABERTOS DO INTERIOR

REGISTRO

- 98 Jô Sperate Figueiredo

HOMENAGEM

- Estátua de Padre Cícero tem lugar de
- 108 destaque em parque da cidade
Jô Sperate Figueiredo

110 RESTAURANDO O PASSADO

112 PROPAGANDO O PASSADO

O MIGRANTE NORDESTINO CHEGA A SÃO CAETANO

Cristina Toledo de CARVALHO ()*



Acervo/Memorial do Imigrante

Migrantes chegando à Hospedaria de Imigrantes, em 1940, aproximadamente

“Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras suando-se muito em cima, a de tentar despertar terra sempre mais extinta, a de querer arrancar algum roçado da cinza.”

João Cabral de Melo Neto
Morte e Vida Severina

A presente seção desta 39ª edição da Revista *Raízes* apresenta como tema a migração nordestina para São Caetano do Sul. Em vista disso, o artigo aponta os principais fatores históricos que desencadearam os deslocamentos de grupos oriundos do Nordeste rumo à região Sudeste (especificamente o Estado de São Paulo), a partir da década de 1930, período em que se observou a intensificação daqueles deslocamentos. Ao abordar São Caetano, o trabalho procura

resgatar os nomes dos primeiros migrantes nordestinos aqui instalados, bem como destacar o processo de industrialização pelo qual a cidade passava, na época de sua chegada. Processo que, diga-se de passagem, figura entre as principais causas da entrada sistemática de levas nordestinas, na localidade, a partir do decênio de 1930. Por meio das informações coletadas sobre os nordestinos retratados pela pesquisa, foi possível concluir que sua instalação na cidade ocorreu paralelamente à política migratória empreendida pelo governo paulista, cujo alvo eram as fazendas de café e algodão do Estado de São Paulo. Dos migrantes aqui citados, há registros comprovando que, pelo menos, dois deles, antes de se instalarem na cidade, foram para o interior paulista. A chegada posterior a São Caetano teria sido uma

alternativa às duras condições de vida no interior. As ofertas de emprego nas indústrias da cidade significavam perspectiva de uma realidade melhor. As discussões aqui feitas constituem, contudo, apenas um esboço do que pode ser pesquisado e investigado sobre o tema ora proposto. Levantamentos mais detalhados poderão apontar outros nordestinos em São Caetano, a partir dos anos 1930, e, por conseguinte, o caminho por eles percorrido, possibilitando, assim, o acesso a informações imprescindíveis ao estudo da migração, como, por exemplo, as relativas à região de origem dos migrantes, ao modo como aconteceu a sua inserção no mercado de trabalho local, entre outras. Além disso, o fato de o tema envolver diferentes aspectos (históricos, culturais, econômicos, antropológicos, sociológicos, etc) reforça

Acervo/Memorial do Imigrante



Migrantes nordestinos descascam batatas em frente à cozinha da Hospedaria de Imigrantes, na década de 1930

também a necessidade de organização de trabalhos criteriosos que possam, com uma maior profundidade, discorrer a respeito desse rico assunto que é a migração nordestina para São Caetano do Sul. O desafio está lançado!

A migração nordestina sob a ótica literária

O processo de migração de populações nordestinas para o Sudeste do país intensificou-se a partir da década de 1930. Todavia, os estudos e pesquisas concernentes a tal fenômeno social começaram a ser realizados, com uma maior frequência, praticamente 40 anos depois de sua intensificação, portanto, em meados dos anos de 1970.

No campo literário, ao contrário do que sucedera no meio historiográfico, a preocupação com temáticas que remetiam à realidade da região nordestina tornou-se recorrente desde a chamada segunda fase do modernismo, no Brasil (1930 – 1945). Neste contexto, tornaram-se célebres obras como *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (ambos integrantes daquela segunda fase da escola modernista brasileira). Isso sem falar de João Cabral de Melo Neto, embora não seja considerado (pelo menos do ponto de vista estético) pelos especialistas como representante da terceira fase do modernismo, no Brasil, foi responsável pela criação de uma personagem que marcou a literatura regionalista: Severino, símbolo do migrante nordestino. Em *Morte e Vida Severina*, João Cabral apresenta a saga da personagem em questão. Para fugir da seca que atinge o sertão pernambucano, migra rumo a Recife.

Embora a literatura tenha retratado com riqueza a migração, ela colocou o migrante no papel de grandes vítimas de um quadro natural e ambiental, apenas. Ao abordar tal problemática, a historiadora Isabel Cristina Martins Guillen afirma que a produção literária regionalista *destituía os migrantes da condição de sujeitos, transferindo-a para a seca*.

Não há dúvida de que a seca aumenta a miséria, colaborando, portanto, para o êxodo. Mas, considerá-la como o principal elemento explicativo

da migração nordestina seria transferir para a natureza um problema que é político, econômico e social, conforme defende o historiador Odair da Cruz Paiva, em sua Tese de Doutorado, intitulada *Caminhos Cruzados: a migração para São Paulo e os dilemas da construção do Brasil Moderno*.

Nesse trabalho, Cruz Paiva faz importantes considerações sobre as mudanças ocorridas no país com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, em 1930. Com base em suas ideias, pode-se afirmar que toda a articulação observada, nos âmbitos político, econômico e social, em prol da elaboração de um projeto de modernização do Brasil, repercutiu nos próprios movimentos migratórios, uma vez que os mesmos se firmaram como uma das engrenagens de um sistema que estava a serviço das elites do país. Sendo assim, concebê-los exclusivamente como fruto de fatores naturais, como a seca, por exemplo, era de extrema conveniência às classes hegemônicas brasileiras. Tal postura escondia os verdadeiros motivos desencadeadores da migração nordestina para o Sudeste do país, possibilitando que as estruturas políticas, econômicas e sociais, então vigentes, não fossem colocadas em discussão.

Não é à toa que *a dupla construção da ideia (de um Nordeste) do atraso ganha força nos anos de 1930, já que a base social promotora da mesma – elites nordestinas e interesses de grupos agrários e industriais em São Paulo – encontra nela um elemento importante na defesa de seus interesses*, esclarece Odair da Cruz Paiva.

O Brasil de Vargas e a migração

Como já foi dito, a migração nordestina para o Sudeste intensificou-se a partir da década de 1930, na medida em que se enquadrou no projeto de modernização do Brasil. Entretanto, para colocar o projeto em prática seria necessário um rearranjo das elites no poder, fato que pressupunha mudança na orientação política em vigor no país, desde o início da chamada República Velha.

Durante sua vigência, o poder político nacional estava a cargo das oligarquias agrárias de São Paulo e Minas Gerais. Os interesses dessas oligar-

quias não só ditavam os rumos da política brasileira, como também obstruíam a ascensão de outros segmentos da sociedade, que, embora estivessem num processo de expansão, não conseguiam representatividade política, em razão de não estarem diretamente ligados ao setor cafeeiro, base da economia do país, na época da República Velha.

Diante de tal situação, articulou-se, no interior da sociedade brasileira, um movimento armado, sob o comando do Rio Grande do Sul, que conseguiu reunir outros Estados na chamada Aliança Liberal. Esta, após tentativa frustrada de chegar ao poder pelas vias legais e democráticas, depôs o então presidente da República, Washington Luís, no dia 24 de outubro de 1930. Getúlio Vargas, líder do movimento, era conduzido à chefia do Executivo nacional.

Com a chegada de Vargas à presidência, observou-se um excessivo fortalecimento do Estado em favor do desenvolvimento industrial brasileiro. Em decorrência disso, foi registrado, no âmbito econômico do país, um crescimento da burguesia industrial e do operariado. Embora tenha sido esta a orientação da política de Getúlio Vargas, o Estado deveria distinguir-se do que vigorara no período anterior, não devendo, assim, atrelar-se exclusivamente aos interesses de uma oligarquia ou classe social. Nesta perspectiva, caberia ao presidente da República manter-se acima das classes sociais para, desta forma, *encontrar a maneira de responder a todo tipo de pressões sem subordinar-se, de maneira exclusiva e duradoura, aos interesses imediatos de qualquer uma delas*, conforme expõe Francisco Weffort.

Segundo o referido autor, o poder político estruturado, em 1930, com a chegada de Vargas à presidência, é representado pela ideia de *Estado de Compromisso*, no qual o seu chefe atua como árbitro e grande conciliador dos inúmeros interesses provenientes da sociedade em geral.

E, de fato, Getúlio Vargas posicionou-se como um árbitro em face das conjunturas vigentes no Brasil, na década de 1930. Se, por um lado, procurou favorecer segmentos ligados à indústria (em-



presários e operários), por meio de medidas conciliatórias, que criavam condições para a expansão do setor sem afetar integralmente os interesses do operariado (“agraciado” pelas leis trabalhistas), de outro, manteve intacta a estrutura agrária, beneficiando as elites rurais brasileiras.

Este quadro propiciaria, sobremaneira, os movimentos migratórios de populações de regiões onde havia a predominância do latifúndio, entre as quais o Nordeste, rumo às áreas em que a industrialização estava em acelerado processo de expansão, como, por exemplo, a cidade de São Paulo e adja-



Migrantes embarcam, na estação da Hospedaria de Imigrantes, rumo às fazendas de café e algodão do interior do Estado de São Paulo, em 1939

cências. A migração, pelos motivos expostos, seria interessante tanto para a elite industrial quanto para a rural, uma vez que os migrantes serviriam de mão-de-obra abundante e barata ao empresariado e deixariam de ser uma ameaça à manutenção da ordem vigente no campo.

É importante ainda salientar que a migração nordestina interessaria também aos fazendeiros paulistas. Sendo assim, a inserção de trabalhadores migrantes ocorreria tanto no setor de exportação, em especial nas lavouras de café, quanto no plantio do algodão, matéria-prima essencial para as indús-

trias têxteis do Estado de São Paulo. Foi na década de 1930 que a cotonicultura voltou a ganhar destaque no cenário econômico brasileiro, em razão de sua significativa expansão no interior paulista, sobretudo na região Noroeste do Estado. A crise pela qual passava o setor cafeeiro, por ocasião da depressão econômica mundial deflagrada, em 1929, pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, contribuiu muito para o crescimento da cultura algodoeira, naquela área. Nesta perspectiva, a adoção de mão-de-obra de migrantes traria benefícios para esses dois setores da agricultura paulista, uma vez que criaria



O prefeito Ângelo Raphael Pellegrino assina a Lei Municipal nº 1 de São Caetano, no dia 14 de abril de 1949. Ao seu lado, Benedito de Moura Branco (chefe de Gabinete)

condições para o barateamento dos custos de sua produção, algo extremamente vantajoso tanto para os cafeicultores, que procuravam superar a crise, quanto para os cotonicultores, que, em processo de expansão, buscavam sua afirmação perante a economia brasileira.

A política migratória do governo paulista

Diante dessa gama toda de interesses e de conjunturas externas (declínio da imigração, em decorrência da ascensão de governos nazi-fascistas em países, até então, fornecedores de trabalhadores ao Brasil), o governo paulista tratou de conceder sua contribuição ao processo de nacionalização da mão-de-obra (questão que, desde o início do governo Vargas, promovia grandes discussões políticas e ideológicas), por meio da criação, em 1939, da Inspetoria de Trabalhadores Migrantes (ITM). Desta forma, as autoridades reeditaram a política de subsídios, prática iniciada no final do século XIX, que marcara a inserção de imigrantes no país. Orientada para a vinda de trabalhadores nacionais para as lavouras de café e algodão do interior de São Paulo, a ITM teve como alvo a mão-de-obra de nordestinos e mineiros, transformados em migrantes por tal política.

Em razão dessa nova orientação, a Secretaria

da Agricultura do Estado de São Paulo precisou recorrer aos serviços da Hospedaria de Imigrantes, em virtude de já possuir uma estrutura, passou a receber os migrantes.

Além de contar com serviços existentes desde a época dos grandes fluxos imigratórios para o Brasil, como foi o caso da estrutura oferecida pela Hospedaria de Imigrantes, a Secretaria da Agricultura criou também novos mecanismos para melhor respaldar a política migratória. Em vista disso, observou-se, em 1939, a criação, por meio do Departamento Estadual do Trabalho, de postos, nas cidades mineiras de Pirapora e Montes Claros, para o recrutamento de migrantes. A primeira, porto fluvial do Rio São Francisco, recebia nordestinos procedentes de vários Estados. Eles chegavam àquela cidade via Juazeiro (Bahia) e Petrolina (Pernambuco).

Raimundo da Cunha Leite, cuja trajetória como migrante é apresentada em um dos artigos desse *Dossiê*, foi submetido ao recrutamento, em Pirapora, quando de sua vinda para São Paulo. Sua história, aliás, constitui um caso à parte, se comparada com a de outros nordestinos estabelecidos em São Caetano, entre as décadas de 1930 e 1950. Dos grupos retratados nesse trabalho e no artigo que o complementa, publicado logo na sequência, seus in-

tegrantes, ao contrário do que ocorrera com Cunha Leite, tiveram seu processo de vinda para São Paulo verificado de maneira não oficial, ou seja, observado paralelamente à política migratória do governo paulista. Sendo assim, a inserção desses nordestinos em São Caetano, na maioria dos casos, deu-se ou de modo espontâneo, ou por influência de parentes ou amigos que aqui já estavam.

Mesmo que a instalação dos nordestinos aqui citados não tenha sido promovida pela política migratória oficial, não há dúvida de que sua inserção na cidade aconteceu em consonância com os interesses do tão almejado projeto de modernização do país. Além do mais, foi no contexto de definição das bases de tal projeto que se observou o início da

entrada sistemática de migrantes nordestinos a São Caetano, a partir dos anos 1930. Esses migrantes serviram de mão-de-obra ao respeitável parque industrial da cidade, que, naquele período, já contava com a atuação de um poderoso trio de projeção internacional, representado pelo grupo Matarazzo, Cerâmica São Caetano e General Motors. Assim, só poderiam contribuir para o processo de modernização do Brasil, sendo uma de suas molas propulsoras.

Os migrantes nordestinos pioneiros em São Caetano

A década de 1930 pode ser considerada o marco do processo de instalação dos migrantes nordestinos em São Caetano. Foi a partir daquele

Acervo/Raimundo da Cunha Leite



Antônio Duarte Cerqueira e Geovanina Borges Duarte (Dona Jovem) com as filhas Maria de Lourdes (à esquerda) e Maria Dulce, em foto tirada no Jardim da Luz, em São Paulo, no dia 12 de janeiro de 1938

decênio que a entrada de grupos oriundos do Nordeste tornou-se sistemática, sendo mais intensa nas décadas de 1940 e 1950, quando a industrialização na região do atual ABC paulista atinge níveis altíssimos.

Durante as duas primeiras décadas do século passado, a população de São Caetano era formada, em sua maioria, por membros e descendentes de diferentes correntes imigratórias, com destaque para a italiana, a espanhola e a portuguesa. Engrossavam esses grupos representantes de outras etnias, entre as quais a alemã, a ucraniana e a nipônica. Isso sem falar de famílias originárias de diferentes regiões do interior paulista e de outros Estados brasileiros, vindas atraídas pelas oportunidades de emprego oferecidas pelas fábricas locais.

Na década de 1920, um nordestino já integrava a população multiétnica de São Caetano. Trabalhava-se do engenheiro Ângelo Raphael Pellegrino. Posteriormente, veio a se tornar o primeiro prefeito do município. Nascido em Jaqueira, Pernambuco, no dia 26 de julho de 1891, Pellegrino chegou à cidade no ano de 1921 para assumir a gerência da então Cerâmica São Caetano Ltda. (quando a fábrica não era ainda dirigida por Roberto Simonsen e Armando de Arruda Pereira).

Se já havia, em São Caetano, outros nordestinos, quando da chegada de Ângelo Pellegrino, isso é algo a ser investigado. Assim como é preciso levantar informações sobre os trabalhadores recrutados para as obras de construção da General Motors, na cidade, iniciadas no dia 24 de setembro de 1927. Será que havia algum nordestino entre esse grupo de trabalhadores?

Dúvidas à parte, o certo é que as obras de edificação da montadora atraíram grande quantidade de pedreiros, serventes e ajudantes. A presença desse numeroso grupo abriu espaço, em São Caetano, para o estabelecimento de atividades que pudessem atender à demanda dele proveniente. A respeito disso, Ademir Medici registrou uma curiosa informação: *Ferrucio Nonato, natural de Luca, Itália, morava em São Carlos, no interior do Estado, quando ficou sabendo que a GM iria abrir uma firma de*

porte em São Caetano, trocou a roça pela cidade e instalou pensão na avenida Goiás, em 1928. Ferrucio deu refeições e hospedou muito migrante.

Em 1937, sete anos depois da inauguração oficial das instalações da General Motors, em São Caetano (episódio ocorrido no dia 12 de agosto de 1930), chegava à cidade Maria Helena Guedes. Nascida em Petrolina, Pernambuco, foi criada pelos padrinhos João Raimundo de Oliveira e Maria Moura de Oliveira. Acompanhou-os, quando deixaram o Nordeste rumo à Fazenda Jangada, localizada nas proximidades da cidade de Guararapes, na região Noroeste do Estado de São Paulo.

A falta de perspectiva provocada pelo árduo trabalho na lavoura de café de tal fazenda levou seu padrinho a decidir pela vinda para a cidade de São Paulo. Após um breve período na capital paulista, ocorreu a instalação da família em São Caetano, onde residia, desde 1935, aproximadamente, um grande amigo do padrinho de Maria Helena, o também pernambucano Orlando Souza (posteriormente, um dos líderes autonomistas de São Caetano e vereador, em duas legislaturas municipais: 1953-1957; 1957-1961). Na cidade, a primeira moradia da família de Maria Helena ficava na Rua Piauí.

Em 1941, a pernambucana Maria Helena Guedes é admitida pelas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, mais precisamente pela seção de rayon do grupo, vindo a exercer aí as funções de maquinista e mestre, durante 31 anos.

Em contínua expansão, desde meados da década de 1910, a Matarazzo passa a polarizar a vida no Bairro da Fundação, atraindo trabalhadores de todas as partes, como, por exemplo, o baiano Antônio Duarte Cerqueira. Procedente da região de Juazeiro da Bahia, chegou a São Caetano por volta de 1934, acompanhado da esposa, Geovanina Borges Duarte (Dona Jovem), e das duas filhas, Maria de Lourdes e Maria Dulce.

Antes do ingresso, como chefe de turma, na Rayon Matarazzo, Antônio Duarte trabalhara na Companhia Brasileira de Mineração (Companhia Mecânica), naquela época, instalada às margens do Rio Tamanduateí, no Bairro da Fundação. Com



Raimundo da Cunha Leite, durante seu mandato como prefeito de São Caetano do Sul (1977 – 1982)

o afastamento do grupo Matarazzo, por motivo de saúde, o baiano Antônio resolve instalar com sua esposa uma pensão no nº 389 da Rua Perrella. Tal estabelecimento, popularmente chamado de Pensão da Dona Jovem, ganhou, em pouco tempo, fama e respeito por parte dos nordestinos que chegavam a São Caetano, tornando-se hospedagem obrigatória desses migrantes.

No início do mês de novembro de 1939, a Pensão da Dona Jovem recebia mais dois hóspedes originários do Nordeste, entre tantos que lá já estavam: Antônio Ferreira Leite e Raimundo da Cunha Leite (que se tornou prefeito de São Caetano do Sul), pai e filho, respectivamente. Originários de Rancharia, subdistrito do município de Juazeiro da Bahia, dirigiram-se, inicialmente, para o município paulista de Colina, onde já estava o parente Manoel da Cunha Barbosa.

Na verdade, o destino pretendido sempre foi São Caetano, mas, por força da passagem pela Hospedaria de Imigrantes, em observância a deter-

minadas convenções para fins de controle e triagem dos grupos submetidos à política migratória do governo paulista, tiveram de ser encaminhados para o interior de São Paulo.

Entre os hóspedes que passaram pela Pensão da Dona Jovem, destacam-se os seguintes nordestinos: Eptácio Rodrigues da Silva (pracinha da Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial), Euclides da Cunha Barbosa, José Rodrigues da Silva, José Barbosa da Cunha, Bento Vellannes Regis (líder autonomista e, depois, vereador na primeira legislatura de São Caetano do Sul), Francisco Chagas da Silva, Oswaldo Barbosa Gonçalves, Urbano Rodrigues da Silva, Francisco Souza Martins e Abel dos Santos Bastos.

Quando Raimundo da Cunha Leite instalou-se com seu pai, na cidade, aqui já estava, desde meados da década de 1930, o migrante Bernardino Borges, de quem Cunha Leite era parente. Figura bastante popular, Bernardino Borges atuou no comércio e na política da cidade, sendo um dos fun-

dadadores, ao lado de Raimundo da Cunha Leite, do Diretório Municipal do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Bernardino Borges viria a se tornar suplente de vereador pelo partido em questão junto à Câmara Municipal de São Caetano.

A expansão da industrialização e da urbanização: prenúncio da chegada de novos migrantes nordestinos

No início dos anos 1940, uma nova etapa começava a acenar para a história da cidade e, com ela, o prenúncio da chegada de novos migrantes nordestinos. A industrialização continuava em pleno processo de crescimento, fato que concedia a São Caetano uma significativa preponderância econômica em relação a Santo André (município ao qual estava, na época, vinculado na condição de 2ª Zona), em quesitos importantes, conforme atestam os dados publicados no semanário *O Imparcial*, de 27 de julho de 1940:

	Santo André	São Caetano
Capital das indústrias	86.660:712\$200	114.981:257\$000
Operários	7.661	8.127
Área das fábricas	232.321m ²	301.703m ²
Salários pagos em 1937	21.299:853\$700	28.708:893\$900
Casas comerciais	405	341
Padarias	23	12

Essa vantagem numérica dava a São Caetano total condição de organizar um movimento em prol de sua autonomia política e administrativa. E foi o que se verificou, a partir de meados da década de 1940, com a mobilização da sociedade em torno do sonho da emancipação, concretizado no dia 24 de outubro de 1948, data da realização do plebiscito que concedera o *status* de município à industrializada São Caetano.

Em relação à presença do migrante nordestino na cidade, o decênio de 1940 foi também marcante, uma vez que mudanças no seu comportamento passam a ser observadas, a partir de então. O costume relativo à hospedagem em pensões, por exemplo, cedeu espaço ao referente à locação de pequenos cômodos e à compra de lotes para a construção de moradias, em terrenos nos quais se desenvolveram alguns dos bairros atuais do município. Era a expansão urbana que, ao refletir o crescimento industrial, na cidade, conferia-lhe também uma nova fisionomia (a de subúrbio), bem distinta daquela que caracterizara como bucólica a paisagem de São Caetano, até as primeiras décadas do século passado. **R**

Bibliografia

BARROS, Edgard Luiz de. *O Brasil de 1945 a 1964*. 3a ed. São Paulo: Contexto, 1992.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e História*. 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

GUILLÉN, Isabel C. M. *Seca e Migração no Nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica*. In: Helenilda Cavalcanti; Joanildo Burity. (Org.). *Polifonia da Miséria. uma construção de novos olhares*. Recife: Editora Massangana, 2002, v.1, p.226-236.

LEITE, Raimundo da Cunha. *Memórias – Raimundo da Cunha Leite (1923-1993)*. São Paulo; São Caetano do Sul: Alendaarte Editora, 2002.

MARTINS, José de Souza. *Subúrbio (vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano do Sul, do fim do Império ao fim da República Velha)*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

MEDICI, Ademir. *Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993.

PAIVA, Odair da Cruz. *Caminhos Cruzados: a migração para São Paulo e os dilemas da construção do Brasil Moderno, nos anos 1930/50*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, USP, Ano de obtenção: 2000.

_____. *Brasileiros na Hospedaria de Imigrantes: a migração para o Estado de São Paulo (1888 – 1993)*. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2001.

WEFFORT, Francisco Corrêa. *O Populismo na Política Brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

Arquivo do Memorial do Imigrante
Registros de migrantes (1888 – 1930).

(*) Cristina Toledo de Carvalho, historiadora e supervisora do Museu Histórico Municipal

A PRESENÇA NORDESTINA NOS QUATRO CANTOS DE SÃO CAETANO

Acervo/Lecarião Pereira de Mello



O nordestino Lecarião Pereira de Mello, na Vila Monte Alegre Novo (atual Bairro Olímpico), no final da década de 1940. Nessa época, ainda havia muitas áreas vazias naquela região do município, situação que não tardaria a se modificar, em razão do crescimento industrial e urbano de São Caetano

A partir da década de 1940, ocorreu a disseminação da venda de lotes situados em áreas em que, no passado, encontravam-se antigas colônias de São Caetano. Esse episódio vinculase ao processo de expansão industrial, na cidade. As vilas que começaram a surgir e a se expandir, nesse período, se constituíram no embrião dos atuais bairros sancaetanenses.



Vista panorâmica das instalações da General Motors, na década de 1950. Nessa época, São Caetano estava em pleno processo de urbanização. Destaque para o trecho da imagem em que aparece uma parte da antiga Vila Paula (em primeiro plano, à direita)

Embora haja a concepção de que os italianos povoaram o Bairro da Fundação, os espanhóis construíram o antigo Monte Alegre, a Vila Paula tenha sido local exclusivo de uma diversificada colônia europeia formada, predominantemente, por ale-

mães, lituanos, poloneses, húngaros e iugoslavos, e os nordestinos foram os ocupantes dos bairros São José e Nova Gerty, uma análise mais detalhada das etnias presentes em São Caetano mostrará que há diferentes raças e nacionalidades em todos os bair-



ros do município.

No tocante aos nordestinos, apesar de sua presença ter sido maciça nos bairros São José e Nova Gerty, há registros que comprovam sua fixação em outras áreas da cidade. Convém destacar que foi en-

contrada referência a respeito da participação efetiva de um nordestino no processo de loteamento do então Monte Alegre Novo (terreno, posteriormente, absorvido pelo Bairro Olímpico). A personagem mencionada é o baiano Bertolino da Cunha Barbosa, que, segundo consta, na qualidade de preposto dos loteadores da gleba em questão, não só vendia os lotes, como também, muitas vezes, ajudava os seus adquirentes com o fornecimento de telhas e tijolos para a construção de suas casas. Bertolino da Cunha, tio de Raimundo da Cunha Leite, chegou a São Caetano, na década de 1940. Na cidade, foi funcionário da Câmara Municipal até se aposentar.

A transformação de São Caetano numa cidade de perfil essencialmente industrial levou Francisco Canger, Gisela Heinsfurter e Stefan Gutmann, loteadores da Vila Monte Alegre, a encaminhar à Prefeitura de Santo André requerimento para aprovação da proposta de retalhamento de quadras daquele loteamento, que havia sido traçado em fins do decênio de 1920. Pretendiam com isso aumentar o número de lotes urbanos, naquela área, em razão da demanda surgida com a chegada de novas levadas de migrantes, na cidade, no final da década de 1940. As mudanças propostas compreendiam quadras localizadas no atual Bairro Olímpico, chamado, a partir de então, de Vila Monte Alegre Novo. Foram os lotes situados nessas quadras que o baiano Bertolino da Cunha ajudou a vender.

Além da Vila Monte Alegre, outros loteamentos antigos da cidade sofreram sucessivos retalhamentos, até, pelo menos, o final da década de 1960. Em virtude de tais mudanças, houve o aumento da oferta de lotes populares e, consequentemente, a intensificação do processo de urbanização, em São Caetano. Foi sob esse contexto que os migrantes nordestinos se instalaram em diferentes áreas que hoje integram bairros da cidade.

Na década de 1950, os movimentos migratórios tiveram um considerável aumento na região do ABC, por ocasião do desenvolvimento e incremento da indústria automobilística. Inserido no projeto desenvolvimentista e nacionalista de Juscelino Kubitschek, esse ramo da produção industrial de-



Lecarião Pereira de Mello (à esquerda) ao lado do primo Geraldo Gomes de Oliveira, no General Motors Esporte Clube, no final da década de 1940

veria ser submetido a um processo de nacionalização, que culminaria em 1960, com todos os veículos apresentando componentes nacionais. Em decorrência dessa exigência, observou-se um crescimento significativo das empresas de autopeças, no país.

O Grande ABC passou a concentrar, a partir de então, as indústrias automobilísticas e suas derivadas (autopeças), em razão da soma de fatores favoráveis, naquele momento, entre eles: oferta de grandes áreas, energia elétrica, abundância de água, localização e mão-de-obra. Esta, que já era expressiva em termos quantitativos, por conta da entrada constante de migrantes na região, intensificou-se ainda mais diante de tal conjuntura histórica.

Os reflexos dessa nova era da produção automobilística, no Brasil, fizeram-se notar em São Caetano. Com a chegada de novos grupos de migrantes nordestinos, observou-se a expansão de áreas que se firmaram como verdadeiros redutos dessa população, entre as quais o Bairro Nova Gerty. Segundo Ademir Medici, a citada localidade *representa a nova São Caetano e a síntese do processo migratório experimentado pela região do ABC, a partir (...) da década de 50 para cá. Sendo assim, quando se pensou em homenagear com uma grande obra os nordestinos de São Caetano, o bairro escolhido foi o Nova Gerty, que recebeu a praça dos Nordestinos. Para decorar a praça, nada melhor que uma estátua gigante do Padre Cícero*, arremata Medici.

Os migrantes nordestinos e a ocupação de diferentes áreas da cidade

O fato de o Bairro Nova Gerty ter concentrado grande número de nordestinos, assim como o Bairro São José, não significa que as demais regiões da cidade não tenham apresentado entre os seus habitantes grupos oriundos do Nordeste. Como já foi dito, São Caetano apresenta um quadro populacional que agregou, ao longo de sua história, diferentes etnias e raças. No caso dos nordestinos, há referências que apontam para a presença de um pequeno grupo deles no Bairro Barcelona, já na década de 1940. Lecarião Pereira de Mello, originário da região de Seridó, no interior do Rio Grande do Norte, fazia parte de tal grupo. Sua chegada a São Caetano ocorreu em 1948. Após ter servido como pracinha da FEB, na Segunda Guerra Mundial, Lecarião Pereira resolveu aceitar o convite do primo Manoel Elison da Silva, que trabalhava na General Motors. Na cidade, a primeira moradia de Lecarião foi numa pensão localizada na Rua Alegre, pensão na qual, além de Elison, moravam outros dois primos seus: Valentin e Geraldo Gomes de Oliveira. A proprietária do local era uma portuguesa de nome Ana.

No dia 8 de abril de 1950, chegava a São Caetano Anna de Castro Mello. Proveniente da cidade de Parelhas, também situada na região de Se-

ridó, no Rio Grande do Norte, se tornaria esposa de Lecarião Pereira de Mello. Sua vinda para o município ocorrera por influência da irmã, Maria José Elias, e do cunhado, André Elias Neto, em São Caetano desde 1947.

Após oito dias de cansativa viagem no primeiro pau-de-arara saído de Parelhas, Anna de Castro prosseguiu rumo a São Caetano. Já instalada na cidade, mais precisamente na Rua Alegre, uma nova vida apresentou-se a ela: o emprego na fábrica de papel Battes, no Ipiranga, e o casamento com o conterrâneo Lecarião. O casal ainda reside na Rua Capeberibe, no mesmo local onde o ex-combatente da FEB comprara, antes de casar-se, um lote para a construção de sua casa.

Em 1948, ano da instalação de Lecarião Pereira de Mello, na cidade, a então Vila Barcelona ainda apresentava muitas áreas vazias, situação que não tardaria a se modificar, por conta do ritmo acelerado que a industrialização assumia. Fato que acarretou a entrada de novas levas de migrantes provenientes não só do Nordeste, mas também do interior do Estado de São Paulo, de Minas Gerais e até do Paraná.

Desta forma, tornou-se efetivo o processo de ocupação de outros bairros da cidade, a partir do final da década de 1940, com a presença de migrantes. Além dos bairros Nova Gerty, São José e Barcelona, verificou-se também a presença de nordestinos, a partir daquele período, em áreas que hoje fazem parte dos bairros Boa Vista, Prosperidade e Mauá.

No decênio de 1950, a então Vila Júlia (nome dado ao loteamento que, posteriormente, integraria a área compreendida pelo atual Bairro Boa Vista), passou a oferecer a muitas famílias de trabalhadores a venda de casas prontas, ao contrário do que vinha ocorrendo em outras regiões da cidade, onde se comercializavam apenas os lotes urbanos, cabendo aos seus compradores a construção de suas respectivas casas, o que se dava, geralmente, em regime de mutirão. O pernambucano Possidio Ribeiro de Araújo foi um dos primeiros adquirentes de uma dessas casas prontas.

Na região que hoje compõe o Bairro Prospe-

ridade, tudo indica que o primeiro morador nordestino tenha sido o cearense José Leite Silva. Segundo informações coletadas pelo jornalista Ademir Medici, José Leite casou-se com Idalina, filha do português José do Amaral. O casal vivia numa modesta casa da Rua da Garça. No entender de Medici: *Dois dos mais antigos moradores do bairro. Dona Idalina chegou ao bairro antes do marido. Desde os oito anos de idade, quando o português José Amaral, seu pai, se estabeleceu na localidade. Era 1926.*

Definir com exatidão a data da chegada de José Leite Silva a São Caetano é algo complicado, para não dizer inviável, diante da inexistência de registros a respeito. Mas um período pode ser sugerido, tendo em vista um fato que foi relatado pelo próprio José Leite a Ademir Medici, quando este levantava informações para o livro, de sua autoria, *Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. Conforme lhe confidenciou o cearense, algumas figuras influentes na cidade tinham o costume de frequentar áreas do bairro para caçar pato e marreco. Entre tais figuras presenciadas por ele, estava conde Francisco Matarazzo. Partindo do princípio de que o falecimento do mesmo se deu em 1937, é de se supor que José Leite tenha se instalado em São Caetano na década de 1930, alguns anos antes da morte do famoso industrial italiano.

Além disso, é importante também ressaltar que foi a partir dos anos 1930 que a entrada de migrantes nordestinos em São Caetano tornou-se sistemática, fato que reforça a suposição referente ao período da chegada de José Leite Silva à cidade.

Foram encontradas ainda referências a nomes de nordestinos que se instalaram na antiga Vila Boqueirão (hoje Bairro Mauá), já no início da década de 1960, pouco tempo depois do início da venda dos lotes dessa área. Entre tais nomes está o de Ademir Gonçalves da Silva, que chegou a São Caetano, acompanhado da família, em 1954, vindo de Senhor do Bonfim, Bahia. Antes de instalar-se na Vila Boqueirão, Ademir Gonçalves morou na Vila São José, onde já residia um número significativo de baianos. Em seguida, foi para a Vila Gerty, localidade que também já apresentava muitos migrantes. Após um



período nesse bairro, a mudança para a Vila Boqueirão, em 1962.

Outro nome localizado entre os primeiros nordestinos que se fixaram na antiga Vila Boqueirão foi o de Luiz Gonzaga de Barros. Antes de estabelecer-se nessa região, ele percorrera um trajeto que ia

ao encontro dos interesses da migração. Isso porque, em 1937, saiu de Viçosa, na Bahia, rumo ao interior paulista para trabalhar na lavoura de café. A vinda para São Caetano aconteceria somente em 1945. Na cidade, Luiz Gonzaga foi funcionário da Cerâmica São Caetano, atendendo ao interesse de outra elite



O pernambucano Possídio Ribeiro de Araújo (o terceiro, a partir da esquerda) com colegas do Corpo de Bombeiros. O fato de ter exercido a profissão de bombeiro o coloca numa situação diferente diante dos demais nordestinos instalados na cidade, pois a grande maioria deles trabalhou nas indústrias locais

brasileira, no tocante à migração: a burguesia industrial. No início da década de 1960, Luiz Gonzaga de Barros chega, finalmente, à Vila Boqueirão.

O pernambucano Pedro Lucena da Cruz, ao contrário dos outros dois nordestinos acima citados, veio direto para a Vila Boqueirão. Sua chegada ocor-

reu em 1964, em função do emprego conseguido na Martini & Rossi, em São Bernardo do Campo. Nessa época, já existiam muitas casas na parte alta do bairro, confirmando a intensificação da urbanização, na cidade, que, assim, via as suas áreas vazias extinguindo-se aceleradamente.

Na década de 1970, já com o seu processo de industrialização consolidado e praticamente com todo o seu território ocupado, São Caetano do Sul preparava-se para entrar numa nova fase de sua história. Determinada pela conjugação de fatores internos (ausência de espaço) e externos (globalização econômica), essa fase histórica é representada pelo fenômeno da desindustrialização do respeitável parque fabril sancaetanense. Indústrias que, no passado, atraíram inúmeros migrantes nordestinos para a

cidade, deixariam, pouco a pouco, São Caetano do Sul rumo a regiões que propunham menores encargos tributários e que ofereciam áreas com dimensões capazes de garantir a expansão da produção. Imposições da dinâmica do sistema capitalista que, independentemente da roupagem assumida, frente a diferentes contextos históricos, sempre manteve intacta a sua essência: o lucro. (Cristina Toledo de Carvalho) **R**

PAU-DE-ARARA

*NO COMEÇO DO SÉCULO, UM CARTEIRO DE PERNAMBUCO, NO RETORNO À CAPITAL, TRAZIA SOBRE OS OMBROS UMA GRADE ONDE ACORRENTAVA, PELOS PÉS, ARARAS, PAPAGAIOS, JANDAIAS E PERIQUITOS QUE IA ENCONTRANDO E QUE TINHA FREGUESIA CERTA. NO RECIFE, VENDIA TUDO, COMPENSANDO OS LUCROS OS INCÔMODOS DE TÃO FANTÁSTICA VIAGEM. QUANDO, HÁ ALGUNS ANOS, APARECEU EM SÃO PAULO O NORDESTINO, FAZENDO O TRAJETO EM AUTOCAMINHÃO COM TÁBUAS ADAPTADAS EM SENTIDO TRANSVERSAL À CARROCERIA, EM TREMENDA PROMISCUIDADE E DESCONFORTO, LOGO SURTIU A CLASSIFICAÇÃO DE PAUS-DE-ARARA PARA O VEÍCULO E O PASSAGEIRO.
(...)*

PENTEADO, Jacob. *Memórias de um postalista*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963 apud MEDICI, Ademir. *Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*, p.545.

Bibliografia:

MEDICI, Ademir. *Migração e Urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1993.

OS PRINCIPAIS FATOS DA HISTÓRIA DA BRASIL UNIDO SÃO NOVAMENTE CONTADOS

As informações que seguem foram originalmente publicadas em dezembro de 2000, na edição de número 22 da Revista *Raízes* (p.68-71). Assinada por Raimundo da Cunha Leite, a matéria apresenta fatos relativos à fundação da Sociedade Beneficente Brasil Unido. Além de abordar o início de suas atividades e os episódios mais marcantes de sua trajetória, relatou os 50 anos completados em 2000. Levando em consideração que a Brasil Unido integra a história da migração nordestina para São Caetano do Sul, o trabalho não poderia deixar de compor o presente *Dossiê*. Assim, *Raízes* optou por publicar novamente a matéria elaborada por Cunha Leite, um dos fundadores da entidade. Ao texto original, foi acrescentada, na íntegra, a reportagem do *Jornal de São Caetano* sobre a visita realizada, no dia 5 de julho de 1954, por uma comissão da Sociedade Beneficente Brasil Unido ao Presidente da República, Getúlio Vargas. O então presidente recebeu também um grupo formado por quatro vereadores sancaetanenses, enviados ao Rio de Janeiro com o propósito de reivindicar a construção de casas populares no terreno do antigo Instituto de Aposentadoria dos Industriários (IAPI), localizado na Avenida Comandante Taylor, na divisa entre São Caetano e São Paulo. Esses dois acontecimentos, curiosos e importantes, repercutiram na sociedade local e foram amplamente divulgados pela imprensa da cidade, há 55 anos.

Dois de Julho de 1950: nascia a Sociedade Brasil Unido

Foi no início da década de 50. Ao contrário do que ocorreu nos anos 40, quando os nordestinos e nortistas que migravam para São Paulo obrigatoriamente rumavam para o interior do Estado (a fim de trabalhar no desmatamento de glebas para o plantio de café e, posteriormente, no de algodão), o ciclo inverteu-se: a capital e as áreas periféricas, sobretudo a região do ABC (embrião do maior parque industrial da América do Sul), começaram a receber grande número de migrantes provenientes do Norte e Nordeste.



Acervo/Raimundo da Cunha Leite

Alguns dos fundadores da Sociedade Beneficente Brasil Unido. Da esquerda para a direita: Aprígio Bernardino de Salles, (?), Bernardino Borges de Salles e Orlando Souza

Os que vieram para São Caetano defrontaram-se com situações constrangedoras. Falta de moradia e dificuldades na obtenção de emprego foram alguns dos problemas, não apenas pela baixa qualificação, mas também devido ao preconceito. Tudo isso levava aquela pobre gente a um verdadeiro estado de miserabilidade, motivo de preocupação e vergonha até para aqueles que, estando aqui já há algum tempo, gozavam de certo prestígio na sociedade. Havia, entre os nordestinos de destaque, profissionais liberais e funcionários públicos.

Esses migrantes de maior projeção, preocupados com as condições de vida dos conterrâneos, criaram uma entidade que tinha por objetivo orientar socialmente os mais necessitados. Em dois de Julho de 1950, nasceu a Sociedade Beneficente Brasil Unido. Na falta de local mais amplo para a realização da assembléia de fundação, a reunião teve lugar no Restaurante Arrelaro, que se localizava na Rua João Pessoa e que pertencia ao italiano Daniel Arrelaro. Foi Jorge de Souza Muniz Ferreira, primeiro presidente da associação, o organizador do encontro.

A ata de fundação da *Brasil Unido* lavrou-se no local e dia mencionados. Os pioneiros foram: Francisco Afonso de Carvalho, Humberto Fernandes Fortes, Teodoro Balduino Ferreira, José de França Dias, Júlio Júnior de França, Pedro Hermenegildo Ferreira, Francisco José de Souza, Luiz Dias da Silva, Antônio França Neto, Raimundo da Cunha Leite, Jorge de Souza Muniz Ferreira, Jair Batista, João Fernandes Calheiros, Francisco Tavares, Francisco José da Silva, Manoel Pedro Conceição, Aprígio Bernardino de Salles, Bernardino Borges, José Ferreira de Queirós, Manoel Tenório Filho, Augusto Muniz, Manoel João de Carvalho, Artur Pereira de Andrade, Aurélio Santos, Jorge Máximo de Azevedo, Abdias José da Silva, Celso Cardoso do Nascimento, Antônio Porfírio de Andrade, Antenor A. Brandão, Antônio Ferreira Pontes, Saturnino Bispo da Silva, Olívio Botelho, João Duarte de Souza, José Vicente de França, José Pereira de Carvalho, Antônio Saraiva de França e Manoel Hermenegildo do Nascimento.

As reuniões no *Arrelaro* aconteciam nas manhãs de domingo. Às 11h, quando os primeiros

Acervo/Raimundo da Cunha Leite

ATENÇÃO!

Avisamos aos Mestres de São Caetano do Sul que estando em Organização a **SOCIEDADE BENEFICENTE BRASIL UNIDO**, Temos a subida honra de convidar a todos os interessados para as nossas sessões de Domingos às 10 horas em sua Sede Social, a Rua Alagoas n. 500, na qual serão discutidas as normas de trabalho a que se destina a Sociedade.

Já contamos com elevado numero de Socio, e pedimos a todos os Filiados à Sociedade que desenvolvam uma Campanha em prol do maior numero de seu quadro Social. A Sociedade não tem cõr Política, Social, Racial e Religiosa.

Ela se destina a congregar elementos Brasileiros que, aqui chegam necessitado de amparo Moral e Social.

A DIRETORIA

Ao lado:
Comunicado
emitido pela
Brasil Unido

Acervo/Raimundo da Cunha Leite



Solenidade comemorativa do terceiro aniversário da *Brasil Unido*. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Joana Lacerda Leite, Júlio de Mello, Oriundo Dal Pogetto, Oswaldo Samuel Massei, Jordano P. S. Vincenzi, Luiz Neves, José de França Dias, Aprígio Bernardino de Salles, Nicolau Delic, Francisco de Almeida Claro e Mário Rodrigues. Foto de julho de 1953

clientes começavam a chegar, interrompiam-se os debates. Vale lembrar que o Restaurante Arrelaro era o mais conceituado da cidade. E nenhuma maratonada era melhor que a servida nessa casa.

Logo de início, os organizadores da *Brasil Unido* tomaram consciência da importância de se possuir uma sede social adequada. Uma residência, situada na esquina das ruas Alagoas e Santo Antônio e pertencente à professora Maria Macedo (que, posteriormente, deu nome a uma das vias públicas de São Caetano), foi alugada.

Instalado, o grupo passou a traçar planos de atuação. Num primeiro instante, a criação de uma escola para alfabetizar adultos e aprimorar os conhecimentos dos que já possuíam as primeiras letras foi a prioridade. De fato, a pouca ou nenhuma escolarização dos nordestinos dificultava o ingresso nas

indústrias da região. Além disso, os estudos permitiriam ao migrante maior facilidade para integrar-se à comunidade; que na época era arredia em relação aos ditos *paus-de-arara*. A ideia era boa, mas faltavam condições financeiras para a concretização.

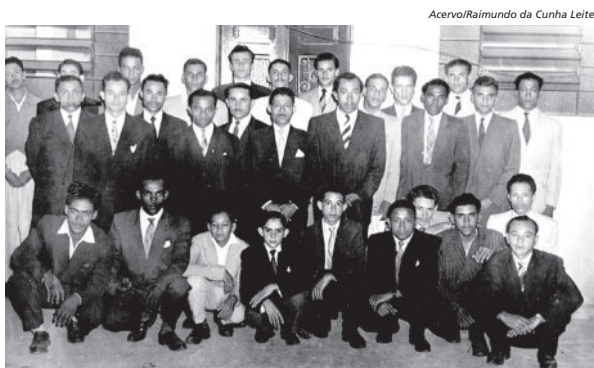
Foi nessa altura dos acontecimentos que o autor do texto pode ajudar os companheiros. Assumiu a responsabilidade de prover a escola com mesas e bancos, também se ofereceu como professor (pois o dinheiro não era suficiente para a contratação de um profissional). Logo depois, face ao sucesso do empreendimento e contando com o esforço de todos, foi possível contratar um mestre de verdade.

Nesse tempo, o SESI (Serviço Social da Indústria) havia criado os chamados *Cursos Preparatórios*. A Sociedade Beneficente Brasil Unido, mediante convênio com o Serviço Social da Indústria, ofereceu um desses cursos aos associados e também a quem se interessou pelo assunto. Para ministrá-lo, foi contratada a professora Joana Lacerda Leite, que lecionou até meados dos anos 70. Muitos foram

os alunos que, dali saindo, ingressaram em escolas de nível médio e superior, conquistaram posições de destaque em vários segmentos da sociedade local; com efeito, vários professores, gerentes de banco, militares, contadores, funcionários públicos e até poetas renomados passaram pela *Brasil Unido*. Foi assim que o nordestino, à custa de muita luta, começou a conquistar espaço na sociedade sancaetanaense.

Vencida a primeira batalha, começou a tomar corpo a ideia da construção de uma sede para abrigar outras atividades na área social. Graças aos esforços da diretoria e do presidente Aprígio Bernardino de Salles, em pouco tempo foi possível adquirir um terreno de 1000 m². Localizava-se na Rua Alegre e pertencia a Edier Mompean Lopes e esposa (Guiomar Bin Mompean). Embora tivesse sido obtido o tão sonhado imóvel, o tempo passava e os recursos necessários à construção da sede própria continuavam insuficientes. Nessa altura dos eventos, a Brasil Unido encontrava-se sediada em casa alugada junto ao casal Edier e Guiomar Mompean. A residência, posteriormente comprada pela organização, ficava na Avenida Nazareth, nº 717, Vila Barcelona (hoje Bairro Barcelona). A compra desse imóvel deveu-se à venda do terreno da Rua Alegre. Jean Liethaud, francês recém-chegado ao Brasil, foi o comprador da área. No local, instalou uma metalúrgica que, tempos depois, transferiu-se para o Município de Rio Grande da Serra.

Como fato histórico, vale lembrar que, sob a liderança do presidente Raimundo da Cunha Leite, foi organizada uma comissão encarregada de entrevistar o Ex-presidente da República Getúlio Vargas. Na mesma ocasião em que alguns vereadores sancaetanaenses tinham audiência marcada, no intuito de reivindicar a construção de casas populares na área do IAPI (Instituto de Aposentadoria dos Industriários), a *Brasil Unido* pediu que Vargas contribuísse financeiramente para a construção da sede no terreno da Rua Alegre. O encontro teve lugar no Palácio do Catete, às dez horas da manhã do dia cinco de Julho de 1954. De viva voz, Getúlio Vargas prometeu que iria estudar a possibilidade de atender às reivindicações. Infelizmente, 20 dias depois a nação ficou



Acervo/Raimundo da Cunha Leite

Turma de formandos da escola da Sociedade Beneficente Brasil Unido



Acervo/Raimundo da Cunha Leite

O então presidente, Raimundo da Cunha Leite, ao lado das vencedoras do concurso Rainha da Brasil Unido, durante o baile de confraternização da entidade, realizado no Clube Comercial, em 12 de Outubro de 1957

estarrrecida com o suicídio do Chefe de Estado.

Adquirida a casa da Avenida Nazareth, iniciou-se a construção de um grande salão que passou a abrigar a escola (festas para associados e familiares também eram realizadas no local). As demais dependências destinaram-se às atividades de caráter social desenvolvidas pelo grupo. Hoje, a *Brasil Unido* resume-se a um centro de convivência no Bairro Barcelona. Diretoria e quadro social são constituídos, na maior parte, de *oriundi*. Melhor dizendo, *tutti buona gente*.

As festividades comemorativas dos 50 anos de fundação da Sociedade Beneficente Brasil Unido, levadas a efeito pela atual diretoria (comandada pelo presidente Sérgio Fernandes), ocorreram no dia 21 de Julho de 2000. Tratou-se de homenagem à altura das tradições da entidade. Placas alusivas ao dois de Julho de 1950, contendo os nomes dos fundadores e ex-presidentes que estiveram à frente da organização ao longo de meio século de existência, foram solenemente inauguradas. Na ocasião, não faltaram discursos permeados de histórias e saudade. Como de praxe, outorgaram-se diplomas de *honra ao mérito* aos familiares dos fundadores e ex-presidentes já falecidos e também aos colegas que ainda estão entre nós.

A respeito do que foi e do que fez a benemérita Sociedade Beneficente Brasil Unido, ao longo de 50 anos, os *fac-símiles* dos textos e as fotos que ilustram este despretensioso relato histórico dizem muito bem.

Impossível a construção de casas operárias pelo I.A.P.I.

Em consequência de uma indicação apresentada há tempos na Câmara Municipal, solicitando que uma comissão de vereadores fosse falar com o presidente do IAPI para verificar a possibilidade de serem construídas casas para operários, no terreno situado na Avenida Comandante Taylor, deliberou a edilidade que deveria mandar uma comissão se entender diretamente com o Presidente da República a respeito do assunto. A comissão ficou composta dos vereadores Alfredo Rodrigues, Natanael Inácio Teixeira, Olga Montanari de Mello e Urames Pires dos Santos, que, em companhia do Deputado Cunha Bueno, foram recebidos, segunda-feira última, no Catete, por Getúlio Vargas. Em companhia dos vereadores, seguiu uma comissão da Sociedade Beneficente Brasil Unido.

Em palestra que os vereadores mantiveram com a reportagem do "JORNAL DE S. CAETANO", tiveram oportunidade de comentar a maneira simples e sem protocolo como foram recebidos pelo Chefe da Nação, com quem palestraram demoradamente. Em meio à palestra, fizeram ver a necessidade de serem construídas casas operárias no terreno do IAPI, localizado entre nossa cidade e o Sacomã e que beneficiaria os operários de São Caetano do Sul e do Ipiranga. Tiveram oportunidade de criticar o Instituto que constrói prédios enormes e não se lembra dos operários, que necessitam de casas modestas e não de apartamentos luxuosos,

demonstrando quanto arrecada São Caetano do Sul para os cofres da União e especialmente para o IAPI. Soltando baforadas de seu indefectível charuto, Getúlio Vargas a tudo ouvia com o seu característico sorriso. Afirmando que as pretensões dos sancaetanenses eram muito justas, o Chefe da Nação prometeu que falaria, quarta-feira, com Afonso Cesar, presidente do IAPI, com quem trataria do assunto.

Nesse interim, o poeta Urbano Lopes da Silva, orador oficial da Sociedade Beneficente Brasil Unido, de nossa cidade, fez uma saudação ao Presidente da República, expondo a situação dos nordestinos que chegam a São Caetano do Sul e terminou solicitando um auxílio da União para a construção do Albergue Noturno da S.B.B.U. (Sociedade Beneficente Brasil Unido) e para a realização das obras que essa Sociedade tem em mente realizar. Ficou resolvido, por solicitação do presidente, que a S.B.B.U. fará um memorial expondo essa pretensão, o qual será levado ao Catete pelo Deputado Cunha Bueno.

Ao chegar, Afonso Cesar, presidente do IAPI, reuniu-se em uma sala separada com os vereadores e o Deputado Cunha Bueno, quando trataram do assunto relacionado com a construção de casas operárias pelo Instituto. Esclareceu que a situação é conhecida e reconhece essa necessidade, pois, há anos, foi um dos empregados da Fábrica de Louça Adelinas. Entretanto, disse Afonso Cesar que lamentava nada poder fazer e isto por motivos alheios à sua vontade. E passou a relembrar que, há 8 ou 9 anos, foi contratada com a firma "Hidrotécnica S.A." o aterro hidráulico do terreno, por onde passa a Avenida Comandante Taylor que liga São Caetano ao Ipiranga. O pagamento seria feito por metro cúbico, conforme marcação feita no terreno por estacas. Entretanto, funcionários desonestos do IAPI, conluídos com funcionários da Hidrotécnica, mudaram as estacas, obrigando o Instituto a pagar aproximadamente seis milhões de cruzeiros a mais do que foi previsto. Descoberta a farsa, o presidente do Instituto tomou medidas drásticas pedindo a ocupação militar de toda a área e impedindo a entrada de qualquer pessoa no imóvel, enquanto não terminassem os inquéritos abertos. Esta atitude impediu que a firma Hidrotécnica retirasse do local o seu maquinário, que com o passar do tempo, enferrujou, ficando completamente impraticável e causando um prejuízo de vários milhões de cruzeiros à firma.

Esse fato fez com que a Hidrotécnica movesse uma ação judicial contra o IAPI, reclamando o pagamento do maquinário danificado, e, enquanto essa ação judicial não chega ao fim, nada se pode fazer no terreno. Esses fatos fizeram com que o tempo fosse passando e o terreno continua ali, aguardando o fim dessas questões.

Afonso Cesar disse que passa boa parte do dia vendo gráficos e que conhece perfeitamente o montante da arrecadação de São Caetano do Sul, mas que, infelizmente, nada pode fazer. Esclareceu ainda que o Instituto prefira lotear, construir e vender, com grandes facilidades aos operários, em lugar de construir casas para alugar. Acrescentou que há casas alugadas por Cr\$ 70,00 (setenta cruzeiros) mensais, cujos aluguéis não podem ser aumentados, por força da lei do inquilinato. Isto impede que o Instituto reforme ou mesmo que pinte os prédios, que ficam, assim, em situação lastimável. Explicou que muitos prédios mais ou menos luxuosos foram construídos, por força de obrigação constante do contrato de compra e venda dos terrenos, que obrigava o instituto a essa construção. Acrescentou ainda que a situação do IAPI vá melhorar com a nova arrecadação de 7% sem limite, e que o Brasil é um dos países que menos contribuição paga, pois em outros países, a contribuição para aposentadoria é em média de 12%. Finalizando a palestra que manteve com os vereadores, Afonso Cesar disse que tem intercedido junto aos advogados para que a pendência com a Hidrotécnica termine logo para a construção no terreno existente ao lado de São Caetano do Sul. A partir disto, iria reiterar essa ordem para que os advogados resolvessem logo o assunto.

Reprodução de texto do *Jornal de São Caetano*, edição de 10 de julho de 1954, 1a página. **R**

O ÊXODO DE UM POVO IRMÃO

Joaquim Jácome FORMIGA ()*

Arquivo Joaquim Jácome Formiga



Grupo do então estudante de Direito Joaquim Jácome Formiga, por ocasião de sua posse como presidente – pela 3ª. vez – da ASSOCIAÇÃO NORDESTINA DE SÃO CAETANO DO SUL, em 1961. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Armindo Ortega Martins, Padre Canísio Van Herkhuizen (da Paróquia Nossa Senhora Aparecida), Ranieri Mazzilli (Presidente da República em exercício), Joaquim Jácome Formiga, João Rella (Juiz de Paz da Comarca), José Delchiaro (Coletor Federal) e Dr. Gentil de Oliveira (Delegado de Polícia). Atrás, da esquerda para a direita: (?), Dr. Mário Clementino Moreira, Bruno Bisquolo, Oswaldo Bisquolo, João Rella Filho, Júlio Marcucci, Heitor Bisquolo, Dr. Euclides Leonardi (anos depois, Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo) e Oscar Bisquolo

O polígono das secas compreende os estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, de onde, periodicamente, migram milhares de nossos irmãos brasileiros rumo ao Sudeste, especialmente São Paulo. O êxodo de nordestinos começou a ser observado com uma maior frequência durante a primeira metade do século passado, mais precisamente nos anos 30,

atingindo números significativos a partir da década de 50. Chegando a São Paulo, os nordestinos submetiam-se aos trabalhos mais insalubres, perigosos e pesados. Semi-analfabetos ou analfabetos, não tinham como se negar à execução de tais tarefas.

A região do Grande ABC era grandemente procurada pelos migrantes oriundos do polígono das secas. Em São Caetano do Sul, trabalhavam nas fábricas, entre as quais, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Em razão de não possuírem escolaridade, serviam de mão-de-obra não qualificada àquelas fábricas, fato que lhes impunha a execução de duras e exaustivas atividades.

Foi vivendo o sofrimento desse povo irmão que eu tive uma ideia. Pensei que, semi-analfabeto e sem profissão, o migrante nordestino ficaria todo o tempo sofrendo em trabalhos pesados e mal remunerados. Convenci-me de que era preciso ajudá-lo.

De que forma? Convoquei alguns amigos conterrâneos e outros amigos paulistas que também sofriam com o sacrifício do povo nordestino na sua própria pátria. Marquei uma reunião com Walfredo Soares Brandão (baiano), Olavo Zampol (paulista), Antonio Paulino dos Santos (paraibano), Cícero Germano dos Santos (cearense), João Gonçalves (paulista), e vários outros nordestinos, cujos nomes não me vêm à mente. Reunimo-nos e decidimos: fundaremos uma associação para congregar muitos desses operários nordestinos. Montaremos uma escola mecânica, onde aprenderiam uma profissão e, para as mulheres, uma escola de corte e costura, de cozinha, etc.

Alugamos um salão, na Avenida Goiás, onde está hoje o Banco HSBC. Fomos até o prefeito Oswaldo Massei, que se dispôs a ajudar, e expusemos nossas intenções. Em seguida, fomos até Santo André e falamos com o mais piedoso dos homens que conheci até hoje, o prefeito Fioravante Zampol, o qual nos disse de chofre: “você me trouxeram uma ideia luminosa, humana e cristã. Contem comigo”. E contamos. Após alguns meses tínhamos cerca de 300 alunos no curso de mecânica, para tanto, compramos um carro velho, num lixão. Limpamos, desmontamos, retiramos a caixa de marchas, o mo-

tor e algumas coisas mais e enchemos o salão de motores e partes de veículos, os mais variados, de sorte que, ao término do primeiro ano, já havíamos formado cerca de 300 mecânicos, duzentas costureiras, umas cem cozinheiras.

E muitos que eram analfabetos foram alfabetizados, graças a numerosos colegas da faculdade que vinham lecionar à noite gratuitamente, como o benemérito professor Ivo Rodrigues, formado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Nossos cursos eram conhecidos no ABC e, por tal razão, até o ex-prefeito Lauro Gomes nos mandou ajuda e fomos visitados várias vezes tanto pelo prefeito Oswaldo Massei, como pelo prefeito de Santo André, o magnânimo Fioravante Zampol. Até o Presidente da República, Ranieri Mazzilli, nos visitou.

A Associação Nordestina de São Caetano do Sul teve vida ativa por cerca de 20 anos. Ao perceber que outra sociedade existente na cidade desempenhava papel também relevante em prol do migrante nordestino, a SBBU – Sociedade Beneficente Brasil Unido – resolveu fazer uma fusão dessas sociedades, transferindo o modesto patrimônio, mais moral que material, para a SBBU, entidade que até hoje funciona plenamente em São Caetano do Sul. Nossa intenção era dar as ferramentas necessárias ao nordestino para que ele pudesse vencer e milhares venceram.

O grande Euclides da Cunha disse que o “sertanejo é, antes de tudo, um forte”, e disse pensando no sertanejo nordestino, porque sua obra prima, *Os Sertões*, foi toda escrita tendo em vista os sertanejos nordestinos, companheiros de Antonio Conselheiro. Vêm, lutam e vencem. Há muitas celebridades hoje no Sul que vieram do Nordeste. Bastaria citar os ERMIRIOS DE MORAES, Freitas Nobre, Erundina, Raimundo Pascoal Barbosa e mil outros. **R**

(*) Joaquim Jácome Formiga, advogado

RAIMUNDO DA CUNHA LEITE UM HOMEM FORTE

Crédito Memórias – Raimundo da Cunha Leite (1923 – 1993), p.66

Parafraseando o famoso jornalista e escritor Euclides da Cunha, que, em *Os Sertões*, escrevera: *o sertanejo é, antes de tudo, um forte*, o título desta matéria faz jus à personagem retratada. Não só pelo fato de ter nascido no sertão da Bahia (extinto vilarejo de Rancharia), mas, principalmente, em razão da sua trajetória, que, por si só, justifica plenamente o adjetivo *forte* que ora lhe é atribuído.

No dia 3 de junho de 1939, antes de completar 16 anos (fato que ocorreria em 2 de setembro) e órfão de mãe, Raimundo da Cunha Leite deixou o então povoado de Jurema, localizado a 36 km da cidade de Juazeiro, na Bahia, na companhia de seu pai, o senhor Antonio Ferreira Leite. O destino era São Paulo, terra que, naquele longínquo ano de 1939, já atraía inúmeros migrantes nordestinos, em razão da grande oferta de emprego verificada nas indústrias da capital e nas lavouras de café e algodão no interior do Estado. Após passagem pela antiga Hospedaria de Imigrantes, na capital paulista, pai e filho foram encaminhados ao interior, à cidade de



O casal Raimundo da Cunha Leite e Maria Dulce Cerqueira Leite com os filhos (a partir da esquerda) Luiz Antonio, Mara e Eduardo, em foto de 17 de julho de 1958

Colina, onde residia um parente. Nessa localidade, permaneceram por pouco tempo. A vinda para São Caetano aconteceria alguns meses depois. Uma vez instalados na cidade, os desafios não demorariam a se apresentar. Antonio Leite, saindo em busca de trabalho, conseguiu ocupação nas atividades de calçamento da Rua Perrella. Seu filho, Raimundo, por outro lado, teve de esperar mais tempo até o surgimento do primeiro emprego.

Do ingresso na primeira atividade profissional até a respeitável carreira política (vereador em duas legislaturas, prefeito e deputado federal), um árduo e longo caminho foi percorrido por Raimundo da Cunha Leite. Todavia, apenas as informações referentes ao homem público são constantemente divulgadas e conhecidas, em detrimento das histórias que foram vivenciadas por ele na época em que se tornara um migrante. Por esta razão, o presente artigo apresenta fatos que remetem a tal período, enfatizando momentos que antecederam a tão esperada viagem para São Paulo, bem como episódios ocorridos durante esse longo percurso e o início de uma nova vida em São Caetano do Sul. Todas essas informações foram extraídas de um livro de memórias escrito pelo próprio Raimundo da Cunha Leite. Publicado em 2002, tal livro enfoca a história de vida protagonizada pela personagem em questão, no período que vai de 1923 a 1993, ano de seu 70º aniversário.

Os fatos que seguem foram selecionados de acordo com seu grau de importância em relação ao tema principal desta edição de *Raízes*, sendo destacados os títulos dos capítulos nos quais eles se encontram. Dando início a esse resgate biográfico, o artigo traz à tona trechos referentes aos motivos que determinaram a vinda de Raimundo da Cunha Leite e de seu pai para São Paulo, apontando como se procedeu a decisão de deixar a Bahia. Na sequência, são apresentados os principais acontecimentos que marcaram sua trajetória como migrante. Seus relatos constituem importante testemunho de uma etapa da história da migração nordestina para São Paulo.



Grupo de migrantes recém-chegados à Estação do Norte (atual Estação Roosevelt), em São Paulo, em 1939. Dessa estação, os migrantes seguiam em direção à Hospedaria de Imigrantes



DOSSIÊ

Capítulo I

Infância e Adolescência (Rancharia e Jurema)

(...)

Assim o tempo ia passando, as coisas cada vez mais difíceis em razão das repetidas secas que a cada ano iam-se sucedendo, tornando a vida em Jurema insuportável para os seus moradores, isso no início da década de trinta, daí a idéia da fuga em busca de trabalho crescendo cada vez mais entre os homens (...)

Já a esse tempo São Paulo era a nova canaã anunciada, pois a demanda de mão de obra para a cultura do café e depois do algodão em São Paulo se fazia presente e por isso mesmo a mão de obra de fora começa a ser bem recebida, principalmente vinda do norte e nordeste brasileiro. Mão de obra barata e de positivos resultados para os fazendeiros e grandes industriais paulistas. A vinda do nordestino para o sul era um achado... Assim nasceu o grande êxodo do nortista e nordestino para os estados do sul, particularmente São Paulo.

(...)

Foi então que no fim do ano de 1938, por ocasião das férias, chegava a Jurema o meu tio Sinhozinho (Manoel da Cunha Barbosa), que já há muito tempo morava no interior de São Paulo, na cidade de Colina, (...), e nessa oportunidade acabou por convencer meu pai a vir-se aventurar em São Paulo. Até porque outros parentes, como o tio Doda (Zeferino Cunha), chefe de numerosa família, o barbeiro José Augusto, Donana Cunha (Ana) e muitos outros já estavam de malas prontas para embarcar para São Paulo. Já naqueles tempos, era de bom alvitre atender-se ao convite de algum amigo e, principalmente, um parente que morasse em São Paulo para vir para cá. E foi o que aconteceu com meu pai e com o tio Doda; este, a convite do seu irmão Joãozinho (João Cunha), de há muito morando em Olímpia.

Daí, que o seu Antonio Leite tomou a decisão de vir também para São Paulo e, com ele, o seu "Mundeira" (apelido de Raimundo da Cunha Leite), a essa altura beirando os seus 16 anos de idade. (...) Entretanto, a idéia do seu Leite só veio a se concretizar em meados do ano de 1939, resultando daí que os demais companheiros de viagem: - Doda, Zé Augusto e Donana - acabassem por transferir sua viagem para essa época, formando assim um só grupo.

Capítulo II

Viagem para São Paulo Chegada a São Paulo

(...)

(...) o certo é que meu pai resolveu trazer-me com ele para São Paulo. Para a minha idade, lógico que a vinda para o sul não me dizia muito, a não ser as delícias que se anunciavam com a grande viagem pelo Rio São Francisco (o Velho Chico), principalmente porque, juntamente comigo, viajaria um grupo de meninos da minha idade, que eram os primos Domingos, Raimundo, Arnaldo, Edicilvio, Clemente, Lourival e ainda a prima Alice, todos filhos dos tios Doda e Izabel, meus companheiros de infância na Jurema. (...)

Finalmente o grande dia chegou: 03 de junho de 1939, tinha início a longa e tão sonhada viagem!

Como de costume, o trem da "Leste Brasileiro" passava em Jurema entre 15 e 16 horas com destino a Juazeiro, de onde embarcávamos no Vapor (Gaiolas de São Francisco) com destino a São Paulo, navegando cerca de 1.221 quilômetros rio acima até chegarmos a Pirapora, no Estado de Minas Gerais e onde, via férrea, embarcávamos para São Paulo, numa viagem de três dias.

(...)

A chegada a Juazeiro se deu por volta das 18 horas daquele dia e, ali chegando, cada um procurou alojar-se na casa de parentes, aguardando ansiosamente o embarque no "vaporzinho" do dia seguinte.

Às 17 horas daquele dia 4 de junho de 1939 chegávamos ao Cais do Porto de Juazeiro, onde, serenamente, nos aguardava o "Otávio Carneiro"(...)

O Vapor "Otávio Carneiro", como os demais "gaiolas" do São Francisco, constituía-se de duas classes de passageiros: a primeira classe se destinava aos passageiros de boa posse financeira, (...), sendo a segunda classe, que ficava no convés do navio, destinado aos mais pobres, (...), principalmente, aos migrantes que se destinavam ao sul do país, mais particularmente São Paulo. (...)

(...)

(...) Desatadas as amarras, que o prendiam ao cais do porto, o "vaporzinho" empreendia sua caminhada, deslançando rio acima com destino a Pirapora (...)

(...)

Numa certa tarde, já escurecendo, (...), dei pela



Vapor Wenceslau Braz, no Cais de Juazeiro, na Bahia. Esteve entre os navios que faziam, via Rio São Francisco, o transporte de migrantes nordestinos a Pirapora (Minas Gerais), entre as décadas de 1930 e 1940. Nessa cidade, os migrantes eram recrutados e enviados a São Paulo

Crédito/Memórias – Raimundo da Cunha Leite (1923 – 1993), p.49

MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO DEPARTAMENTO NACIONAL DO TRABALHO Número 617514 Série 42^a		EMPREGOS OCUPADOS	
Carteira Profissional		Nome do estabelecimento, empresa ou instituição REPRENSAGEM E ARMAZENAGEM DE ALGODÃO S/A	
		Cidade <i>São Caetano</i> Estado <i>São Paulo</i> Rua <i>Américo Brasiliense</i>	
Fotografia tirada em <i>V</i> de <i>1940</i> de <i>1943</i>		Endereço do estabelecimento <i>Armazém Gerais</i> Natureza do cargo <i>operário</i> Data de admissão <i>7</i> de <i>Maio</i> de 19 <i>40</i> Data da saída <i>18</i> de <i>Julho</i> de 19 <i>46</i> Remuneração (especificada) <i>800 (oitocentos reis)</i> por hora: _____ Percentagem: _____ Observações: _____	
		REPRENSAGEM E ARMAZENAGEM DE ALGODÃO S/A <i>[Assinatura]</i>	

Primeira Carteira Profissional de Raimundo da Cunha Leite. Destaque para as anotações referentes ao período em que trabalhou como operário da Reprensagem e Armazenagem de Algodão S/A (de 7 de maio de 1940 a 18 de julho de 1946)

falta de meu pai no navio. Muito assustado, dei o alarme: meu pai caiu no rio!!! (...) Foi um Deus nos acuda. E o mais que fosse interrogado não sabia eu dar melhores detalhes como isso teria acontecido. Foi quando, diante daquele alvoroço todo, eis que meu pai saía do porão da “Chata”, grande embarcação que viajava atrelada ao Vapor para o transporte de carga, onde ele e outros companheiros de viagem ali se encontravam jogando baralho num simples lazer de viagem. Daí em diante, é claro, as minhas observações relacionadas à viagem eram vistas com certa desconfiança...

Assim, foram longos 18 dias e noites de Juazeiro até Pirapora, uma verdadeira odisséia...

Após este período (...) o “Otávio Carneiro” chegou a Pirapora. Ancorado ao cais do porto dá-se o desembarque dos seus indômitos passageiros, de onde seguem para o local já previamente destinado: um enorme “barracão” (grande alojamento) especialmente reservado aos migrantes com destino ao sul do país. A partir daí todos passariam a ficar aos cuidados do Serviço de Imigração, até o dia do embarque para São Paulo. (...)

Naquele imenso “barracão”, (...), dormia-se sobre esteiras de palha estendidas ao chão e se alimentava como podia, vez que móveis e utensílios de casa não existiam. (...)

E ali ficava aquela multidão de desvalidos, até o dia em que chegasse o trem da “Central do Brasil” (Minas/São Paulo) que levaria os migrantes com destino a São Paulo. Uma vez cadastrados pelo Serviço de Imigração, aquela pobre gente era submetida a exames médicos de variados tipos, e só depois de serem considerados satisfatórios era que se tinha a competente autorização de embarque por parte do Serviço de Imigração. Os que não conseguiam o atestado de saúde e não tinham condições de custear suas passagens ficavam entregues à própria sorte. (...)

(...)

E foi aí que, chegando a Pirapora, fomos surpreendidos com a notícia de que as passagens gratuitas do trem haviam sido suspensas pelo Serviço de Imigração (...)

(...) o pouco dinheiro que meu pai tinha mal dava para nos alimentar por alguns dias, não dispondo, portanto, recursos para pagar as passagens. Diante disso, os demais companheiros de viagem, (...) seguiram viagem e eu e meu

pai, juntamente com um rapaz (o Déba), ficamos em Pirapora à espera de que o tio Doda, chegando ao seu destino final, que era a cidade de Olímpia, fizesse chegar ao conhecimento do tio Sinhozinho a nossa desdita e, com isso, nos mandasse o dinheiro necessário para o pagamento das passagens e assim continuar a nossa viagem. (...)

Em Pirapora quase não existia trabalho, pois a mão de obra do migrante era abundante, tornando assim escassa a oferta enquanto era grande a procura. (...)

E foi aí que surgiu a grande idéia: tocar e cantar à noite para poder comer no dia seguinte!!!

O jovem Déba era exímio tocador de Pifano (Flauta feita de bambu e muito comum no sertão da Bahia) e, à noite, promovia no alojamento onde estávamos arranchados, memoráveis tocatas. Ao acompanhá-lo lá estava eu repicando uma pequena lata de ferramenta do flandreiro Antonio Leite e fazendo ainda às vezes do vocalista da dupla. Assim, varávamos madrugada adentro, para deleite dos demais sofridos companheiros de “barracão”. Antigas modinhas sertanejas, falando de coisas e figuras típicas do sertão, principalmente aquelas que discorriam sobre as bravatas e lances romanescos do cangaceiro Lampião (...)

Num certo dia o proprietário de “casas de rapargas” existentes no cais de Pirapora tomou conhecimento da existência da festejada dupla e em pouco tempo a mesma estava “contratada” para cantar à noite nos seus “rendez-vous” (...) Com os trocados recebidos do dono da casa (...) comprávamos peixes secos e curtidos no sal: curimatás, matrinchans e outras espécies naturais do “Velho Chico”, que, depois de fritos ou cozidos, eram comidos com farinha de mandioca. (...)

(...)

Assim fomos levando a nossa vida em Pirapora, até o dia em que nos chegou o socorro pedido ao tio Manoel Cunha Barbosa (Sinhozinho), e dois ou três dias depois estávamos finalmente embarcando para São Paulo (...)

Chegada a São Paulo

Depois de viajar de trem dias e noites, estafados, chegamos à Estação Presidente Roosevelt (Estação do Norte) por volta das nove horas da manhã de um dia do mês de julho de 1939.

(...)

Crédito/Memórias – Raimundo da Cunha Leite (1923 – 1993), p.27



Antonio Ferreira Leite, pai de Raimundo da Cunha Leite, em Jurema, na Bahia, em 1942. Ao seu lado, Izabel Dias Leite, com quem se casou algum tempo depois da morte de sua primeira esposa, Josefa da Cunha Leite

Crédito/Memórias – Raimundo da Cunha Leite (1923 – 1993), p.52



Casamento de Raimundo da Cunha Leite e Maria Dulce Cerqueira, no dia 24 de setembro de 1949. A família de Maria Dulce era também proveniente da Bahia. Seus pais, Antonio Duarte Cerqueira e Geovanina Borges Duarte, foram proprietários da famosa Pensão da Dona Jovem, na Rua Perrella, nº 389

Feito o desembarque (...), os “baianos” que vinham de Minas Gerais foram chamados pelo Guarda de Trem a formarem um só grupo e como boiada a segui-lo pela Rua Dr. Almeida Lima e Av. Visconde de Parnaíba até a Casa de Imigração, (...) Ali ficamos por alguns dias, e à guisa de indispensável triagem, fomos todos submetidos a vexatórios exames médicos, pois, para as autoridades sanitárias do Estado, todo nordestino era portador de doenças transmissíveis, principalmente, a esquistossomose. Daí o “estágio” para seguir viagem para o interior do Estado.

Embora meu pai quando decidi vir para São Paulo o destino fosse mesmo São Caetano, uma vez na Casa de Imigração, não lhe restou escolha se não ir para o interior e assim acabamos por escolher Colina, cidade onde morava o tio Manoel Cunha (Sinhozinho). E para lá fomos, embora que por pouco tempo, pois o que queríamos mesmo, era vir para São Caetano.

(...)

Capítulo III

Chegada a São Caetano e início de uma nova vida

Início do mês de novembro de 1939. Por volta de dez horas da manhã, estava eu e meu pai em São Caetano, (...)

Chegando à Estação do trem da S.P.R. – São Paulo Railway - , mala às costas, rumamos pela Rua Perrella, (...), à procura do nº 389, onde se localizava a Pensão da Dona Jovem, (...) Além de ser a única pensão para rapazes, a pensão de Dona Jovem e seu Antonio Duarte, baianos, chegados ano de 1934, era (...) a casa dos “baianos” (...) principalmente aqueles vindos da região de Juazeiro, de onde o casal era originário.

É possível que o casal Geovanina (Dona Jovem) e Antonio Duarte, acompanhado de suas duas filhas, Maria de Lourdes e Maria Dulce (que viria a se tornar esposa de Cunha Leite), tenham sido os primeiros baianos a chegar a São Caetano (...)

(...)

Sendo eu e meu pai conhecidos do casal, e ainda parentes, fomos recebidos na Pensão com grande festa e alegria. (...)

(...)

Feitos os primeiros contatos com a cidade, o velho

Antonio Leite saiu à procura de trabalho (...) Exatamente nessa época se dava início ao calçamento da Rua Perrella com paralelepípedos e com isso abriam-se vagas para quem quisesse trabalhar como calceteiro. Mais cedo do que se pensava, então, meu pai estava empregado (...) Quanto a mim, (...), tinha que aguardar mais algum tempo para começar a trabalhar. Enquanto isso, (...), fui entregue aos cuidados de um parente que tinha um Bar e Restaurante ali na Rua Américo Brasiliense esquina da Rua Antonio Bento (...)

O parente em questão (...) era Bernardino Borges, radicado em São Caetano já há muitos anos e figura bastante influente no comércio e na sociedade local.

(...)

Ocorre que naquele ano de 1939, (...), São Paulo vivia o ciclo do “ouro branco”, a cultura do algodão (...) Por isso, além de Matarazzo, Cerâmica São Caetano e Mecânica, quem maior número de emprego oferecia aos nordestinos recém-chegados e sem qualificação profissional, (...), era a Reprensagem e Armazenagem de Algodão, do grupo Anderson Clayton, depois Fidelidade S/A., localizada ali no final da Rua João Pessoa. Foi ali o segundo emprego do meu pai, como vigia noturno. Quanto a mim, ainda teria que aguardar um pouco mais para deixar de ser o ajudante de cozinha e meio garçom no restaurante (do parente Bernardino Borges) que servia comida aos empregados da Reprensagem, “Gazemira”- Cotonifício São Paulo – e Usina Colombina (...)

(...)

O Operário

Sendo a Reprensagem e Armazenagem de Algodão o local de trabalho dos “baianos” recém-chegados a São Caetano, e graças à intermediação do meu primo João Rodrigues, na época alto funcionário da empresa, lá fui eu também trabalhar na Reprensagem; ali ingressando no dia 7 de maio de 1940 e onde fiquei até o dia 18 de julho de 1946. Menino ainda, (...), me foi dada incumbência, de que com um carrinho de mão e a ele atrelado um cesto de vime, recolher aparas de algodão espalhadas pelo chão. Com um salário de oitocentos réis por hora, e para uma tarefa até certo ponto muito fácil, eu me sentia feliz e muito bem pago. Mas a minha luta era alçar novas funções, o que não demorou muito e me permitiu até melhorar de salário (...)

De catador de algodão fui “promovido” à função

de marcador de fardos, que consistia em, munido de várias chapas de zinco perfuradas com os nomes das cidades às quais se destinavam os fardos prensados e com uma escova dessas de lustrar sapatos, gravar com tinta azul ou preta os nomes dos locais aos quais se destinavam os fardos de algodão. (...)

(...)

Dali fui guindado a outras funções, algumas até de grande destaque, como conferente e ajudante de feitor.

(...)

Em prosseguimento à sua batalha, Raimundo da Cunha Leite conseguiu galgar uma melhor condição profissional. No dia 22 de maio de 1947, ingressara na General Motors do Brasil, como apon-tador. Ao deixar a empresa, em 30 de novembro de 1955, já estava no seu Departamento de Custos, um dos mais importantes, na época.

Após a saída da GM, uma nova fase inicia-se na vida de Raimundo da Cunha Leite. Com a entrada na vida pública, o humilde migrante nordestino, até então, conhecido apenas nos limites das fábricas em que trabalhara, passa a ganhar notoriedade junto à sociedade sancaetanense, por força das lutas empreendidas em prol dela. Em reconhecimento a esse espírito combativo, o povo acabou por conduzi-lo à Câmara Municipal, à Prefeitura e, por fim, ao Congresso Nacional. Ao rememorar, em seu livro, esses importantes momentos de sua vida, Raimundo da Cunha Leite, com a simplicidade que lhe é peculiar, relata:

Saindo da GM acabei por ingressar na vida pública. Aliás, foi essa a razão da minha saída de lá, e mercê de Deus e da bondade do povo sancaetanense, tive a honra de vir a ser seu Vereador, Prefeito e Deputado Federal.

Eis um pouco das memórias de Raimundo da Cunha Leite, uma personagem da história de São Caetano que sintetiza o espírito de superação inerente ao migrante nordestino, quer por seus sonhos e ações, quer por sua bravura. (Cristina Toledo de Carvalho) **R**

Bibliografia

LEITE, Raimundo da Cunha. *Memórias – Raimundo da Cunha Leite (1923-1993)*. São Paulo; São Caetano do Sul: Alendaarte Editora, 2002.

OS TRÊS NORDESTINOS LÍDERES AUTONOMISTAS

Mário Porfírio RODRIGUES ()*

Tenho escrito muitos artigos sobre o Movimento Autonomista, provavelmente, por ser um dos dez líderes desse acontecimento histórico ainda vivo. Em todos esses escritos tenho deixado claro que os autonomistas, responsáveis pela criação do nosso município, são todas as 8.463 pessoas que votaram pelo “Sim” no plebiscito de 24 de outubro de 1948. Desse total, a Câmara Municipal de São Caetano do Sul aprovou uma lista com 95 nomes que mais se destacaram e são chamados Líderes Autonomistas. Para realçar a contribuição dos nordestinos residentes em São Caetano do Sul, vamos tecer comentários sobre três pessoas, nascidas em Pernambuco e na Bahia, que fazem parte da lista mencionada: Ângelo Raphael Pellegrino, Bento Vellannes Regis e Orlando Souza. Durante todo o ano de 1948, os três saudosos companheiros estiveram na linha de frente, contribuindo com as suas horas, que deveriam ser de lazer, para a luta travada com o objetivo de separar São Caetano de Santo André.

Ângelo Raphael Pellegrino

Filho de pais italianos, Francesco e Dominga Anunziata Pellegrino, Ângelo Raphael nasceu em 26 de julho de 1891 em Jaqueira, município de Maraial, estado de Pernambuco, onde seus pais estavam radicados.

Em Recife, cursou o Ginásio Sagrado Coração de Jesus e, em 1911, seguiu para a Europa estudando na Itália e na Suíça. Formou-se engenheiro eletromecânico na Universidade de Lausane. Regressou ao Brasil em 1918, mas, em virtude da pouca oferta de trabalho em Pernambuco, veio para São Paulo. Trabalhou na Cia. Nacional de Juta, na Cerâmica São Caetano e na Prefeitura de Amparo, interior de São Paulo, como diretor de obras. Em 1926, retorna a São Caetano de onde não sairia mais.

Em sociedade com José Alexandre Rossetti

e outros sócios, Ângelo Raphael Pellegrino adquiri na cidade vários terrenos. Neles, são *rasgadas* novas ruas, como a São Francisco, a Margarido Pires, Joaquim Nabuco, entre outras. Nesses *arruamentos* são construídas centenas de casas de trabalhadores, que Pellegrino vende à base de prestações baixas.

É nesse empreendimento que aparece a sua face humana, que pode ser avaliada, entre outros, por este episódio. Na revolução de 1932, muitas famílias tiveram dificuldades em pagar as prestações das casas. Os prazos são alongados para que elas liquidassem aos poucos seus débitos e quitassem suas residências. Tal fato trouxe muito prestígio e popularidade para Ângelo Raphael Pellegrino, que se tornou querido na cidade.

Em 1940, depois dessas construções, com os mesmos sócios, funda, em São Caetano, a Cerâmica Itabrazil. Após alguns anos, o grupo passa

PARA PREFEITO

CANDIDATO

AUTONOMISTA

PSP

UDN

PRP

PTN

PSD

P R

POT

PDC



ANGELO RAPHAEL PELLEGRINO

(ENGENHEIRO)

(CANDIDATO DA COLIGAÇÃO AUTONOMISTA)

Panfleto de divulgação da candidatura a prefeito de Angelo Raphael Pellegrino. A eleição ocorreu no dia 13 de março de 1949. Pellegrino obteve 4.094 votos, sagrando-se vencedor do pleito e primeiro prefeito de São Caetano do Sul

também para negócios de lavra de caulim e posteriormente de argila.

Em 1946, quando o *Jornal de São Caetano* fundou a Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, o nome lembrado e eleito para primeiro presidente da Diretoria foi o de Angelo Raphael Pellegrino.

A maioria dos dirigentes da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano participava do Movimento Autonomista, lançado em fins de 1947 pelo *Jornal de São Caetano*. Em todas as reuniões realizadas com essa finalidade, o nome do presidente da entidade era citado como um dos que lutavam pela criação do novo município.

Com a vitória do Movimento Autonomista, seu nome foi indicado para primeiro Prefeito de São Caetano do Sul. Eleito com 4.094 votos, tomou posse em 3 de abril de 1949. A sua administração foi elogiada por todos. E, no dia 14 de outubro de 1998, por ocasião das comemorações do cinquentenário da autonomia política e administrativa de São Caetano, foi inaugurado seu busto no Parque Chico Mendes, coroando sua administração exemplar.

Ângelo se casa com Nelly Guilhermina Akesson Pellegrino, ambos falecidos, e deixa o filho Ivo, nascido em 10 de maio de 1936. Casado com Dalva

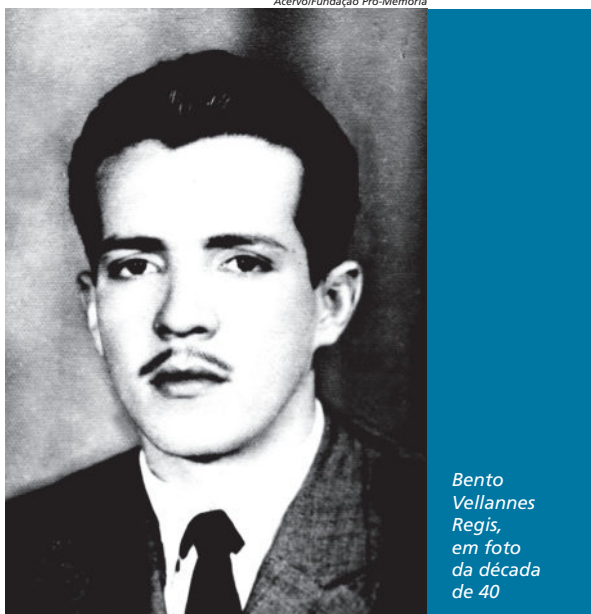


O prefeito Angelo Raphael Pellegrino junto aos diretores de sua administração municipal (1949 – 1953). Da esquerda para a direita: José Salvatore Netto (diretor de Obras), Benedito de Moura Branco (diretor de Administração), Daniel Giardullo (diretor da Fazenda), José Bonifácio de Carvalho (secretário assistente), Manoel Cláudio Novaes (chefe de Gabinete) e Enéas Chiochetti (diretor de Assuntos Jurídicos)

Matos Pellegrino, Ivo dirige a empresa Lavras Santo Amaro, administra os imóveis herdados de seu pai e possui uma firma de estacionamento de automóveis. É associado do Rotary Club de São Caetano do Sul e há vários anos participa do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de nossa cidade. O seu filho, neto do primeiro prefeito, Rafael Pellegrino e sua esposa Fernanda são proprietários da corretora de seguros Pellegrino & Machado.

Bento Vellannes Regis

Acevo/Fundação Pró-Memória



Bento Vellannes Regis, em foto da década de 40

Nasceu na Bahia, em Sítio do Meio, pertencente ao município de Alagoinha, em 21 de março de 1923, filho de Raul Cavalcanti Regis e Francesca Vellannes Regis. A sua vinda para São Caetano foi o resultado de uma grande história de amor. Jovem ainda, Bento estudou em um seminário católico durante alguns anos. Sua irmã mais nova foi freira durante muitos anos até falecer. Bento foi para Salvador cursar o ginásio. Lá, conheceu Maria de Lourdes Cerqueira, filha do casal Antonio Duarte Cerqueira e Geovanina Borges Duarte. Os pais da moça, também baianos, tinham uma pensão em São Caetano, Pensão da Dona Jovem, na Rua Perrella, 389. A filha foi para a casa de parentes na Bahia para estudar. No colégio, os adolescentes se conheceram e se apaixonaram.

Terminados os estudos, ela informou ao

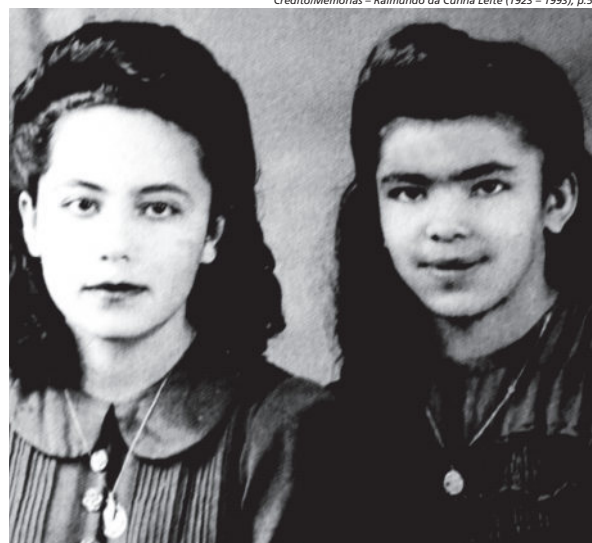
namorado que voltaria para São Caetano e ele ficou inconsolável. Pediu que ela o aguardasse, pois iria encontrá-la para continuarem o namoro. Bento Vellannes Regis lembrou-se que tinha um primo em São Paulo, que trabalhava como gerente de uma loja na elegante Rua Direita, naquela época frequentada pelos paulistanos ricos. Escreveu carta para o primo e explicou o que estava se passando.

Meses depois, em 1941, com pouco mais de 18 anos de idade, ele estava em São Caetano, na Pensão da Dona Jovem. Foi trabalhar como balconista na famosa Tecelagem Francesa. E, em 12 de janeiro de 1946, casou-se com a sua querida Lourdes. Dessa união nasceu o filho Carlinhos.

O casal morava na Pensão de Dona Jovem. Eu residia próximo, na Rua Rio Branco. Logo após o lançamento do *Jornal de São Caetano*, em 28 de julho de 1946, nos conhecemos e ficamos amigos. Informado sobre a ideia de tornar São Caetano município independente, entusiasmou-se e quis participar do movimento.

Bento Vellannes Regis foi um batalhador incansável na luta pela Autonomia. Ao terminar o seu expediente na Tecelagem Francesa, partia rumo à Assembleia Legislativa lutar em favor da causa. Conquistou a simpatia do deputado Gabriel Miglio-

Crédito/Memórias – Raimundo da Cunha Leite (1923 – 1993), p.50



As irmãs Maria de Lourdes Cerqueira (à esquerda) e Maria Dulce Cerqueira, mais tarde, senhora Bento Vellannes Regis e senhora Raimundo da Cunha Leite, respectivamente. Foto do início da década de 40

ri, do PTN – Partido Trabalhista Nacional, agremiação à qual se filiou. Fez discursos nas reuniões que eram organizadas pelos autonomistas, colheu assinaturas, conversava na Assembleia Legislativa com os parlamentares para votarem a favor de São Caetano, enfim participava em tudo sempre que possível.

Com o bem sucedido Movimento Autonomista de 1948, Bento foi eleito pela legenda PTN/PTR, com 84 votos, para exercer o cargo de vereador. Tomou posse em 3 de abril de 1949, mas infelizmente, já apresentava problemas de saúde. Poucos meses depois, viajou com a esposa e o filho para Sítio do Meio, Bahia, onde residiam seus pais.

Faleceu em 8 de setembro de 1949. O Prefeito Ângelo Raphael Pellegrino declarou luto oficial por três dias “por tratar-se de cidadão que procurou emprestar à coletividade os seus esforços em benefício do bem comum”. A Câmara Municipal, em 14 de setembro de 1949, mandou rezar Missa de Sétimo Dia em intenção à sua alma e enviou uma comissão de três vereadores, Luiz Rodrigues Neves, Jordano P.S. Vincenzi e Arlindo Marchetti, a Sítio do Meio para apresentar condolências à família enlutada.

Lourdes Regis deixou nossa cidade e passou a residir com o filho na cidade mineira de Monte

Sião. Mais tarde, o filho Carlos estabeleceu-se em Indaituba, interior de São Paulo, com um comércio. Vive lá até hoje, já aposentado.

Orlando Souza

Nasceu em Petrolina, Pernambuco, filho de José Febrônio de Souza e Laudelina de Souza, fazendeiros e comerciantes na região. Foi nessa cidade, à beira do rio São Francisco, que conheceu e começou a namorar Maria Sisina. O casamento foi em 17 de outubro de 1934, na cidade de Bom Jesus do Galho, Minas Gerais, onde a mãe e o padrasto dela possuíam comércio.

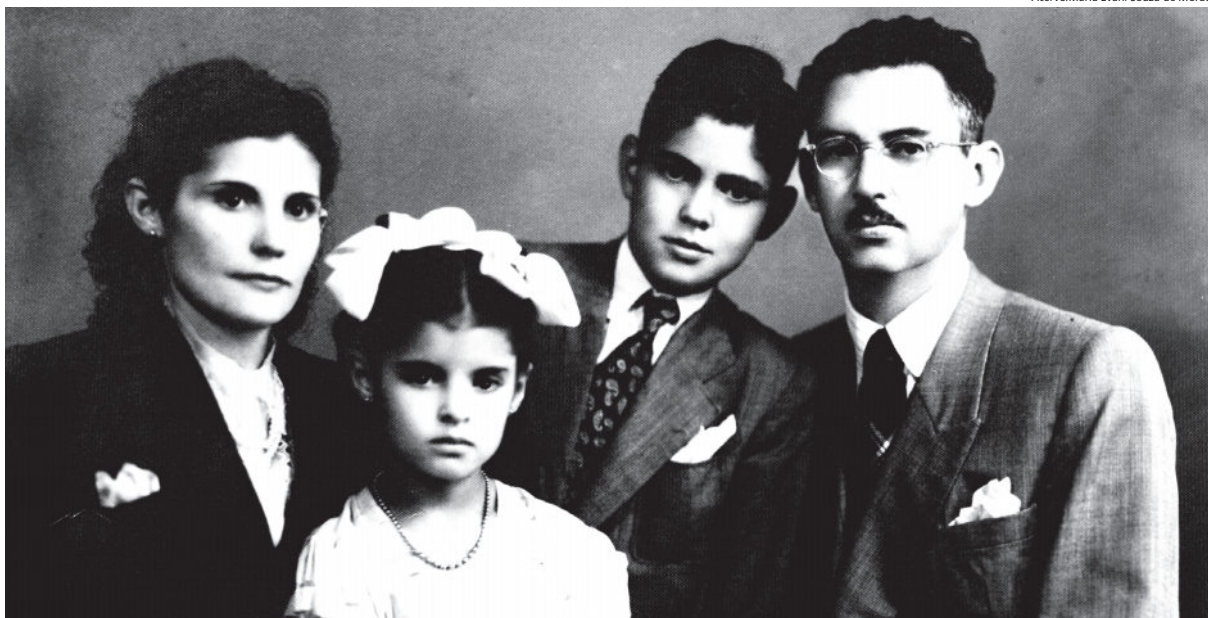
Depois de algum tempo, com poucas oportunidades de trabalho, o casal rumou para São Paulo. Abriu uma cantina e ofereceu refeição ao do Exército, mas por um curto período de tempo. Nesse seu trabalho, ouviu falar que o Grupo Matarazzo começava a implantar uma indústria de louças em São Caetano.

Chegou à nossa cidade por volta de 1935. Para garantir emprego na nova fábrica, sujeitou-se a trabalhar no setor de marcenaria durante a construção do prédio, onde se ficaria a manufatura de louças Claudia. Em seu “Registro de Emprego”



Acervo/Fundação Pró-Memória

Comissão de Autonomistas em foto tirada em abril de 1948, por ocasião da entrega à Assembleia Legislativa de São Paulo do memorial com as 5.193 assinaturas em prol da criação do Município de São Caetano. Entre os membros dessa comissão, estava Bento Vellannes Regis, que aparece em primeiro plano (o terceiro, a partir da direita)



Maria Sisina e Orlando Souza com os filhos Mauro Evaldi e Maria Evani, em foto da década de 40

consta que foi admitido oficialmente em primeiro de fevereiro de 1938. Lá, permaneceu até o seu falecimento, em 28 de junho de 1987. Nesse meio século, exerceu várias funções, chegando à gerente de produção para depois ser o preposto das Indústrias Reunidas F. Matarazzo junto à Justiça do Trabalho.

A sua forma de tratar as pessoas tornou-o querido por todos. Profundamente religioso, era

católico praticante, admirador e colaborador da Sociedade São Vicente de Paula, *braço* da Igreja que exerce a benemerência.

Quando irrompeu a campanha para separar São Caetano de Santo André, Orlando Souza integrou-se de corpo e alma ao movimento. Participava de todas as reuniões e dos passos que davam os autonomistas. Com o seu grande número de amigos



Convenção do Partido Social Progressista (PSP), no Clube Comercial, na Rua Santa Catarina, na década de 40. Em primeiro plano, Orlando Souza (o sexto, a partir da esquerda), e, ao seu lado, sua filha Maria Evani. Entre os participantes do evento, estavam Manoel Cláudio Novaes, Bruno Bisquolo, Heitor Bisquolo, Antonio Caparrós Guevara, Júlio Marcucci, Matheus Constantino, Oswaldo Bisquolo, entre outros

angariou assinaturas no documento a ser entregue à Assembleia Legislativa de São Paulo e esteve sempre disponível para as tarefas que realizava com satisfação.

Foi eleito vereador na segunda legislatura pelo PSP – Partido Social Progressista com 172 votos e tomou posse em 4 de abril de 1953. Nas eleições para a terceira legislatura, foi reeleito também pelo

Sul preconizava o selecionamento dos nordestinos.

Em sessão solene realizada em 6 de outubro de 1965, a Câmara Municipal concedeu a Orlando Souza o título de Cidadão Sul-sancaetanense. Também em sessão solene, realizada em 28 de julho de 1981, a Câmara Municipal lhe outorgou a Medalha do Centenário.

Sisina e Orlando tiveram dois filhos: Mauro Evaldi



Acervo/Maria Evani Souza de Moraes

Evento comemorativo do 77º aniversário de São Caetano do Sul, no dia 28 de julho de 1954, que contou com a presença do então governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, que aparece em primeiro plano, à esquerda. Discursando, o prefeito Anacleto Campanella e, à sua esquerda, Antonio Sílvio da Cunha Bueno. O então vereador, Orlando Souza, é o penúltimo, à direita

PSP com 303 votos, tomando posse em 4 de abril de 1957.

Em 2 de julho de 1950, os nordestinos radicados em São Caetano do Sul fundaram a Sociedade Beneficente Brasil Unido com a finalidade de atender os nordestinos que chegavam à cidade sem nenhum recurso, sem documentos e nem local para morar. Orlando Souza intermediava a colocação desses migrantes em vários postos de trabalho, além de providenciar os documentos necessários.

Como participante de um congresso nacional de vereadores, Orlando Souza apresentou um trabalho que iria informar os documentos necessários e indispensáveis para aqueles que pretendiam migrar para o sul. Enquanto participava de outro grupo, sua tese foi rejeitada pela terceira comissão sob o argumento que o vereador de São Caetano do

de Souza, advogado, que foi delegado de polícia em Campinas, interior de São Paulo, durante muitos anos e, aposentado. Atualmente reside em Paulínia com sua família. Maria Evani Souza de Moraes, formada em Serviço Social, Pedagogia e Direito, que foi diretora do COPI – Curso de Orientação Profissional da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e, de 2004 a 2008, exerceu a presidência da Rede Feminina de Combate ao Câncer de São Caetano do Sul. **R**

(*) Mário Porfírio Rodrigues, administrador de empresa, escritor e membro do Rotary Club

A VIDA DE BERNARDINO BORGES DE SALLES NARRADA EM TRÊS ASPECTOS



Foto tirada no dia 28 de agosto de 1937, por ocasião do casamento de Bernardino Borges de Salles e Maria Felicidade Silva

Raízes, ao dar início ao resgate da história da migração nordestina para São Caetano do Sul, levantou nomes de algumas personagens que ajudaram a escrever importantes e interessantes capítulos dessa história. Entre tais personagens, encontra-se a figura de Bernardino Borges de Salles. Um baiano de Juazeiro que chegou à cidade na década de 1930. Sua caminhada é narrada com base em episódios de sua vida pessoal, profissional e social. Esses três aspectos que compõem a biografia de Bernardino Borges foram resgatados por sua filha, a professora aposentada Waldir Borges de Salles. A partir das informações fornecidas por ela, foi possível a elaboração dessa matéria, modesta homenagem ao migrante Bernardino Borges, que, com seu espírito de luta, contribuiu para o desenvolvimento do município.

Vida pessoal

Bernardino Borges de Salles nasceu no dia 25 de março de 1908, na cidade de Juazeiro, na Bahia. Era filho de Higino Borges e Francisca Maria de Salles. Sua esposa, Maria Felicidade Silva era também da Bahia, de Jaguarari, nas proximidades da cidade de Bonfim. Embora fossem originários do mesmo estado, Bernardino Borges a conheceu em São Caetano, no ano de 1936. Após um breve período de namoro, a realização do casamento aconteceu no dia 28 de agosto de 1937, na Igreja Matriz Sagrada Família (então chamada de Matriz Nova), oficial-

mente inaugurada em 6 de junho daquele ano.

O casal teve três filhos: Valter (que ficou conhecido, na cidade, como Valter Baiano), Waldir e Valmir, nascidos em 1938, 1940 e 1944, respectivamente. O primogênito Valter, ocupava o cargo de assessor do prefeito de Paulínia. Faleceu no dia 19 de julho de 1994. Valmir, técnico em cerâmica, atua no ramo de auditoria, mas também já se dedicou ao magistério e ao esporte, ocasião em que chegou a integrar a seleção de basquete de São Caetano do Sul. Waldir foi uma das primeiras professoras recreacionistas da Prefeitura de São Caetano do Sul, lecionou em parques infantis (as atuais emeis), entre os quais o Parque Infantil Emílio Carlos e o Parque Infantil Irineu da Silva, inaugurados, respectivamente, em 4 de abril de 1964, e no dia 18 de março de 1961. Além de ter lecionado nesses parques, exerceu o magistério nos grupos escolares Padre Luiz Capra, Senador Roberto Simonsen e Padre Alexandre Grigolli, Instituto de Ensino de São Caetano do Sul e Colégio Termomecânica, da Fundação Salvador Arena, em São Bernardo do Campo.

Vida profissional

No início da década de 1930, Bernardino Borges de Salles resolve deixar seus pais e irmãos na Bahia para dar início a uma nova vida em São Paulo. No dia 9 de setembro de 1932, residindo na região de Campinas, é admitido pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro, onde trabalhou até 16 de junho de 1936. Foi por volta desse período que ocorreu sua vinda para São Caetano. Na cidade, sua primeira moradia foi na Pensão da Dona Jovem, então localizada na Rua Perrella, nº 389.

Aqui instalado, dedica-se ao comércio: um bar e restaurante, na esquina das ruas Américo Brasileiro e Antônio Bento. Foi nesse estabelecimento que o ex-prefeito Raimundo da Cunha Leite trabalhou, quando chegou à cidade. Graças à ajuda da esposa, que havia deixado o emprego na fábrica de rayon das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Bernardino Borges conseguiu conciliar com a atividade comercial o serviço na Reprensagem e Armaze-

Acervo/Waldir Borges de Salles



Bernardino Borges e Maria Felicidade com seus filhos Valter Borges de Salles (à esquerda), Valmir Borges de Salles e Waldir Borges de Salles, em foto do início da década de 50

Acervo/Waldir Borges de Salles



Bernardino Borges no Bar 33, que ficava na Rua Santa Catarina, nº 33 (no térreo do Edifício Fortaleza). Ao lado de Bernardino, a filha Waldir (à esquerda) e a esposa Maria Felicidade. Foto da década de 50

Acervo/Waldir Borges de Salles



Bernardino Borges e Maria Felicidade eram sempre convidados para ser padrinhos de batismo dos filhos de nordestinos instalados em São Caetano. Esse gesto era uma forma de agradecimento ao casal pela ajuda dispensada a eles

nagem de Algodão S/A., onde trabalhava no período noturno.

Em meados da década de 40, após um breve período na cidade paulista de Fernandópolis, onde exercera atividades comerciais, no ramo de bar e sorveteria, o baiano Bernardino Borges abre, no nº 51 da Rua Goitacazes, uma pensão nos moldes da Dona Jovem, razão que a levou a receber também muitos nordestinos entre os seus hóspedes.

Entre 1951 e 1952, instala no nº 33 da Rua Santa Catarina, no térreo do Edifício Fortaleza, um restaurante, que atendia pelo nome de Bar 33. Esse estabelecimento, muito popular na cidade, se tornou o ponto de encontro de moradores, entre os quais, Santos Parra e Raul Cucato, que se dedicavam à caça de animais exóticos, como tatus, lagartos, capivara, entre outros. Frequentemente, essas presas eram levadas ao restaurante para o seu preparo, ocasião de muita descontração e festa, motivo para o fechamento das portas do bar para que os “caçadores” pudessem saborear melhor os pratos elaborados a partir da caça.

Com a venda do Bar 33, Bernardino Borges passa a trabalhar na Companhia Brasileira de Armazéns Gerais S/A., na Rua Dianópolis, 122, em São Paulo. Sua admissão ocorrera no dia 21 de maio de

1955, no cargo de ajudante de conferente. Depois dessa sua passagem pela companhia, um novo bar é aberto por ele na cidade. Dessa vez, na esquina das ruas Baraldi e Manoel Coelho.

Na década de 60, após ter vendido esse último bar, Bernardino Borges se dedicou ao ramo de cargas. Montou uma empresa para coordenar o trabalho de operários que executavam embarque e desembarque de trens de carga, na Estação Tamanduaté.

Em 1965, durante o primeiro mandato do prefeito Hermógenes Walter Braido, Bernardino Borges exerceu a função de feitor tarefeiro na Prefeitura de São Caetano do Sul, cuidando do calçamento de trechos situados no atual Bairro Nova Gerty.

Vida social

Bernardino Borges de Salles teve uma vida social bastante ativa em São Caetano do Sul. Figura popular e muito acessível, conquistava muitos amigos. Esse seu comportamento, aliado a questões ideológicas, o conduziu às atividades políticas.

Foi um dos fundadores e conselheiro do Diretório local do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Militou na legenda e se candidatou a vereador para

Acervo/Fundação Pró-Memória



Bernardino Borges (o último, sentado, da esquerda para a direita) com suplentes e vereadores da primeira legislatura de São Caetano do Sul (1949 – 1953), na primeira sede da Câmara Municipal, na Rua João Pessoa. Em pé, a partir da esquerda: Antônio Moreno Rodrigues, Antônio Barbosa da Silva, Jacob João Lorenzini, Láuriston Garcia, Genésio Carlos Alvarenga e Oswaldo Bisquolo. Sentados, a partir da esquerda: Oswaldo Samuel Massei e Alfredo Rodrigues

a disputa da primeira eleição municipal de São Caetano, realizada no dia 13 de março de 1949. Derrotado nesse pleito, Bernardino Borges candidata-se novamente, obtendo uma votação que lhe conferiu a condição de suplente junto à Câmara dos Vereadores, na segunda legislatura do município (1953 – 1957).

Sua atuação política não se restringiu ao PTB, filiou-se a outros partidos da época, por meio dos quais voltou a candidatar-se a vereador. Concorreu às eleições municipais de 24 de março de 1957 pelo Partido Republicano Trabalhista (PRT); de 26

sa, Maria Felicidade, ficava à frente das atividades da cozinha.

Quanto aos nordestinos que aqui chegavam, procurava ajudá-los de diferentes maneiras. Buscava colocação para esses migrantes no mercado de trabalho local, arrumava escola para seus filhos e atuava como fiador nos contratos de locação de imóveis assinados por eles. Percebendo as inúmeras dificuldades que cercavam os nordestinos recém-instalados na cidade, foi um dos fundadores, no dia 2 de julho de 1950, da Sociedade Beneficente Brasil Unido. A finalidade inicial era justamente a

Acervo/Waldir Borges de Salles



Equipe do Niterói Futebol Clube, em foto do final da década de 40. Bernardino Borges é o nono, da esquerda para a direita

de março de 1961 pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN); e de 7 de março de 1965, pelo Movimento Trabalhista Renovador (MTR).

Apreciador dos esportes, Bernardino Borges também deixou sua contribuição nessa área em São Caetano. Participou ao lado de Antônio Ferreira, do Niterói Futebol Clube, cujo campo ficava no quarteirão hoje ocupado pelas dependências da Escola Armando de Arruda Pereira, do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai).

Na década de 50, colaborou com as quermesses organizadas em prol da construção do Hospital Nossa Senhora de Fátima, com primeiro bloco inaugurado em 17 de novembro de 1957. Em tais eventos, atuava como leiloeiro, enquanto sua espo-

prestação de assistência aos grupos nordestinos da cidade.

Em agradecimento aos gestos de solidariedade de Bernardino Borges, muitas famílias convidavam-no para ser padrinho de batismo de seus filhos, contribuindo ainda mais para o aumento de seu já numeroso rol de compadres, em São Caetano.

As palavras ternas de sua filha Waldir expressam bem o que foi a personalidade de Bernardino Borges de Salles, falecido em 6 de janeiro de 1969: *Quem o conheceu fala dele com alegria, pois era um homem forte, otimista, destemido, amigo fiel, honesto e honrado.* (Cristina Toledo de Carvalho) **R**

VIDAS VIVIDAS EM DESLOCAMENTO: NARRATIVA DE ANGELITA MIGRANTE PARA O ABC

Priscila F. PERAZZO ()*

Aervo/Angelita Queiroz da Silva



Angelita Queiroz

Se nos detivermos a olhar atentamente para a formação social do ABC no século XX, poderemos perceber como a composição populacional e as ocupações territoriais local contaram, essencialmente, com chegada de muitas pessoas diferentes, provenientes de lugares próximos ou distantes, do Brasil ou do estrangeiro.

O final do século XIX e início do século XX foram marcados pela presença estrangeira. Eram imigrantes de outros países, da Europa e da Ásia, que chegavam em navios, aportavam em Santos às

vezes, também, no Rio de Janeiro. Subiam a serra de trem e eram internados na Hospedaria dos Imigrantes, na capital, para vistoria, quarentena ou mesmo para aguardar o próximo destino: as fazendas do interior do Estado de São Paulo. No entanto, muitos deixaram o trabalho na lavoura e voltaram para a capital. Estabeleceram-se nos subúrbios... E assim foram chegando os estrangeiros nas cidades como Santo André e São Caetano do Sul.

A oferta de trabalho nessa época era atraente. Nos arredores de São Paulo, podia-se ar-

rumar emprego tanto em fábricas, como na lavoura ou no comércio. Ir à cidade de São Paulo era de certa forma, fácil, em comparação às viagens para o interior do Estado, pois bastava pegar o trem da São Paulo Railway, que fazia a linha Santos-Jundiaí e em pouco tempo chegava-se na capital.

Foi assim que muitas comunidades de estrangeiros e seus descendentes se formaram e também formaram a região do ABC, na primeira metade do século XX. Eram grupos de italianos, espanhóis, portugueses, alemães, austríacos, ucranianos, russos, lituanos, japoneses...

Dessas histórias, constituiu-se também a memória local, como produção de uma versão sobre o passado. Aos estrangeiros, atribuiu-se o legado da construção local. Os italianos, por exemplo, sempre foram relevados no empreendedorismo da formação da sociedade sul-sancaetanense. Outras nacionalidades, tão importantes em labor, presença, cultura ou número de colonos, não receberam tantas estátuas ou nomes de ruas, mas demonstraram sua importância na formação local. Atualmente, já se sabe que teutos e eslavos ocuparam a Vila Paula, por exemplo. Ali tiveram uma escola, um clube e uma associação cultural. Famílias como a Toyoda, de origem japonesa, tornaram-se aqui empresas de artigos de cerâmica e louça. Estrangeiros e descendentes de origem japonesa fundaram várias associações pela cidade, a exemplo do atual Clube Gonzaga entre outros. Segundo Cecília de Salles Oliveira (2001), as tradições recriam e transformam a história, pois instituem saberes e lembranças a partir dos quais se selecionaram, institucionalizaram e propagaram-se rituais, práticas e representações que criaram subjetivamente as localidades, as coletividades ou nacionalidades.

No entanto, a história, marcada pela memória, pelas lembranças e pelas construções que as gerações presentes fazem de seus passados, certamente trás alguns à lembrança e colocam outros no esquecimento. A busca pela memória de algo parece se definir como forma de reaver um dano, ocupar uma lacuna. Sob esse aspecto, a memória parece ser “uma luta contra o esquecimento... como

uma exortação a não esquecer” (RICOEUR, 2007, p. 424). Assim, os mecanismos da memória e do esquecimento estão imbricados. Rememorar parece uma obrigação para não esquecer. Esquecer acaba por ser necessário, ao se rememorar:

Desde que nos propusemos, na Universidade Municipal de São Caetano do Sul, a gravar depoimentos de histórias de vida, deixamo-nos levar pelas “espécies de pessoas cujos nomes são usualmente desconhecidos de todos exceto de sua família” (HOBBSAWN, 1999, p. 7). São pessoas comuns, mas “extraordinárias”, porque suas vidas têm tanto interesse quanto a de qualquer um de nós, mas nem por isso se escreveu algo sobre elas. No entanto, entendemos como o historiador Eric Hobsbawn (1999), que esses homens e mulheres são os principais atores da história, protagonistas ou coadjuvantes, não importam, pois são, certamente, os heróis de suas vidas. Quando vieram narrar oralmente suas histórias diante das câmeras e dos pesquisadores em Comunicação, permitiram-nos ouvir mais de uma centena de histórias de deslocamentos, ou de migrações; o que nos fez perceber como o homem e a mulher comum se torna agente de sua própria história e de seu destino, mesmo que... fragmentado, divorciado de si mesmo e de sua obra, mas obstinado no seu propósito de mudar a vida, de fazer História, ainda que pelos tortuosos caminhos de sua alienação e de seus desencontros, os difíceis caminhos cotidianos da vida” (MARTINS, 2008, p. 10).

Por isso, escolhi (re) contar, entre tantas histórias, uma delas. Refere-se à vida de Angelita Queiroz e Manoel Veríssimo da Silva, migrantes, que saíram do Nordeste em 1958, vieram para o Sul – estado do Paraná – e de lá para o ABC. Histórias como essas demonstram como o herói e a heroína são pessoas comuns, simples, que vivem o cotidiano como todos nós. Mas também vivem momentos que fazem parte da História que “irrompe na vida de todo dia” (MARTIN, 2008, p. 10). Na História do ABC, subúrbio da capital que não prescinde de histórias como desses migrantes - que constituíram

o local, no que tange à cultura, economia, participação, história, existência calada, mas pulsante no dia a dia – as histórias de deslocamentos e migrações como essas, certamente, são muito comuns, e o foram no século XX, entre muitos moradores do Grande ABC.

Talvez, não nos seja comum lembrar ou narrar essas histórias. Rememorar essas trajetórias, refazer esses deslocamentos e saudar todos aqueles que ficaram, por um motivo ou outro, no meio desses caminhos. Essa foi parte da história de Angelita Queiroz, contada por ela mesma para os pesquisadores do Memórias do ABC da USCS, em 2004, e por mim rescrita nesse espaço. Nos caminhos de Angelita ficou Manoel, seu marido, ficaram também suas lembranças do tempo de infância, das agruras do deslocamento, das saudades dos que se foram e da felicidade com os novos que chegaram.

Eu nasci em Pernambuco, na cidade de Afogados de Ingazeira, no dia 2 de setembro de 1941. Minha infância foi muito ruim, porque eu fiquei sem pai aos três anos e a minha mãe tinha oito filhos. A região era muito pobre, não chovia; então, a gente comia pouca comida. Quando meu irmão não tinha nem 18 anos, ele veio para o Paraná, junto com um amigo e depois de uns dois anos, ele voltou a Pernambuco para nos buscar. Isso era 1958 e assim, com cerca de dezessete anos, eu migrava do norte para o sul.

Lá em Pernambuco, trabalhávamos apenas quando chovia. Isso quer dizer que, às vezes, quando chovia, a gente plantava milho, feijão, e quando o milho já estava na boneca, grande e viçoso, parava de chover, vinha a seca e a gente perdia tudo. Às vezes passava até quatro anos sem chover.

Para sobreviver plantávamos em lugares que tinha areia e com a garoa, chegava a dar algumas coisas de milho. Ou então, dependíamos de outras pessoas, parentes que dessem um pouco de comida da safrinha deles. A comida era o

milho e o feijão, limitada, era bem pouca. Fazia-se aquela quirera, colocava o milho de molho, ralava na máquina... Mas era bem pouco, não dava para comer à vontade, pois eram oito pessoas, com a minha mãe, nove. Meus tios costumavam ajudar, porque eles moravam mais distantes, umas três léguas de distância. Lá era um lugar mais fresco, com areia, então dava alguma coisa. Não era tão boa, mas dava para ajudar a minha mãe.

Quando meu irmão cresceu, não tinha nem dezoito anos, foi para o Paraná com um colega. Depois de três ou quatro anos ele voltou para nos buscar e nos levar para o Paraná, onde fomos colher café, trabalhar na roça.

Da cidade de Afogados de Ingazeira fomos para Recife e de lá para o sul. Eu vim de pau de arara. Foram dez dias e dez noites até chegar a São Paulo. Essa viagem foi muito triste. Era criança que chorava. Teve um homem que ficou louco na viagem. Esse homem queria que eu ficasse ao lado dele. Aí a minha mãe ficou muito nervosa. Nós sentávamos nos bancos da frente do caminhão pau de arara. O pessoal achava que a gente era protegida, porque era o meu irmão que tinha fretado o caminhão. Colocaram um monte de malas, então o caminhão ficou bem alto e a gente vinha em cima, vendo a hora que a gente ia cair para trás. E eles achando que a gente era protegida, em cima daquelas malas velhas, todas duras!!! Esse homem que ficou doido foi até internado.

De São Paulo, fomos de trem até o Paraná. Nós já tínhamos um lugar para trabalhar. Era para colher algodão. Todo mundo queria gente para apanhar algodão. Depois do algodão tinha o café. Os fazendeiros já esperavam aqueles migrantes que vinham do norte. A estação ficava cheia de fazendeiros esperando os migrantes chegarem. Mas nós não, pois o meu irmão já sabia para onde nos levar.

Fomos para Santa Fé do Sul, que fica per-

to de Jaguapitã, Londrina, Cambé, Rolândia. E foi aí que conheci meu marido e me casei com 20 anos.

Meu marido também nasceu no Nordeste, mas foi para o Paraná quando não tinha nem um ano. Também era de Afogados da Ingazeira.

No início, ficamos na mesma fazenda que eu já estava, porque meu marido trabalhava para os donos que eram italianos. Ficamos por quatro anos colhendo café. Nesses quatro anos não teve chuva forte, nem chuva de pedra, nada que estragasse a colheita. Por isso, conseguimos ficar por lá. Dava uma colheita boa. Cada pé de café dava uma saca, de tão bom que era. Aí eu ia para a roça, fazia comida, levava as duas filhas, uma no braço e a outra andando e uma sacolinha com bolo, café, para as meninas comerem enquanto trabalhávamos. Nós colhemos todo o café e vendemos para o banco, a prazo. Mas no primeiro mês esse banco faliu. A gente ficou sem nada e ainda devendo. Então, meu cunhado, que já morava aqui na Vila Industrial, no ABC, foi nos visitar e viu a nossa deprimente situação. Meu marido estava como louco, batia a mão na cabeça, se desesperava com nossa perda. Eu falava para deixar pra lá, que a gente conseguiria tudo de novo. Mas meu marido nem dormia, passava a noite dentro de casa andando de um lado para outro. Meu cunhado o viu daquele jeito e falou que era para irmos para São Paulo.

Vimos em 1967. Meu cunhado nos propôs que não pagássemos aluguel, nem o que a gente comesse. Disse que nos sustentaria até arrumarmos serviço e então alugaríamos uma casinha. Naquele tempo era muito fácil arrumar serviço e meu marido se empregou na Alcan. Ele trabalhava na linha de montagem e quando não tinha muito serviço, quando precisava, ele trabalhava na empilhadeira, empilhando aquelas caixas.

Passado algum tempo, meu marido vol-

tou ao Paraná para pegar o dinheiro no banco. Estavam ressarcindo a perda dos anos anteriores.

Era uma quantia boa. Não lembro quanto era, mas dava para comprar muita coisa aqui. Meu irmão, lá do Paraná, disse que meu marido não precisa ir até lá. Apenas deveríamos abrir uma conta aqui no banco que ele depositaria o dinheiro nela. Mas, meu marido quis porque quis viajar.

Acho que ele queria contar para o pessoal que ele estava trabalhando e que já tinha alugado uma casa, comprado os móveis. Pediu uma dispensa na Alcan e saiu numa sexta feira, viajando toda a madrugada, para amanhecer o dia por lá, retirar o dinheiro e voltar. Chegou, tirou o dinheiro... Na estação para pegar o ônibus de volta, tendo comprado passagem e tudo, chegou um conhecido e disse-lhe que estava indo para São Paulo no dia seguinte - sábado de carnaval de 1968 - e ofereceu carona para meu marido viajar com ele. Meu marido resistiu um pouco, falou que tinha medo de andar nesses carrinhos, mas meu irmão, que estava junto, disse que não tinha problema, pois o moço já havia viajado a São Paulo umas vinte e quatro vezes. Então, venderam a passagem e ele veio de carro. Saíram às quatro horas da manhã de sábado. Meu marido chegou morto. O Fusca capotou em Ipauçu. Manoel Veríssimo da Silva era o meu marido. Ele voltou morto. Aí a vida ficou muito triste para mim. **R**

Bibliografia

HOBBSAWN, Eric. *Pessoas extraordinárias. Resistência, rebelião e jazz*. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Cecília Helena Salles de. *Museu Paulista: espaço celebrativo e memória da Independência*. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (re) sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp/CNPq, 2001.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

B. Fontes Oraís
Depoimento de Angelita Queiroz da Silva para Memórias do ABC/USCS. São Caetano do Sul, 20/12/2004.

Priscila Perazzo, Doutora em História Social. Docente do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Coordenadora do Memórias do ABC – Núcleo de Pesquisas e Laboratório de Produções Midiáticas – USCS.

A ESTRELA ASCENDENTE DO INSTITUTO DE ENSINO SAGRADA FAMÍLIA

70 anos de amor e educação

Ivana Colognesi SANCHEZ ()*

Não é fácil falar de algo tão magnânimo! Mas tudo que é muito fácil não tem mérito.

Assim é a história do Instituto de Ensino Sagrada Família: vencedora apesar das adversidades. Isso porque o Instituto nasceu abençoado. Foi dentro de uma igreja que sua semente foi plantada. Hoje, árvore frondosa e forte como carvalho, resiste ao tempo e é nobre.

Tudo começou numa noite, em 1939, quando o Professor Verino Segundo Ferrari entrou na Igreja Sagrada Família para fazer suas orações e o Padre Alexandre Grigolli convidou-o para assumir a direção de uma escola que ainda não existia. Era apenas um sonho... Mas o sonho tornou-se realidade em pouco tempo. A intenção do Padre Alexandre Grigolli era fundar uma escola que tivesse uma base

Acervo/Fundação Pró-Memória



Professor de Português, Rafael Correa, em 1965

religiosa ligada à ordem dos Estigmatinos.

Os Padres Estigmatinos chegaram a São Caetano do Sul em 1924. Nesses 85 anos de presença na cidade, eles têm legado à população uma contribuição muito marcante, que abrange, desde a formação na fé cristã, até a elaboração de projetos direcionados à Educação, Arte, Esporte e Lazer. Eles estão presentes em muitos países como: Itália, Inglaterra, Alemanha, Geórgia, Estados Unidos, Brasil, Chile, Paraguai, Costa do Marfim, África do Sul, Botswana, Tanzânia, Filipinas, Tailândia e Índia. Também estão presentes em muitas cidades brasileiras.

Na área da Educação, o Padre Alexandre Grigolli sempre planejou criar uma escola e assim o fez. Era março de 1939, mês dedicado a São José quando foi fundada a Escola Particular São José. Foi Verino quem cuidou da documentação para o funcionamento e obteve o registro de autorização em maio daquele ano.

A escola, em frente à Rua Niterói, funcionava com três salas de aula e uma que se destinava à secretaria para as matrículas, todas sem iluminação elétrica. As classes possuíam carteiras de madeira e um quadro negro. As matrículas estavam abertas aos meninos. As meninas eram matriculadas no Externato Santo Antonio. Com o tempo, isso se tor-

nou inviável, pois dificultava a vida das famílias que tinham filhos e filhas.

Os primeiros professores foram: Verino Segundo Ferrari, Bernadette Pereira Mayer e Santina Leonor Fiorotti, que inicialmente lecionavam apenas para uma sala de 1º ano e para poucos alunos do 2º e 3º anos.

No dia 15 de junho de 1943, a escola mudou o nome para Escola Paroquial São Caetano, e ainda recebeu uma verba da Prefeitura de Santo André, pois na época, São Caetano era subdistrito da Comarca de Santo André.

Ainda nessa época, o Padre Alexandre Grigolli foi substituído pelo Padre Ézio Gislimbert, que também fez melhorias no prédio da escola. Ele construiu salas de aula e secretaria, na esquina das Ruas Niterói e Rio Grande do Sul. A escola estava em pleno desenvolvimento e também passou a receber a colaboração dos Padres Arthur de Vigilli, Aldo Belli e Luciano Dall Zoppo.

Em 1953, a direção passou para a Professora Geny Voltarelli. O número de alunos era maior, o progresso era visível. Já em 1959, o cargo de diretor foi assumido pelo Professor Eugênio Voltarelli, sobrinho de Dona Geny.

A dedicação do Professor Eugênio foi no-



Acervo/Instituto de Ensino Sagrada Família

Professores do período da manhã, em 1968. Sentados, da esquerda para a direita: Antônio Guides Machado, Paulo Frossa, Ana Maria Santana e Wladimir Correa Rocha (secretário). Em pé, da esquerda para a direita: Antônio Álvaro Nardi, Angelo Padovan, Eugênio Voltarelli (diretor), Edgar Alves da Cunha, Raphael Campos Lima, Terezinha Voltarelli Gandolfo e Olyntho Voltarelli Filho



Professor de História, Sebastião dos Santos Malva, em 1965



Professor de Desenho, Olyntho Voltarelli, em 1965

tória e a escola crescia cada vez mais. Tornou-se referência em educação na cidade e passou a contar com a competência dos professores Giácomo Benedetti e Olyntho Voltarelli Filho.

Em 1961, nova nomenclatura foi determinada e nasce o Instituto de Ensino Sagrada Família. Nesse mesmo ano, O MEC concedeu autorização para a implantação do Curso Comercial Básico (atual Fundamental).

Nessa década, a escola diversificou seus cursos em: Mecanografia e Técnico em Contabilidade. E, no dia 24 de dezembro de 1976, recebeu ainda a autorização de funcionamento para os cursos de Auxiliar em Administração Hospitalar, Desenhista de Estruturas, Secretariado e também o curso supletivo de 2º grau. Em 1980, aconteceu a implantação do curso de Educação Infantil e Desenho Mecânico.

Nessa época, as aulas já contavam com a duração de 50 minutos e não havia mais o exame de admissão, exigido anteriormente.

Tudo isso na administração efetiva do Diretor Eugênio Voltarelli. Em 1983, Voltarelli morre num acidente aéreo, sua esposa, Rose Mary C. R. Voltarelli assume a direção. Três anos mais tarde, o Conselho Administrativo decidiu que o Professor Olyntho Voltarelli Filho deveria assumir a direção.

Em 1995, o Ensino Médio passa a funcionar no período da manhã com grande prestígio entre pais e alunos. Os alunos passaram a contar com os cursos de Informática, Espanhol e aulas práticas de Laboratório de Ciências Físicas. O antigo cinema, nas dependências da escola, foi transformado em

parque infantil, e no ano de 2000, em quadra poliesportiva, encerrando assim, a história de luta e realizações no século XX.

Vale ressaltar da história do Instituto, que existe um elo permanente entre os ex-alunos. Fato característico desta escola. Os alunos tornam-se membros efetivos, no sentido de frequentarem festas e eventos, mesmo depois de formados. Eles formam uma comunidade, um segmento, um grupo que manifesta grande comoção em seus encontros.

A mesma emoção percebe-se também nos atuais alunos (muitos filhos e netos de ex-alunos), que vestem o uniforme como algo bem maior, como se fosse a camisa de seu ídolo, clube, algo como uma identidade única. Identificação notória, que contagia e envolve a todos.

O século XXI chegou e o Sagrada Família continua presente e em destaque no setor educacional da nossa comunidade.

Em 2007, a Congregação dos Estigmatinos, mantenedora da escola, assume a direção, resgata suas raízes. Passa a intensificar seu projeto educacional com atenção especial à formação humana e religiosa fundamentada na ética e na moral.

Em 2008, a escola sofre um duro golpe na sua personalização: morre o grande símbolo de sabedoria o professor Olyntho Voltarelli, vítima de um aneurisma. A tristeza comoveu várias gerações. Ele tornou-se imortalizado neste ano de 2009, com seu nome atribuído a uma escola municipal desta cidade, o que muito nos orgulhou. Realmente, é uma honra tê-lo tido como amigo, mestre e diretor

do certo, do exato, do bem.

Acreditamos que ele se tornou imortal no amor e no carinho que todos sentimos por ele. Com certeza, com relação à escola ele estava realizado. Pois, o Sagrada Família, já havia recebido o Prêmio em Excelência em Qualidade de Ensino em 2007. O evento é uma realização do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Qualidade Gomes Pimentel, com dados do próprio IBPQGP, do Ministério da Educação, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, e do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – SAEB.

O Prêmio, editado desde 1994, é conferido às 150 melhores instituições de ensino do país, reconhecendo o trabalho e a qualidade de ensino das instituições, resultado da competência dos seus dirigentes, professores e funcionários.

Não poderia ser diferente!!!

A nova equipe gestora soube unir à tradição e qualidade da escola grande habilidade e competência na arte de educar, somando vitórias e sucessos para enaltecer o trabalho árduo e honesto que vem realizando há 70 anos.

No Instituto, a educação não segue padrão comum, ao contrário, é um ensino individualizado que vê o aluno como um ser único, capaz de desenvolver habilidades e competências para uma realização pessoal.

A escola, coordenada hoje pelo Padre Mário José Filho e equipe, continua sua missão que vai além do educar, centraliza também o ser humano em sua complexidade. E volta seu olhar para a ética e a moral. Busca a essência do que é divino e particulariza o aluno, individualiza o seu saber, e, com a união da filosofia de educação e ética, acreditamos lapidar a criança para que ela seja completa, capaz e vitoriosa.

Por toda essa história, o Sagrada Família está em festa, ao ter completado, no último dia 10 de maio, 70 anos de sucesso. Durante sete décadas, a escola colecionou vitórias, mas não foi fácil! Houve muita luta e dificuldades que foram vencidas, pois sua estrutura está calcada no amor e na dedicação: ingredientes essenciais para um caminho de bons

êxitos.

Não é sem motivos que somos apaixonados pelo Instituto de Ensino Sagrada Família, escola sempre mantenedora da formação de gerações, preparadas para exercerem a cidadania com base na ética e na moral.

Então, Sagrada Família, receba esta homenagem dedicada à sua grandiosidade.

Sempre priorizando o aluno

A fim de que ele seja valorizado,

Garantindo seu potencial,

Revelando seu talento e

Aperfeiçoando suas habilidades.

Dessa forma, o sucesso e

A vitória serão constantes.

Farão dele a sua marca!

As lembranças serão doces, as

Memórias, as mais felizes!

Isso tudo servirá de alicerce para

Laços eternos de amizade e

Infinitas alegrias, assim o

Amor e a felicidade encontrarão sua morada.

10 de maio de 2009, 70 anos de trabalho e dedicação.

Parabéns, Sagrada Família. R

(*) Ivana Colognesi Sanchez, pós-graduada em Linguística e professora de Língua Portuguesa do Instituto de Ensino Sagrada Família

A VOZ FEMININA

Priscila GORZONI (*)

*“Eu não tinha este
rosto de hoje,
assim calmo, assim triste,
assim magro,
nem esses olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.
Eu não tinha essas mãos
sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha esse coração
Que nem se mostra.
Eu não dei por essa mudança,
Tão simples, tão certa,
tão fácil:*

-Em que espelho ficou perdida a minha face?”

Cecília Meireles, em Flor de Poemas.



Marina Giacomini, a Carbonara

Quando chegaram aqui, as mulheres não contavam com tantas oportunidades como as que temos hoje. A vida não foi nada fácil para as antigas sancaetanenses, muitas vezes excluídas dos relatos históricos. Mas, parte do que a cidade se tornou de-



*Olga Montanari de Mello,
pioneira na participação
feminina na vida pública
de São Caetano*

vemos a elas. Por intermédio de três personagens femininas, realizamos uma viagem no tempo e nos deparamos com uma realidade bem diferente da nossa, porém com sonhos semelhantes. As primeiras mulheres dessa terra eram as índias, provavelmente pertencentes a grande família dos Tupi-guaranis, que ocupava em 1590 toda a região da costa do Brasil, desde o nordeste até o sul. São Caetano do Sul ainda não existia e essa região era conhecida como Tijucuçu. O pouco que sabemos sobre essas índias era a de que elas tinham as atribuições bem definidas de tecer balaios, redes, produzir utensílios domésticos, cuidar dos filhos e plantar mandioca para a alimentação.

AS ITALIANAS - Por volta de 1877, chegaram os

imigrantes italianos em sua maioria vindos de Vêneto. A partir desse grupo, surgiram os primeiros núcleos coloniais da então Fazenda São Caetano. Muitas mulheres desempenharam como principal tarefa a de cozinhar, costurar e lavar roupas. Um começo marcado por muitas dificuldades. Os relatos demonstram que o sofrimento não era só com a falta de conforto, mas com o clima e os insetos.

Além das atividades domésticas, essas mulheres alternavam os turnos nas olarias. Uma dupla jornada. O relato de Vergílio Ferrari apresenta uma das rotinas de sua mãe, que era obrigada a se sentar sobre os montes de tijolos para amamentar os filhos. Nos anos de 1890, as viúvas não tinham o direito de assumir a família e muitas vezes perdiam a herança

do marido, dependiam de outros para verem seus direitos respeitados. Algumas superaram as dificuldades, como é o caso de Ângela Garbelotto, que administrou a pequena olaria deixada pelo marido.

Outro exemplo foi de Ana Martorelli. Com a morte do marido, trocou alguns terrenos por uma vaca e fez fortuna. Nessa época, o registro de mortalidade era grande: um falecimento a cada três dias. As mulheres ganharam destaque com seus conhecimentos sobre o uso das ervas e remédios caseiros. Durante muito tempo, o espaço feminino ficou restrito à casa e aos rios que circulavam a região. Algumas personalidades fugiram à regra, como relata a história de Marina Giacomini, também conhecida como “A Carbonara”. Ela era proprietária de um sítio. Lá, extraía madeira e vendia para São Paulo. Outro exemplo é de Assumpta Sestari proprietária de um armazém. No entanto, a maioria das mulheres desempenhou suas funções e trocou informações em espaços privados.

FORA DE CASA - A partir do final do século XIX, as diferenças ficaram óbvias e turbulentas. Isso fica claro na participação significativa das mulheres nas indústrias, apesar de não estar documentada. Segundo o sociólogo José de Souza Martins, em 1910, não existiam mulheres entre os operários da Fábrica de Formicida Paulista. Fato que começa a mudar a

partir de 1918. A Matarazzo computava 312 empregados e entre eles 38 mulheres. Elas faziam parte, em sua maioria, das fábricas de tecelagem e indústrias têxteis. Em 1912, dos 1775 operários existentes em sete estabelecimentos fabris 1340 eram mulheres, segundo o Departamento Estadual do Trabalho. De acordo com Martins, foi com a fábrica que as mulheres de São Caetano romperam com esse espaço privado e conquistaram o cenário público. Na política, apenas a partir de 1948, com o movimento autonomista da cidade, começaram a aparecer os primeiros nomes femininos. Destaque para Itália Fiorrotti e Olga Montanari.

TRABALHO RELIGIOSO - A atuação feminina foi especial nos trabalhos religiosos, assistenciais e de saúde em São Caetano. Um deles era o das Irmãs Clarissas Franciscanas. Esse, ligado à construção e fundação do Hospital São Caetano. Elas desempenham seus trabalhos de humanização e espiritualização hospitalar desde 1954. Mas, anterior a essa época, a primeira enfermeira chefe do hospital, Irmã Rosalma, visitava as residências e solicitava a doação de materiais de construção para o hospital. O trabalho pioneiro, com as Irmãs Rosália, Agueda, Julieta e Mônica, marcou o crescimento e desenvolvimento do Hospital e ao mesmo tempo cada uma respondia por determinado setor. Algumas irmandades religiosas femininas, entre elas a Legião de Maria, passaram a se destacar na cidade. Hoje, existem mais de 25 grupos distribuídos pelas paróquias. Olga Tegen, com o apoio de Maria Espósito, esposa do ex-presidente do Hospital, trouxe a Legião de Maria, há 50 anos, para a região do ABC.

Assunta: Uma Filha de Maria (1920)

O quintal da casa de Assunta Ferrero Veronese, 95 anos, é tão florida quanto a sua vontade de viver. Ela faz parte do registro histórico das mulheres sancaetanenses da década de 20. “Eu tenho sobrinhos e sobrinhas que muitas mães não têm como filhos, por isso sou muito feliz. Eu tenho saúde e com essa minha idade eu ando bem, mas o médico



Acervo/Fundação Pró-Memória

Irmãs Clarissas Franciscanas, símbolo da atuação feminina em trabalhos religiosos e assistenciais na cidade. Foto tirada no Instituto Nossa Senhora da Glória, em 1960

Acevo/Assunta Ferrero Veronese



Assunta em seu casamento com Alfredo Veronese

Foto: Priscila Garzoni



Dona Assunta Ferrero com a família

Acervo/Fundação Pró-Memória



Ambrosina Prestes Albuquerque, Maria Madalena e Assunta Ferrero. Foto tirada em frente à residência de Ambrosina, à Rua Amazonas, em 1930

só me proibiu de andar em degraus altos porque posso cair”, conta. Quando conheceu São Caetano, encontrou uma cidade totalmente diferente do que é hoje. “Para se ter uma ideia, a Rua Oswaldo Cruz era só mato. Nós morávamos na Rua Amazonas e no fundo do quintal tinha uma descida com nascente de água”, lembra. Dona Assunta nasceu na Vila Prudente no dia 6, mas no documento consta o dia 9 de julho de 1910. “E mais, são dois nomes: Domingas Ferrero Veronese e Assunta Ferrero Veronese. Sou registrada como Domingas, mas quando foram me batizar, no dia 15 de agosto, Dia de Nossa Senhora de Assunção, o padre perguntou: *Qual é o nome da menina?* Meu pai disse: *Domingas*. Aí o padre disse: *Mas eu não vou batizá-la assim. Vocês me desculpem, vou batizá-la como Assunta, porque Nossa Senhora de Assunção vai protegê-la*. E assim ficou”, assegura. Seu pai se chamava Bartolomeu Ferrero Filho e a mãe, Maria Vicentini Ferrero. “Meus avôs vieram da Itália e trouxeram meu pai com oito anos de idade para Minas Gerais. Lá, os contratadores verificaram a formação dos imigrantes e quem tinha ofício não podia ficar. Então meu avô juntou toda a família e foi para o Bom Retiro, em São Paulo. Ali, eles conseguiram lugar para morar e meu avô, que era muito criativo e talentoso no feitiço de sapatos, conseguiu logo um emprego”.

MUDANÇA PARA SÃO CAETANO - Depois de um tempo, com uma situação financeira bem melhor, o avô, em conversa com um amigo, recebeu a informação de que em São Caetano uma loja de

secos e molhados estava à venda. “Meu pai ficou interessado, pegou suas economias e conseguiu que outro amigo lhe emprestasse o resto e mudou para cá com toda a família”. A loja do pai de Dona Assunta estava situada próxima à estação de trens. “O pai da minha mãe quando veio da Itália foi um dos que ajudou a construir essa estrada de ferro”. Nessa época, seu pai era solteiro e conheceu a sua mãe durante uma missa. Eles se casaram no dia 25 de setembro de 1909 e Assunta nasceu em 1910, na Vila Prudente, depois mudaram para perto da estação e em seguida para a Rua Amazonas. “Lembro-me bem do irmão de minha mãe. Ele tinha uma charrete que levava as pessoas da estação até a casa do Curandeiro Vicente. Vinha gente de toda a parte do ABC para vê-lo”, lembra. A família de Dona Assunta era grande. Além dos pais, viviam os avôs, o tio Giácomo e seus quatro irmãos. Sua mãe lavava roupa em uma tina no rio e colocava Assunta, ainda bebê, entre duas almofadas e aos cuidados do cachorro Biju. “Meu pai passou a vender terrenos aqui em São Caetano, inclusive numa dessas vezes ele negociou a construção da Igreja Sagrada Família. Nós íamos a pé até a igreja no escuro com a minha avó e as vizinhas. Desde pequena, eu frequentava a igreja. Minha avó era muito religiosa e pagava cinco mil réis para a construção da Igreja Sagrada Família. Mais tarde, meu pai fez contato com o Erminio Moura, que pretendia vender um grande terreno. Moura convidou-o para vender o terreno, meu pai aceitou com a condição de que ele doasse um lote para a construção de uma igreja mais próxima de casa. Essa igreja é a Candelária”. Assunta morou em uma casa, que ainda existe na Rua Amazonas em frente à Rua Gonzaga, de lá todos os dias partia com a irmã para a escola no Brás. “Depois que saí da escola da Cêrâmica, onde tive aulas com a dona Hermergarda, minha mãe me matriculou na Escola Profissional do Brás na Rua Monsenhor Andrade, nessa época eu tinha 14 anos. Fiz o curso de costura e a minha irmã o de flores e chapéus. Quando tinha festa na Candelária, nós nos reuníamos com as vizinhas e fazíamos as flores para enfeitar o altar”. Ela conta que a estação ferroviária daquela época também era bem

diferente. “O trem oferecia duas classes, a de segunda com bancos duros e a de primeira, com bancos para encostar, coberto de panos brancos. Nós íamos de segunda. Pegávamos o trem antes das sete da manhã e ele era rápido, mas quando chovia muito e tinha inundação o trem não passava no Ipiranga”.

Dona Assunta não prosseguiu com a profissão de costureira. Conheceu seu marido aos 39 anos. “O nome dele era Alfredo Veronese. Eu já o conhecia, porque sua irmã frequentava a mesma escola. Não nos casamos na igreja. Meu marido quis evitar os curiosos da cidade. Aí veio o Juiz de paz e o padre em casa”.

O pai de Alfredo era proprietário de uma loja de Secos e Molhados, na esquina da Rua São Paulo e ele trabalhava como motorista para uma família muito rica. Depois que se casou, foi morar na casa de seus sogros na Rua Gonzaga. Assunta tomava conta do Armazém. Mais tarde, já viúva mudou para o Bairro Nova Gerty e hoje vive feliz com os sobrinhos que lhe querem bem. “Sou muito feliz, me sinto querida por todos e isso é o mais importante na vida”, finaliza.

Aurélia: Paixão pela Costura (1940)

Aurélia Madalena Peretto do Nascimento, 89 anos, nascida na Itália, amava a costura. Na vida simples na roça em Ribeirão Bonito, viveu com os pais até seu casamento. Ela era menina, quando a mãe cortava retalhos para remendar as calças dos irmãos. Nessa época, ela e as amigas da colônia italiana inventavam camisas e vestidinhos para crianças com esses pedaços de tecidos. “Devia ter uns 10 anos e já sabia costurar. Eu tinha muitos sonhos: ser costureira, ter uma máquina de costura, casar com um moço moreno brasileiro, ir morar em uma cidade grande com uma casa cheia de vidraças. Tudo o que eu pedi a Deus quando pequena eu consegui”, conta. Dona Aurélia reside em São Caetano há mais de 62 anos e 40 como costureira. “Quando vim para cá minha primeira filha já havia nascido. Cheguei aqui morei em outra casa e depois de cinco anos fizemos aos poucos a casa que moro hoje.

Para ajudar meu marido, arranjei um emprego na indústria Alpargatas, na Mooca. Porque as mulheres que me traziam costura me pagavam um mês depois e não dava para eu pagar as contas. Todos os dias eu pegava o trem, descia a pé até a estação com chuva ou sol e voltava para casa no final do dia. Ao chegar, eu ainda tinha costura para fazer. Mas meu marido trabalhava na metalúrgica e sempre me ajudou muito. Fiz essa vida durante cinco anos”. Quando pergunto quantas roupas Dona Aurélia já costurou em sua vida ela sorri, certamente perdeu a conta. “Eu fazia de sete a oito vestidos por semana, fazia de tudo e antigamente era difícil costurar, as roupas eram cheias de detalhes. Mas, agradeço a Deus, porque aprendi a costurar sozinha. Eu via uma roupa e reproduzia o modelo. Eu nunca me lembro de ter tido alguma reclamação. Na segunda-feira, eu cortava todas as roupas e nos outros dias costurava. Fora isso comprava as revistas para aprender. Hoje é fácil, é tudo reto a gente corta o tecido e já está quase pronto”.

Depois de um tempo, nasceu a outra filha e foi necessário deixar o emprego na Alpargatas. Passou a se dedicar apenas às crianças e à costura. No começo de sua vida em São Caetano nada era fácil. Para sair de sua casa era preciso fazer uma pequena ponte, porque por baixo era esgoto. “Nessa época pagávamos aluguel. Trabalhei mais um pouco e conseguimos comprar a casa”, lembra. Faz 14 anos que o marido faleceu. “Eu gostava muito dele. Meu pai não queria o casamento de jeito nenhum, porque ele não era italiano, mas eu teimeei e casei. Quando o vi pela primeira vez em uma fazenda próxima a nossa em Ribeirão Bonito foi amor à primeira vista. Aí eu não namorei mais ninguém. Nessa época eu já não tinha mãe. Precisava fazer de tudo e ainda cuidar dos irmãos. Torrar café, matar porco, derreter a banha. Casei-me com 22 anos e morei um tempo na casa de meu sogro no interior. Aí um dia meu irmão que morava em São Caetano nos convidou para vir pra cá. Então resolvemos aceitar o convite. Gosto muito mais da vida de hoje, não sinto saudades daquela época, só do meu marido”, conta.

Zizinha: Desde Menina a Vocação de Catequista (1956)

A casa de Dona Zizinha se destaca na rua. Branca, imponente, ela fica em uma rua tranquila. Dona Zizinha é daquelas mulheres que faz qualquer pessoa se sentir bem. Talvez, um sentimento que vem de encontro com a sua vocação de infância, levar a fé até as pessoas. “A gente pensa que o povo necessita apenas de comida, mas não é. As pessoas precisam alimentar o espírito e a alma também, por isso passei a me dedicar à catequese e ajudar ao próximo”, começa Maria Luiza Terra de Mello, 70 anos, a conhecida Zizinha. Embora tenha nascido na

Liberdade, em São Paulo e morado durante toda a sua infância na Vila Clementino, foi em São Caetano que ela construiu sua vida e encontrou sua vocação: a catequese. “Minha infância não era tão rígida e a religião vinha com a ideia de castigo. Se não fosse à missa eu seria castigada. Fora isso meus familiares tinham uma tendência espírita, o que eu não gostava muito. Uma vez foram fazer uma sessão espírita em casa e eu não quis entrar fiquei sentada na calçada. Só entrei quando acabou”. Dona Zizinha era cuidada pela avó, enquanto seus pais trabalhavam. “A minha avó era do tipo dona Benta. Ela costurava e contava histórias”. Desde menina sentia a vocação religiosa. Quando fez catecismo sua professora

Foto: Priscila Gorzoni



Dona Zizinha
com sua família

sempre a convidava para tomar as orações das outras crianças. E não parou por aí. Depois que fez a primeira comunhão, Zizinha participou da Cruzada. “Eu queria receber as fitas e estrelas das Cruzadas, mas para isso era preciso saber todas as orações. No quarto ano primário, quando fui confessar para a festa do final do ano disse ao padre que eu queria ir para o convento. Ele me orientou para esperar um pouco, pois poderia conhecer um rapaz e me casar. De fato, depois de um tempo, eu conheci o meu marido, eu tinha apenas 13 anos”. Apesar da vocação religiosa, Maria Luiza casou cedo. “Temos 54 anos de casamento e então no início do casamento resolvi me dedicar aos meus quatro filhos. Meu pai ia se mudar para o Rio de Janeiro e então minha sogra me chamou e disse que era melhor eu me casar, então resolvemos assumir um compromisso”. Casou-se com 16 anos e teve o primeiro filho um ano depois. “Vim para São Caetano, em 1953. Viemos porque o meu marido, que era professor, ganhou uma vaga prêmio e podia escolher onde daria aula. Ele escolheu São Caetano. Tivemos quatro filhos, um nasceu próximo do outro e todos vieram para cá ainda pequenos”, lembra. Sua primeira residência foi à Rua Martim Francisco. “Nessa época passei a me dedicar também às atividades da igreja São João Batista”. A casa continua igual, mas a rua era totalmente diferente. “Quando cheguei não existiam casas do outro lado, lá era uma fábrica. O chão era de terra e a Igreja São João Batista era um cruzeiro, onde celebrávamos a missa. Depois construíram uma capelinha, onde levava os filhos. Essa era uma época boa, me lembro do padeiro que tinha uma mula chamada Boneca. Ele trazia pão e leite na casa dos vizinhos e quando chegava aqui a arara da vizinha, avisava a dona chamando: Dona Carmela”, sorri. Mais tarde, com os filhos na faculdade, ela resolveu se dedicar ao sonho e vocação: fez o curso de teologia para ajudar nas atividades da catequese. “Era então o ano de 1969. Estudei na FAI, onde era Seminário e era a única leiga ali”, ri. Antes disso, Zizinha participava das atividades religiosas na igreja. “Um dia, fui convidada pelas irmãs do Externato Santo Antonio para ser catequista, mas eu achei que

precisava me atualizar. Desse dia em diante não parei mais. Comecei a dar aulas de ensino religioso no Externato Santo Antonio, em 1980. Descobri que o ensino religioso é um embasamento para todas as outras áreas”. O grupo de catequese do qual Zizinha faz parte há mais de 50 anos, surgiu por intermédio de uma moradora de Utinga que procurou as Irmãs para saber o que ela poderia fazer pelos jovens de seu bairro. “Ela contou que começou a trazê-los para o seu quintal e ali conversava, fazia pipocas, contava histórias e isso estava dando certo. Logo, as Irmãs chamaram as mães catequistas e, inicialmente, eu pensei que elas quisessem apenas um espaço para desenvolver suas atividades. Mas não foi assim. Quando percebi, trinta crianças frequentavam minha casa”. Nesse momento, Zizinha descobriu que não estava preparada para isso. Fez um curso para aprimorar a vocação. O grupo deu certo e até hoje recebe milhares de crianças. “Somos nove catequistas. Durante esses encontros, percebemos a magia da oração vivida e não decorada”. O curso com as crianças dura dois anos e conta com a presença do Padre. “A pessoa tem que ter vocação para o que está fazendo. Eu nasci com essa vocação”, relata. Desde 85, Zizinha é ministra da eucaristia e leva a hóstia para oito pessoas. **R**

Bibliografia

RAMOS, Adriana M.C.; SOUZA, Mônica de. *Cotidiano e História em São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Hucitec, 1992.
GARCIA, Carla Cristina. *As outras vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: 1998.
WAIWRIGHT, Hilary. *Além dos Fragmentos: o feminismo e a construção do socialismo*. São Paulo: Brasiliense.

(*) Priscila Gorzoni, jornalista, escritora, pesquisadora e antropóloga

O conteúdo deste texto tem como base entrevista realizada no ano de 2006

A MEMÓRIA É UM TESOURO SEM PRECEDENTES

Fábio S. GOMES (*)



Muito tem se falado, principalmente nos últimos anos, sobre a preservação da memória, em termos gerais. A preocupação com o tema é algo de constante discussão, fóruns e debates. A busca por

registros e material é muito grande. Embora o que aconteça com toda essa maratona, muita gente não percebe: a história viva de toda uma região pode estar bem próxima dos olhos do pesquisador, bas-

ta que ele observe e ouça com atenção tudo aquilo que o rodeia, pois é exatamente aí que se encontra o grande tesouro.

A preservação do passado histórico é importante por diversos motivos. Um deles é a passagem, para as gerações futuras, do mecanismo evolutivo que formou e continua a formar as cidades atuais. Outro deles, também de grande importância, é a reconstrução do universo da própria sociedade antiga, ou seja, quem eram as pessoas, quais eram seus costumes, objetivos, ideias... O estudo desses patamares fundamenta também o entendimento do tempo presente e, conseqüentemente, faz previsões sobre o futuro.

Mas por que tratar desse assunto agora, com tanta profundidade? Ora, o motivo é muito simples. Existe uma preocupação muito grande em se falar de preservação, mas não em fazê-la. A população ainda se sente despreparada, muitas vezes até receosa, para fornecer e receber informações sobre o seu passado comum. Aos poucos, os tabus vêm sendo quebrados, mas é preciso que a chamada tradição oral retorne à cena, como bem ocorria no tempo de nossos avós. Ouvindo essas pessoas, que sempre têm passagens muito interessantes para contar, é que se descobre a parte física da história: documentação, objetos e os chamados bens móveis e imóveis. Chamar a atenção nesses casos é importante para alertar que o objetivo está correto; é o caminho que leva até ele que precisa ser corretamente traçado.

A legislação presente nos municípios, hoje, é bem abrangente no que tange a tombamentos e coisas do gênero. Existem museus documentais, muitos vivendo de doações, e há também uma literatura bastante interessante sobre a história e o cotidiano de nossas antigas *villas*, que atualmente são tão afortunadas metrópoles. A falta de verba sempre foi um grande problema para muitas atividades, principalmente para a recuperação da memória como um todo. Os profissionais que trabalham nessa área procuram realizar muito mais por amor do que por qualquer outra coisa. É realmente hora de descobrir o que anda escondido no fundo dos baús,

nos pontos mais longínquos da memória de nossos senhores e senhoras, que nos dão diariamente uma grande contribuição para a construção e compreensão da história. As pessoas são os maiores tesouros, devemos aproveitar seu conhecimento, pois elas passam!

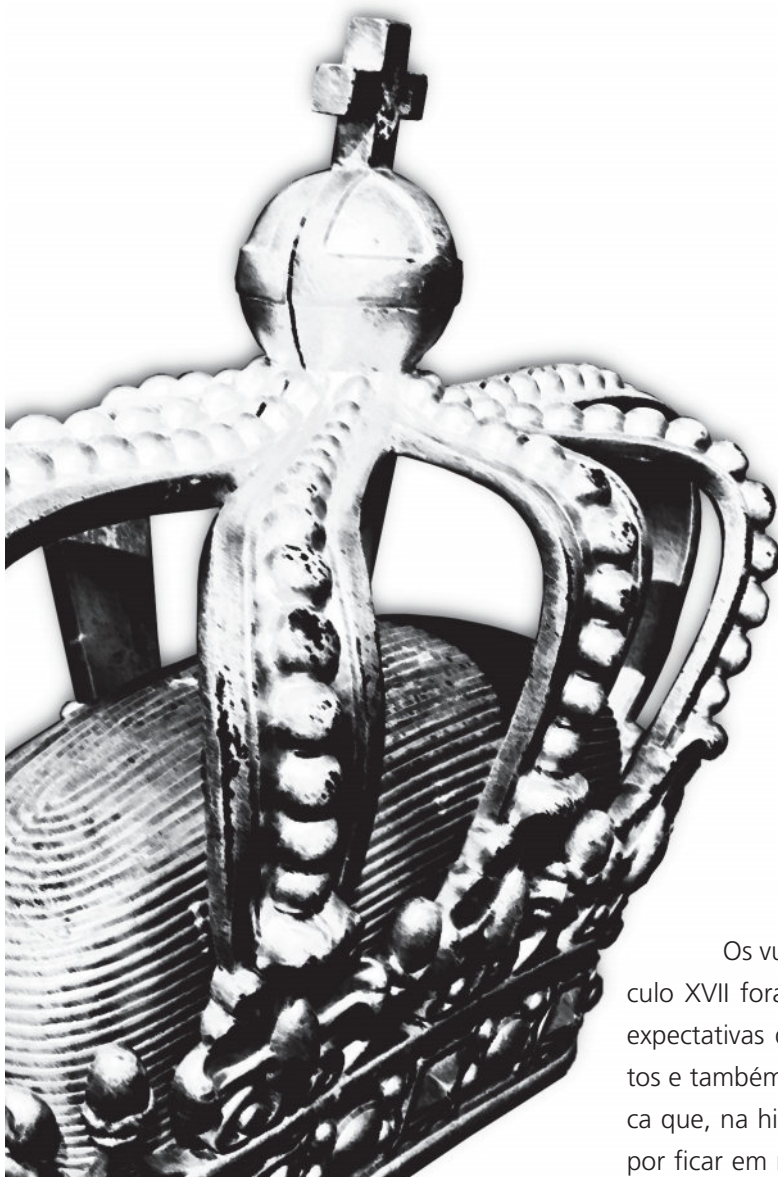
Nas palestras que costumo ministrar sobre a História do ABC sempre discorro a respeito do passado local, que deve ser inserido no currículo escolar. A história de nossos municípios também é forma de espalhar cultura sobre nossos estudantes, pois é no mínimo satisfatório que eles saibam um pouco a respeito da região na qual vivem, na qual estão inseridos. Elaborei o projeto *Origem das Famílias de São Bernardo do Campo* com este propósito: reescrever a história por meio das famílias e inculcar no conhecimento das pessoas como foi importante o passado de nossas cidades. Foi isso que moldou, não só o espaço urbano, mas também a mentalidade de toda a população.

Acabo por dizer que é louvável o trabalho dos pesquisadores – particulares, de associações e fundações – e que sempre se deve seguir o exemplo desses profissionais (ou mesmo até amadores, que por amor à arte assim o fazem!). Daqui a alguns anos, nós também faremos parte do passado, mas devemos cuidar para que a memória seja, acima de tudo, um tesouro sem precedentes. **R**

(*) Fábio S. Gomes é escritor e memorialista, autor de oito livros e fundador do projeto *Origem das Famílias de São Bernardo do Campo*

METRÓPOLE, PAULISTAS E MINERAÇÃO: UM ÁUREO TRIÂNGULO NO COTIDIANO DA COLÔNIA

Juarez Donizete AMBIRES ()*



I

Os vultosos achados auríferos de fins do século XVII foram precedidos de tempos de grandes expectativas quanto a estes mesmos descobrimentos e também antecedidos por um trabalho de busca que, na história da América Portuguesa, acabou por ficar em mãos paulistas e de colonos de outras

regiões, não ligados, tal como os do sul, a uma economia de teores mais mercantilizados, como é o caso da cana-de-açúcar.

Da parte da Coroa houve incentivos e exortações para os achamentos, principalmente nos períodos de fracasso da economia açucareira, o que ocorreu com alguma frequência ao longo do século XVII, o segundo da América Lusa. Diversas são, no período, as cartas dos reis filhos de D. João IV, carregadas de pedidos para o empenho na empresa, sendo exemplo, em meio a outros textos desta natureza, a de Afonso VI, datada de 27 de setembro de 1667¹.

Com as finanças do reino arruinadas, os três primeiros reis de Bragança muito amargaram o medo do retorno ao domínio espanhol e mesmo o de outros senhorios. Além dos percalços da indústria açucareira com, para exemplo, a presença holandesa em Pernambuco (1630 – 1654) e, a seguir, a concorrência do açúcar das Antilhas, o reino também padecia da perda de sua hegemonia no comércio do Oriente, já que herdara, no período do domínio filipino, todos os inimigos de Espanha, entre eles a, à época, fortíssima Holanda que também se expandira para o Índico com a sua Companhia de Comércio das Índias Orientais, promovendo, com sua presença e atividades nesta geografia, maiores instabilidades à mercancia portuguesa de especiarias, já abalada desde o século anterior².

Devido, então, às claudicantes finanças do reino, algumas personagens sugeriram ações e se empenharam por elas. É o caso de Antônio Vieira que, na década de 40 estando em Portugal nas condições de conselheiro, confessor e diplomata, indicara ao rei a alternativa da criação de companhias estatais de comércio à moda das de Holanda, país ao qual o jesuíta de certa forma admirava, por conta de sua argúcia comercial e mercantil, exemplo a que o reino deveria copiar, pois, ainda segundo ele, a monarquia lusa não se conservaria assentada apenas em seu próprio poder³.

Os percalços enfrentados por Vieira, en-

tretanto, foram muitos na busca de apoio para sua ideia. O centro de sua argumentação chocava-se frontalmente com os interesses da Inquisição Portuguesa, e ele, por isto, pedia a direta intervenção do rei no apoio ao judeu, pois o conselheiro contava aplicar principalmente o capital israelita na concretização de seu projeto. Neste episódio, dois documentos seus tornaram-se famosos e foram encaminhados a D. João IV para apreciação⁴. Concretizada a ideia, ela, contudo, não frutificou devido ao trabalho empenhado de confisco dos bens de hebreus que o Tribunal do Santo Ofício por décadas a fio efetuou em Portugal. Ironicamente, segundo o mesmo Vieira, o capital judeu que não se fixava em mãos inquisitoriais, este ia à Holanda, a Amsterdã, onde a comunidade luso-judaica o aplicava na compra de ações da máquina comercial batava⁵.

Vieira, entretanto, não se rendeu ao fracasso. Ainda na década de 70 do XVII, vemo-lo sair em socorro dos judeus de Portugal e ainda acreditar nas companhias de comércio como séria e eficaz alternativa de recursos⁶. Em Vieira o que não redundava (como também no pensamento de outros “economistas” inicianos) é a crença nos metais e pedras preciosas. Em verdade, ele os teme e os vê como fonte de desestabilização da sociedade. Além do comércio, Vieira crê na sociedade sedentária da cana, pois é espaço em que se desenvolve um substrato religioso e em que há hierarquia, bases fundamentais do verdadeiro mundo⁷.

Com, no entanto, o fracasso financeiro de quase toda a segunda metade do século XVII, a Coroa vê-se sempre na contingência, como também já se expressou, de recomendar a seus súditos a busca do eldorado, fato no qual se acredita, devido à profusa existência dos metais na América Espanhola⁸. Do lado da Coroa de Portugal, com o erário raquítico, o que se tem é uma monarquia oscilante que, para garantir apoios a si, concede prerrogativas à Inquisição e à aristocracia cristã velha⁹, concessões, porém, que, em essência última, abalam o absolutismo e são os reflexos de uma casa governante sem

alternativas¹⁰. O reinado de D. Pedro II é exemplo, em nossa leitura, do que se afirma e o ouro em quantidade é o que garantirá depois dele – D. Pedro – uma centralização régia¹¹.

Antes dos achados, porém, o mundo é outro e a busca é intensa, cabendo também ao paulista



crédito: www.cce.ufsc.br

Representação artística do Padre Antônio Vieira

II

do século XVII mais esta prestação de serviços no interno da colônia.

A geografia mais vasculhada pelo paulista que saía em busca dos metais e pedras preciosas foi a da sua própria capitania e a ela pertenceu, para exemplo, a região aurífera do além Mantiqueira, chamada, já nos primeiros momentos de sua explo-

ração, de “Minas Gerais”, termo que veio a designar a nova capitania que se institucionalizou a partir de 1720, com a imposição das casas de fundição, meio que a Coroa encontrara para tentar garantir o seu quinto do ouro extraído¹².

Ainda no que toca à questão da busca dos metais, cabe dizer que, em verdade, o paulista sempre a associou às entradas para a captura de índios¹³, em verdade o grande recurso de que intensamente se valeu, para o desenvolvimento das atividades econômicas da capitania, particularmente a lavoura de gêneros de subsistência.

Para os critérios desta dinâmica, o que seriamente convém, como se percebe, é a mão-de-obra índia que é considerada por alguns o verdadeiro ouro dos paulistas¹⁴. O metal e as pedras se surgissem em paralelo, tanto melhor. Contemporâneos destes pareceres dirão, assim, que o “ouro vermelho”¹⁵ é o que interessa de fato às gentes do planalto e que nada se realiza na capitania sem a presença e o trabalho deste serviçal (o ouro de braços e pernas), sempre se justificando com isto sua apreensão, mesmo quando em tese a busca era a de metais e pedras.

Houve, contudo, também sério interesse do paulista por outras fontes de riqueza que não apenas o índio. Assim pensando, cabe lembrar que a prata e sua extração, para exemplo, estiveram em alguns episódios da história da capitania e, apesar dos pífios resultados de seu recolhimento, ocorreram alguns empreendimentos em sua intenção.

Em paralelo ao desempenho dos particulares (em busca de prata ou de qualquer outro elemento de natureza preciosa), a Coroa incentivava a busca e a exploração, tentando, deste modo em paralelo, exercer ao menos certa vigilância sobre a hipótese de qualquer achamento e sobre o explorador, temendo o seu (o dela) alijamento do processo e, é claro, o não recebimento da parte que, por ventura e direito, lhe pertencesse.

Preocupada assim com as organizações de buscas e seus resultados (e mesmo nelas alguma vez

investindo financeiramente), a Coroa decidiu-se, em dado momento, por encaminhar a São Paulo um seu representante, para que o mesmo fiscalizasse e também articulasse empreendimentos de busca, o que acabou por acontecer em 1677, quando paulistas e sua Câmara receberam D. Rodrigo Castelo Branco¹⁶, funcionário com alguma experiência no trato dos metais.

III

As causas da chegada de D. Rodrigo Castelo Branco ao planalto de Piratininga são eminentemente econômicas. A segunda metade do século XVII é, como de algum modo já se explicitou, episódio em que os problemas financeiros se agravaram e a metrópole, por intermédio de seus ministros, buscou soluções mercantis para a debelação de suas agruras.

Deste modo, ao menos para minimizar o agravamento da crise fiscal e comercial¹⁷, intensificaram-se as pesquisas minerais no interior das colônias sob os trópicos e a América Portuguesa foi incorporada a este circuito e procedimento¹⁸. A presença, nela, de D. Rodrigo declara a inclusão e, no acontecimento, a Coroa está se valendo dos conhecimentos e experiências do funcionário régio e fidalgo que, antes de aportar ao Estado do Brasil, já trabalhara, ao que tudo indica, como administrador nas minas de prata do Peru¹⁹.

Antes da chegada a São Paulo, contudo, D. Rodrigo esteve na Bahia e, mais propriamente em Itabaiana, averiguou o trabalho de retirada da prata na região. No mesmo período, vasculhou outros espaços nas imediações em busca também de prata, mas não obteve os resultados que esperava. Depois de dois anos nestas cercanias, atendendo a nova



designação régia é que se dirigiu ao sul e, na Capitania de São Paulo, onde já havia alguma tradição na busca de metais preciosos, iniciou a cuidar de suas incumbências.

Na nova praça, a tradição aludida remetia o viajante a um histórico de busca de ouro, prata e esmeraldas, sendo já antiga a experiência, apesar dos poucos resultados, com o segundo metal, do qual a capitania explorava minas desde ao menos o início do século XVII, havendo diversos documentos comprobatórios do fato²⁰.

Já quanto às esmeraldas, havia, no período, muitas cogitações circulantes e elas estão ligadas, segundo a historiografia, a um dos raros mitos que os portugueses desenvolveram em seu império na América Lusa. Trata-se da “Serra do Sabarabuçu”²¹, espaço entre o real e o lendário e espécie de eldorado também recoberto pelas pedras verdes, que atizou a imaginação de exploradores por quase dois séculos, não deixando D. Rodrigo de ser um deles, no intuito de obter as certezas de que tanto necessitava a Coroa.

A busca do Sabarabuçu efetuou-a o piratininga no Fernão Dias Pais que, em 1674, partiu

em seu encaço liderando bandeira que durou para mais de sete anos e permitiu a paulistas chegarem aos campos de Cataguazes, designação nomeante, à época, de boa parte da porção sul da atual Minas Gerais. A morte, entretanto, não permitiu ao líder retornar a São Paulo, mas seus companheiros continuaram-lhe as buscas, fato que determinou a ida de D. Rodrigo àqueles ínvios sertões para precisar a viabilidade da empresa e checar alguma possibilidade de ocultamento de informações.

Sua presença, contudo, e pelo que se desprende, gerou incômodos entre os mineradores e este constrangimento ocasionou-lhe a morte em paragem de sugestivo nome – Sumidouro. A tentativa de controle sobre os resultados da exploração levou-o, ao que tudo indica, a ser assassinado por gente de Borba Gato, genro do primeiro líder e explorador que parece ter encontrado as famigeradas esmeraldas e mesmo ouro²².

Como se pode inferir, para

os faltosos não se aplicou pena. Borba Gato à frente de um grupo de índios e sertanistas refugiou-se na Mantiqueira por bem vinte anos após o assassinato que ocorreu em 1682. Os gigantescos espaços destas linhas de fronteira eram valhacoutos, aonde ainda não chegara o braço do Estado.

O ouro, contudo, reverterá, anos depois, esta proposição, passando a ser este interior da colônia espaço vigiado, no qual a justiça se faz pela ação dos dragões ou das companhias de cavalaria²³.

Outra ação também promovida pelo metal será a diáspora do paulista pelas regiões de mineração, vindo a ser ele o colonizador de outros espaços. É o que se deu com Borba Gato e sua família, assimilados pela malha do novo social. Com isto, deixa de ser São Paulo centro aglutinador e afirma-se a idéia de que os trabalhos de pesquisa e exploração mineral anteriores pouco significaram em diversos aspectos. Já os grandes achamentos, estes mudaram a vida de São Paulo, pois a vila tornou-se espaço dispersor. A face do reino, esta também sofreu fortes alterações. Graças a eles, Portugal entrou em período de forte centralização administrativa e

D. João V pôde incorporar a expressão do verdadeiro absolutismo. **R**



¹A carta é incitamento a que o paulista busque os metais preciosos no sertão baiano, mais propriamente na região da Jacobina, lugarejo nas imediações do São Francisco e de histórico marcado pelos curraleiros da Casa da Torre. Hooernaert, Eduardo (coord.). *História da igreja no Brasil* (tomo II/1). Rio de Janeiro: Vozes/Paulinas, 1992, p. 73.

²Capelo, Rui Grilo. *História de Portugal em datas*. Lisboa: Tema e Debates, 1999, pp. 30-60.

³No "Sermão de São Roque", de 1644, o tema das companhias estatais e suas causas são tratados. Pécora, Alcir (org.). *Escritos históricos e políticos*. Pe. Antônio Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 1995, pp. XII-XIII. Já quanto à peça sermônica, ela se encontra na mesma obra, entre as páginas 35 e 66.

⁴Referimo-nos a "Proposta feita a El-Rey D. João IV em que se lhe representava o miserável estado do reino e a necessidade que tinha de admitir os judeus mercadores que andavam por diversas partes da Europa pelo Padre Antônio Vieira", de 1643, e a "Proposta que se fez ao Sereníssimo Rei D. João IV a favor da gente da nação, pelo Padre Antônio Vieira, sobre a mudança dos estilos do Santo Ofício e do Fisco", de 1646. Pécora, Alcir. *Escritos históricos e políticos*. Pe. Antônio Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 1995, pp. 283-336. Referências ao assunto, também as faz Azevedo, João Lúcio. *História de Antônio Vieira* (vol. 10). Lisboa: Clássica, 1992, pp. 66 a 79.

⁵Azevedo, João Lúcio. *História de Antônio Vieira* (vol. I). Lisboa: Clássica, 1992, pp. 107-123.

⁶Azevedo, João Lúcio. *História de Antônio Vieira* (vol. II). Lisboa: Clássica, 1992, pp. 140-149.

⁷Tratamos de Vieira de "economista" por, indubitavelmente, ser a consciência mais aguçada, em sua época, quanto aos problemas financeiros do reino. Já quanto ao ouro e à desestabilização da sociedade e também quanto à sociedade da cana e suas implicações, a referência, em paralelo a de Vieira, é o jesuíta Andreoni – o Antonil de Cultura e Opulência. Varnhagen, Francisco Adolfo. *História geral do Brasil* (tomo I). São Paulo: Melhoramentos, 1975, pp. 99-100.

⁸A primeira atitude espanhola em suas supostas terras americanas foi o saque; depois, ocorreram os trabalhos de mineração: ouro no México, no século XVI; prata em Potosí, nos séculos XVI e XVII; prata no México, no século XVIII.

⁹Hanson, Carl. *Economia e sociedade no Portugal barroco*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1986, pp. 25-53.

¹⁰Idem, pp. 159-178.

¹¹Souza, Laura de Mello e. 1680 – 1720. *O reino deste mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, pp. 86-88.

¹²Souza, Laura de Mello e. 1680 – 1720. *O reino deste mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, pp. 66 – 79.

¹³Monteiro, John M. *Negros da terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 96.

¹⁴Souza, Laura de Melo e. 1680 – 1720. *O reino deste mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 22.

¹⁵A expressão é atribuída por John Monteiro a Antônio Vieira. Monteiro, John M. *Negros da terra*. São Paulo: Cia das Letras, p. 96.

¹⁶Do funcionário régio não encontramos bibliografia que nos ofereça com algum detalhe os fatos de sua vida anteriores à sua chegada ao Brasil. Silva, Maria Beatriz Nizza da (coord.). *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994, pp. 112-113.

¹⁷Hanson, Carl. *Economia e sociedade no Portugal barroco*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1986, pp. 170-178.

¹⁸Monteiro, John M. *Negros da terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 96.

¹⁹Silva, Maria Beatriz Nizza da (coord.). *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994, p. 112.

²⁰A publicação de vários destes documentos devemos à Prof^a Roseli Santaella Stella e ao trabalho paleográfico de Jurandy Ferraz de Campos. Stella, Roseli Santaella. *Sobre a Capitania de São Vicente. Séculos XVI – XVII*. São Paulo: Academia Lusitana de Ciências, Letras e Artes, 1999, 269 p.

²¹Souza, Laura de Mello e. 1680 – 1720. *O reino deste mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 23.

²²Monteiro, John M. *Negros da terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 234 (nota 123).

²³Souza, Laura de Mello e. 1680 – 1720. *O reino deste mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, p. 23.

Bibliografia

AZEVEDO, João Lúcio. *História de Antônio Vieira* (2 vol.). Lisboa: Clássica, 1992, 280 p. e 282 p.

CAPELO, Rui Grilo. *História de Portugal em datas*. Lisboa: Tema e Debates, 1999, 630 p.

HANSON, Carl. *Economia e sociedade no Portugal barroco*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1986, 330 p.

HOORNAERT, Eduardo (coord.). *História da igreja no Brasil* (tomo II/1). Rio de Janeiro: Vozes/Paulinas, 1992, 442 p.

MONTEIRO, John M. *Negros da terra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, 300 p.

PÉCORA, Alcir. *Escritos históricos e políticos*. Pe. Antônio Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 1995, 452 p.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Dicionário da história da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994, 840 p.

SOUZA, Laura de Melo e. 1680 – 1720. *O reino deste mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, 121 p.

STELLA, Roseli Santaella. *Sobre a capitania de São Vicente. Séculos XVI – XVII*. São Paulo: Academia Lusitana de Ciências, Letras e Artes, 1999, 269 p.

(*) Juares Donizete Ambires, professor no Centro Universitário Fundação Santo André e pesquisador do projeto *História do Estado de São Paulo*

MURAIIS DE EMERIC MARCIER

Silvia AHLERS (*)

O território onde hoje está a cidade de Mauá, em São Paulo, se firmou desde antes dos tempos coloniais como um local de passagem. Por ali, passava o caminho indígena que ligava os dois oceanos, Atlântico e Pacífico, conhecido como Trilha dos Tupiniquins; o Rio Tamanduateí, que corre para o interior cortando o município, facilitou o deslocamento dos bandeirantes durante a conquista do território brasileiro. No século XIX, estes dois caminhos, por terra e água, direcionaram a escolha do traçado da ferrovia Santos-Jundiáí. Com ela, vieram os imigrantes e as indústrias ao longo do caminho de ferro. A população de trabalhadores que se instalou no local articulou os primeiros movimentos sociais e religiosos, entre eles a Juventude Operária Católica (JOC).

Durante as atividades da JOC em Mauá, alguns padres incentivadores da arte moderna, entre eles o padre Eduardo Roberto Batista, convidam o artista Emeric Marcier, de 30 anos, recém-chegado da Europa, para pintar o interior da Capela Cristo Rei. Emeric Marcier também estava de passagem. Veio para o Brasil fugindo da II Grande Guerra Mundial, mas nunca escondeu sua vontade de voltar para Paris. Morou em vários lugares do Rio de Janeiro antes de mudar-se para Mauá para realizar os murais da Capela de Cristo Rei e, logo em seguida, muda-se para Barbacena, em Minas Gerais. Onze anos após sua chegada, volta para a França, mantendo um ate-

liê no Sítio Santana, em Barbacena, e outro em St. Germain de Près.

Considerando-se instrumento da vontade de Deus, segundo suas próprias palavras, Emeric Marcier realizou os *Murais da Capela Cristo Rei*, atualmente, acervo da Santa Casa de Misericórdia de Mauá, em São Paulo, uma obra que requer atenção dos pesquisadores e merece ser estudada não somente por seu valor para o patrimônio cultural brasileiro como pela relevância na história da arte sacra. É um dos maiores conjuntos de murais com pinturas do Antigo e Novo Testamento com a técnica do afresco no Brasil. Os 23 murais são monumentais, somando mais de 500m². Talvez Pietro Maria Bardi tenha se referido à Capela Cristo Rei como Sistina Brasileira por considerar, além da temática do Velho e Novo Testamento e o *Juízo Final* atrás do altar, comum a ambas, a grande quantidade de pinturas. A Capela Sistina, em Roma, possui 520m² de afrescos¹.

Emeric Marcier aprendeu a técnica de pintura em afresco na Escola de Belas Artes de Brera, em Milão. O professor Giuseppe Palanti não teve dúvidas que esta seria a melhor técnica para um romeno aprender, pois a pintura sobre parede úmida é um dos maiores legados culturais da Moldávia, na Romênia. O estilo Moldavo está presente em igrejas e mosteiros dos séculos XV e XVI, conhecidos e admirados não só por romenos, fazendo parte do

patrimônio cultural da humanidade. Marcier teve contato com esta prática artística desde sua infância e juventude. Na Academia da Itália aperfeiçoou-a e quando chegou ao Brasil a colocou em prática, em 1946.

Uma vez que a pintura sobre parede é feita para durar muito tempo, porque está ligada à arquitetura, os afrescos de Emeric Marcier em Mauá são como uma grande exposição permanente; é possível perceber que Emeric Marcier pensou dessa maneira. A posição dos murais, a sua fruição, não é aleatória. Logo na entrada, do lado de fora da capela, o mural a *Anunciação* convida o visitante a entrar. Ao abrir as portas, a primeira visão é a das paredes atrás do altar: *Deus Pai*, *Juízo Final* e *Apocalipse*, um colorido intenso toma conta do olhar do observador, com predominância para o azul, embora esta cor não esteja muito presente no conjunto dos afrescos, é ela quem domina em um primeiro momento e os olhos se abrem para a grande imagem da Santíssima Trindade.

Nas paredes do fundo da nave estão a *Criação do Homem*, *Batismo de Jesus* e *Jesus Levado ao Sepulcro*, que representam a trilogia: nascimento, vida e a morte. O nascimento pelo sopro divino e pelo batismo de Jesus; a vida no Paraíso, quando a serpente mostra para Adão e Eva o conhecimento do bem e do mal; e a morte que os pais da humanidade conhecem ao serem expulsos do Paraíso, que também está presente no corpo de Jesus Cristo sendo levado para a sepultura.

Entre as paredes do fundo e do altar, ao percorrer o caminho entre elas, observam-se as paredes da nave. Nelas, Emeric Marcier pintou uma sequência onde mostra seu próprio povo: *Dilúvio*, *Torre de Babel*, *Dança do Bezerro de Ouro*, *Travessia do Mar Vermelho*, *Transfiguração* e *Pentecostes*. Posicionando três murais de cada lado, novamente Emeric Marcier estabelece uma tríade. Eles representam a saga dos judeus, inclusive de Jesus Cristo, semita descendente, segundo os textos sagrados, de Davi e Abraão².

Todos os nove afrescos da nave são representações da vida do povo judeu em momentos de

transformação, de passagem de um estado (maneira de ser) para outro, porque em transição se sentia o artista. Assim, Marcier explica seu estado de espírito ao pintar os *Murais de Mauá*: “Quando todos sumiam, sentia-me liberto como os judeus salvos pelo anjo, indicando a estreita faixa a seguir entre as ondas abertas”³. O mural *Torre de Babel* mostra os homens construindo uma torre para chegar ao céu; o *Dilúvio* mostra Noé, sua família e animais atravessando ondas furiosas; *Travessia do Mar Vermelho* mostra Moisés guiando seu povo do cativeiro egípcio para a liberdade; *Dança do Bezerro de Ouro* mostra Moisés quebrando as tábuas com os Dez Mandamentos quando vê seu povo adorando um boi, ou seja, a transição do culto pagão para o monoteísmo; *Transfiguração* é a transformação do corpo de Jesus em luz quando Ele fala com Deus; e *Pentecostes* mostra os apóstolos recebendo os dons do Espírito Santo e a abertura da mente para uma nova consciência. Também Emeric Marcier estava em transição, pinta os afrescos com temas cristãos, mas continuava a se sentir judeu.

As duas paredes do altar mostram os murais *Deposição*, o corpo de Cristo sendo retirado, sem vida, da cruz, e *Ressurreição*, quando Cristo retorna do reino dos mortos, encimadas pelo mural *Alfa e Ômega*, apenas duas letras gregas, a primeira e a última, que representam o princípio e o fim, ou seja, o próprio Deus. O Mural *Sua Majestade Divina* e os *Quatro Animais* foi posicionado no teto da nave central, significando que Deus está acima de todas as coisas. Ele é o juiz e os quatro animais representam os evangelistas, cheios de olhos pelo corpo, indicando que Deus está nos quatro cantos da terra.⁴ De fato, de qualquer lugar que o observador se posicione na capela os olhos o acompanham.

Finalmente, na sacristia – onde são guardados os paramentos e os objetos de culto, espaço que normalmente não se encontra aberto à visitação do público – foram inseridos os afrescos que representam a traição, o sofrimento e a esperança: *Sepulcro Vazio*, *Pedro Nega Jesus* e *Suicídio de Judas* ao fundo e *Flagelação*, *Jesus Entregue aos Soldados* e *Crucificação* na parede da frente. Nos afrescos *Pedro*

Nega Jesus e Suicídio de Judas as pinturas tratam da traição; em *Flagelação, Jesus Entregue aos Soldados e Crucificação*, os temas são os tormentos de Jesus pouco antes de sua morte na cruz; e em *Sepulcro Vazio*, um anjo explica a Maria Madalena que Jesus ressuscitou dos mortos.

É possível concluir que Emeric Marcier, recolhendo estes temas bíblicos que falam de nascimento, vida em transformação e morte, pintou seu próprio sofrimento. O artista estava atravessando um período de sua vida com muitas mudanças e dificuldades: a impossibilidade de viver como pintor em Paris, seu batizado na fé católica, casamento, filhos, dificuldade financeira, mudanças frequentes de residência (em seis anos de Brasil, morou em vários bairros da cidade do Rio de Janeiro, em Penedo e Mauá). A respeito dessas vivências, assinala que: “Quería sossego para me jogar de corpo e alma naquele empreendimento audacioso. Começara os desenhos em Penedo, a tela grande em Santa Teresa e agora estes afrescos!... Que louco fui eu! Demência, Fé ou reverberação da “Visão” bimilenar?”⁵

A paixão, emoções sangradas e sagradas⁶, sempre foi uma constante na pintura sacra de Emeric Marcier, que também gostava muito de ouvi-la transposta para a música clássica. Foi como uma grande composição musical que o artista imaginou os *Murais de Mauá*, assim que viu as paredes da capela Cristo Rei: “Mas as quatro paredes, depois de certa adaptação, poderiam servir para superfícies a serem recobertas com a mensagem que já estava fervilhando na minha cabeça. Antigo Testamento, Dilúvios e Mar Vermelho, Dança do Bezerro de Ouro e Torre de Babel, que prelúdio para uma Paixão, culminando numa Crucificação enorme...”⁷. Prelúdio é um trecho ligeiro que o músico executa antes do trecho principal. A paixão é o tema principal de sua pintura.

Marcier aplicou nos *Murais de Mauá* o postulado da JOC: ver, julgar e agir. Viu nas passagens da Bíblia o passado de seu próprio povo judeu, a vida e morte de Jesus Cristo representando o sofrimento causado pela II Guerra Mundial, as perseguições nazistas e as dificuldades da vida humana na

terra; julgou os acontecimentos, refletindo sobre eles; e finalmente agiu, registrando nas pinturas o seu tempo, a primeira metade do século XX, com traços de mal disfarçada ironia, demônios e algozes com rostos humanos, inclusive de líderes políticos de sua época, e apontando para o século XXI: cataclismos da natureza, falsos profetas, bestas apocalípticas que procuram dominar o mundo, confusões, guerras, a luta entre o bem e o mal. Emeric “viveu” a Sagrada Escritura e transpirou pintura.

Sua pintura é caracterizada por uma poética muito pessoal. Onde perpassam suas memórias de infância e juventude. Nela, veem-se reminiscências do estilo moldavo que caracteriza os murais da Romênia; esta tradição popular que mantém diálogo com a arte bizantina e gótica também está presente nos afrescos de Mauá. Pode-se observar isso no desenho de rostos a partir de três círculos concêntricos, o nariz proeminente e os olhos amendoados; não há o desenho em escorço (vista frontal), o artista prefere representar a frontalidade com pés pendentes; as figuras são alongadas, inclusive com as mãos e os pés terminando em ângulos agudos. Pode-se concluir que o diálogo que o artista mantém com a arte da idade média não é fruto apenas de seu aprendizado como estudante na Europa Ocidental. Ele viu a pintura de grandes mestres, mas seu trabalho está enraizado na cultura romena.

Pode-se ainda deduzir, a partir deste estudo, que Emeric Marcier aplicou a pesquisa que realizou sobre a técnica de pintar escuro, porém luminoso. Nos afrescos de Mauá, com exceção das pinturas do altar, muito coloridas, as paredes laterais, do fundo e o mural exterior apresentam cores escuras. Pode-se dizer, comparando com a linguagem musical, que elas possuem tons graves; os ocres, marrons, cinzas e pretos são atravessados por luz, que ora surge do interior dos corpos das figuras, ora de um ponto luminoso exterior ao mural. Esta técnica barroca confere mais dramaticidade e mistério aos *Murais de Mauá*.

O artista apresenta uma liberdade plástica que caracteriza sua obra, colocando diferentes formas de expressão em murais que estão próximos uns dos outros, como nos três Cristos da sacristia:

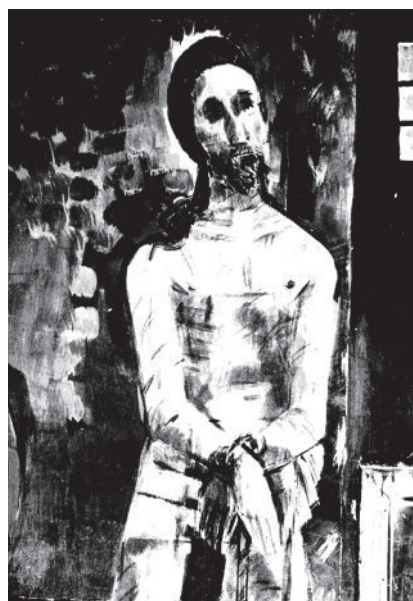


Em *Jesus Entregue aos Soldados* (dez. 1946), possui o rosto arredondado, olhos pequenos, nariz curto, corpo forte; o do centro, em *Flagelação* (out. 1946) apresenta rosto ovalado, olhos amendoados, nariz proeminente, corpo magro; já o Cristo da *Crucificação* possui corpo traçado a partir de linhas angulosas, os joelhos “olham” um para o outro, a figura está torcida, há diferentes pontos de fuga na construção de seu corpo. Todos emanam, porém, uma luz vinda de dentro de seus corpos, conferindo unidade na diversidade.

A mesma liberdade está presente na pintura das passagens bíblicas. Emeric Marcier é fiel ao Texto Sagrado, transformando palavras em imagens, mas inserem elementos de sua imaginação, como os anjos que tocam banjo e harpa no *Juízo Final*. Colocados no canto, bem alto, encobertos parcialmente pela parede do *Apocalipse*, não são imediatamente visíveis, mas parece que fazem uma festa no céu, enquanto assistem aos últimos dias da humanidade, acrescentando traços de humor à sua pintura.

Essas características mostram que Emeric Marcier não procurou seguir, no pós-II Grande Guerra, as vanguardas artísticas. Ele as conhecia bem, pois estudou artes na academia e viveu como pintor, mas fez uso das expressões e linguagens plásticas como bem quis, numa atitude crítica e libertadora, buscando novos valores estéticos a partir do tradicional, apontando para o pós-moderno.

Finalmente, pode-se concluir que Emeric Marcier se sentiu impelido a pintar imagens sacras. Pouco antes da II Grande Guerra, fascinado com as obras das igrejas e cidades mineiras, teve sua primeira experiência mística no Brasil, real para ele. A necessidade interior de pintar o sagrado o conduziu para os **Murais de Mauá**. **R**



¹ HARRIS, Nathaniel. *A arte de Michelangelo*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981, p. 42.

² BÍBLIA, Novo Testamento – Mt. 1, 1-17.

³ MARCIER, Emeric. *Deportado para a vida*. Rio de Janeiro: Barléu, 2004. p.179.

⁴ BÍBLIA Sagrada. 94a ed. São Paulo: Ave-Maria Ltda. 1995. p.1560.

⁵ MARCIER, Emeric. *Deportado para a vida*. Rio de Janeiro: Barléu, 2004. p.180.

⁶ SANT'ANNA Affonso Romano de. *Estória dos sofrimentos, morte e ressurreição do senhor Jesus Cristo na pintura de Emeric Marcier*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1983. p.21.

⁷ MARCIER, Emeric. *Deportado para a vida*. Rio de Janeiro: Barléu, 2004. p.177.

DOLORES AVALO CANHEDO

Cem anos com saúde e alegria

Yolanda ASCENCIO (*)

Acervo/Família Canhedo



Origem - Na pequena cidade de Cantoria, província de Almeria, (Espanha), nasceu o senhor Antonio Avalo, que se casou com Felicidad Canhedo, nascida na mesma cidade. O casal teve seis filhos: Maria, Dolores (nossa entrevistada), Soledad, Alexo, José e Eduardo.

Mudança – Em busca de melhores condições de vida, Antonio Avalo resolveu embarcar, com a família para o Brasil. Chegaram como imigrantes, em 1919, pelo navio Provence, após 17 dias de viagem exaustiva.

Chegada – Uma vez no Brasil, a família aportou em Santos e foi conduzida para a Casa de Imigração, onde ficou hospedada por uma semana. Foi, então, encaminhada para a Fazenda Drumond, próxima à cidade de Ribeirão Preto. Lá, todos, inclusive as crianças, trabalharam duramente no cultivo do café, durante um ano.

Acervo/Família Canhedo



Sempre em busca de melhores dias, a família mudou-se para outra fazenda de café, em Franca, ficaram por alguns anos.

Dolores Avalo Canhedo, segunda filha do casal Antonio Avalo e Felicidad Canhedo, nasceu no



dia três de maio de 1909, em Cantoria (Espanha). Veio para o Brasil, com seus pais e irmãos, com dez anos de idade.

Em Franca, a jovem Dolores, com dezessete anos de idade, conheceu Francisco Lopes, nascido

Casamento de
Dna. Dolores e Sr.
Francisco realizado
em 1926



Da esquerda para
a direita atrás: Sr.
Francisco Lopes,
Dna. Dolores, Feli-
cidad, Therezinha e
Francisco Filho. Na
frente, o pequeno
Eduardo, Maria e
Fernanda

em 14 de abril de 1905, que também trabalhava na Fazenda. Enamoraram-se e se casaram. Ela, com dezessete anos e ele, com vinte e um.

Em busca de prosperidade, o novo casal morou em várias cidades, como Igaçaba, Igarapa-

va, Bauru e Sorocaba. Em Sorocaba, Francisco Lopes começou a trabalhar na Votorantin, até 1951. Entretanto, em 1935, a família passou quatro meses em São Caetano, onde nasceu a quinta filha, Therezinha Lopes. Assim, Francisco e Dolores tiveram seis filhos:

Maria, Felicidade, Fernanda, Therezinha, Francisco e Eduardo. Em 1951, o casal, Francisco Lopes e Dolores Avalo Canhedo, instalou-se, definitivamente, em São Caetano do Sul.

Em São Caetano do Sul – A princípio, a família hospedou-se na casa de um parente, na Rua Rio Grande do Sul. Posteriormente, residiu na Rua Tenente Antonio João e se fixou na Rua Constituição, 78, onde mora há trinta e oito anos.

Na cidade, enquanto Dolores cuidava da casa e costurava calças e camisas para ajudar no sustento da família, o marido trabalhava numa fábrica de toalhas, na Rua do Manifesto, empresa pela qual se aposentou.

Os filhos foram crescendo e constituíram família, com exceção de Therezinha e Fernanda, que permaneceram solteiras.

Em 1975, Francisco Lopes morreu vítima de derrame cerebral.



Acervo/Família Canhedo

Dna. Dolores no dia do seu aniversário com os seus filhos. Da esquerda para a direita: Felicidade, Francisco Filho, Dna. Dolores, Fernanda, Maria e Therezinha



Acervo/Família Canhedo

Da esquerda para a direita, alguns dos seus netos: Edson, Eduardo, Maria Aparecida, Dolores, Tânia, Sandra e Sérgio

Atualmente - Dolores Avalo Canhedo mora com suas duas filhas, Therezinha e Fernanda. Completou cem anos de idade no dia três de maio de 2009. A família queria promover uma grande comemoração, à altura de seu centenário. Dolores recusou. Para ela, a maior e melhor comemoração de seu aniversário, desde 1980, é uma Missa de Ação de Graças na igreja da Candelária. Mesmo assim, não faltaram o bolo e os docinhos, com quase toda a família reunida: cinco filhos, dez netos, dezoito bisnetos, oito tataranetos e mais um tataraneto que está para chegar.

Dia-a-Dia - Dolores faz questão de preparar o almoço para ela e para as duas filhas. Para ela, basta uma sopinha bem feita, mas não dispensa um copinho de vinho diariamente. Pela televisão, assiste a três missas por dia e reza o terço. Gosta também de assistir aos jornais falados.

Dolores é “benzedeira” razão pela qual é muito querida e conhecida. A arte ela aprendeu há 60 anos com uma tia.

Lição de Vida – Entrevistamos Dolores Avalo Canhedo para comemorar seu Centenário de vida, mas recebemos dela uma grande lição. Trata-se de uma pessoa lúcida, saudável e alegre. Uma pessoa de muita fé, muito amor a Deus e ao próximo. Ama a vida e nos garantiu que vai esperar a chegada do nono tataraneto.

Por fim fez questão de nos benzer, o que aceitamos com muita emoção, sentindo-nos plenamente gratificadas. **R**

(*) Yolanda Ascencio, professora, pedagoga, advogada e escritora

“B.H.C.”

Quem viveu, mesmo que por pouco tempo, no Bairro Fundação, na época em que o Grupo Matarazzo era a grande referência da cidade, com certeza deve se lembrar não só do nome “**BHC**”, mas, principalmente, do cheiro dele. **BHC** era um inseticida, fabricado pelas Indústrias Matarazzo e cuja sigla é a abreviatura que vem do nome químico: Benzenohexaclorocicloexano, na verdade, muito mais um “palavrão” do que um produto. O **BHC**, nas décadas de 30 a 50, era muito utilizado para matar pulgas e piolhos, em pó e em sabonetes, e como inseticida agrícola (o famoso “agrotóxico”) inclusive na fruticultura e na produção de tabaco. Ele foi proibido e banido, na maioria dos países, nos anos 70. O Bairro Fundação, durante décadas, conviveu com o pó branco e o cheiro do **BHC**, tão nocivos quanto o pó branco hoje cheirado (e não é que a sigla poderia continuar sendo **BHC**?!).

A toxicidade do **BHC** ficava clara não só para as pessoas que trabalhavam diretamente na produção do inseticida, mas também causava reações alérgicas em grande parte das crianças e idosos que moravam no Bairro.

Se uma pessoa era asmática, mesmo que a doença não tivesse origem pela exposição ao **BHC**, era obrigada a se mudar do bairro. Com certeza as crises asmáticas tornar-se-iam bem piores.

Nós não fugimos a essa regra. Um belo dia papai chegou, em casa na Rua Ceará, e proclamou alto e em bom som: chega dessa história de cheiro, vamos mudar para o lado de

cima da linha do trem e adeus **BHC**.

Se, foi por causa do cheiro que deixamos a Fundação, hoje lembramos com saudade dela até porque saudade não tem cheiro. Só agora, passados tantos anos, é possível brincar com algo tão sério como a aspiração, involuntária, mas sistemática, do inseticida. Assim, a atitude de papai, ficou registrada em nossa memória com a mesma sigla **BHC**: “basta da história de cheiro”.

Curiosíssimo lembrar os dois lados da moeda: as pessoas que trabalhavam com o **BHC** na Matarazzo, saíam do serviço, impregnados até a raiz dos cabelos de **BHC**, e também suas roupas, por isso mesmo, em suas casas, nada de piolhos ou pulgas.

Ao ler algo sobre o **BHC**, na enciclopédia do século XXI, ou seja, na Internet, descobrimos que nos países menos desenvolvidos, ainda hoje se utiliza o **BHC**, porém, contra sarna. Além disso, ele é um produto químico classificado como POP (Poluente Orgânico Persistente).

Ironias do destino: quem morava na Fundação e respirava o **BHC** estava “procurando sarna para se coçar”, hoje ele serve para acabar com a sarna. Além disso, quem por muito tempo inalava **BHC**, acabava “dançando”, numa época em que nem se sabia o que era “POP”. Ficou marcada uma conhecida e pitoresca expressão daquele tempo, da qual muitos dos leitores talvez se lembrem: “*Quem tem boca vai a Roma, quem tem nariz vai a São Caetano*”.

(João Tarcísio Mariani)

RECORDAÇÕES DE JUNHO

Iniciamos o mês de junho bem ao gosto dos velhos tempos: frio e noites, ligeiramente, cobertas pela neblina. Não havia tanta neblina quando São Caetano ainda exibia grandes campos cobertos de mata rasteira e várzeas extensas, acompanhando o leito dos rios Tamanduateí e Meninos. Mas, o suficiente para fazer brotar lembranças de um passado distante: o festejado mês de junho com seus balões, suas fogueiras, suas rezas, suas grandes reuniões familiares...

Para mim, tudo teve início no dia 13 de junho de 1936, quando meu avô Antonio, aniversariante naquele dia, festejou Santo Antonio. Na casa da Rua 28 de julho, próximo da Matriz Velha, toda a nossa família, incluindo os primos Garbelotto, moradores à Rua Heloisa Pamplona; a família Scartozzoni, de minha avó, os primos da família Braidó, reunia-se a outros amigos para, inicialmente, orar e agradecer ao Santo, cuja devoção veio da Itália.

Uma curiosidade que pudemos constatar, desde a chegada de meu bisavô, Antonio Garbelotto, todas as demais gerações da família ostentam o nome de Antonio. Após as orações, farta mesa conduzia as conversas ao longo da noite. Enquanto isso, nós, as crianças, acompanhávamos no quintal enorme da casa, os trabalhos dos mais velhos em torno dos balões, da fogueira e dos fogos que riscavam o céu. Eram balões "pião", "caixa", "cruz", "careca de padre", "almofada" e outros que subiam iluminados e logo "engolidos" pela forte neblina que dominava a noite. Quanto aos fogos, o que

mais encantava minha fantasia dos cinco anos eram as "rodela de estrelinhas", era assim que eu as chamava. Eram rodas de papelão circundadas por grossos fios de papel recheados de pólvora que, uma vez acessos, rodavam em torno de si mesmos enquanto despejavam as tais estrelinhas. Meus tios pregavam esses fogos nas duas laterais elevadas do poço que tínhamos no meio do grande quintal, herança dos lotes coloniais. As belas lembranças do aniversário de meu avô foram a iniciação para a minha época preferida depois de adulto. Eram festas ainda com o sabor da tradição italiana; não conhecia ainda a "festa junina transformada em dolorosa caricatura do caipira", como diz, com muita propriedade, meu amigo, professor José de Souza Martins.

Vieram também as gostosas lembranças das quermesses no largo da Matriz Velha, repletas de prendas, leilões, barracas dos frangos assados, da polenta, dos pastéis, da banda, das paqueras e dos sempre aguardados fogos de artifícios que encerravam os festejos. Meu pai, Arthur, e Gijo (Luiz) D'Agostini eram os principais responsáveis pela organização desta parte. Ao anoitecer, muitos rojões faziam a nossa alegria ao perseguirmos as varetas que caíam descontroladas. Isso determinava o início da festa.

Nesta época, até mesmo contar balões no céu era diversão. Particularmente, no dia de São Pedro, que marcava o encerramento dos festejos do mês. Chegávamos a contar centenas de balões ao mesmo tempo nos ares.

Minha longa passagem na Cruzada Eucarística e na Congregação Mariana, na Matriz Velha, deu dimensão espiritual aos “festejos juninos”. Não apenas aspectos materiais passaram a ser considerados, mas, ganharam relevância, a extraordinária vida dos três Santos, Antonio, João e Pedro, e seus ensinamentos cristãos. Com o passar do tempo, descobrimos os bailes juninos, as quadrilhas, as fantasias caricatas dos caipiras. Ainda na década de 50, as festas do meu clube do coração, Clube Atlético Centenário, no Bairro da Fundação, preencheram de alegria um grande grupo de amigos, num ambiente saudável e familiar. Eram as famosas festas de São João, sempre realizadas em autêntico terreiro e precedidas de semanas de cuidadosos e alegres ensaios das quadrilhas de adultos e crianças, comandados pelo Pedro Ramos ao som da sanfona de Valdir Gallo e de Alvacir. Os ensaios, sempre aos domingos, eram no próprio local onde acontecia a inesquecível festa de meu avô: o grande terreno, ora galpão, que abrigava o depósito da Antártica.

Após esta fase, outros bailes juninos fizeram parte de minha ansiosa espera pelo mês de junho: bailes no Clube Comercial e, particularmente, os bailes da Pipoca, patrocinados pela ACASCS. Impossível não lembrar do meu último Baile da Pipoca, no Moinho São Jorge, onde fui acompanhado pela minha noiva, Bete, que se tornaria esposa e companheira de sempre.

Hoje, quando escrevo esta crônica, 13 de junho de 2008, setenta e dois anos após, procuro

em vão a “magia” do mês de junho. Não mais encontro fogueira, fogos, rezas em família... E os balões tornaram-se um crime. As igrejas continuam a comemorar espiritualmente o grande Santo; algumas organizam quermesses frequentadas por muitos. Mas, poucos deles sabem a história de Santo Antonio, São João e São Pedro.

O progresso e o gradativo desinteresse pela espiritualidade colocam em segundo plano o “Espírito Junino”. O homem esqueceu a verdadeira tradição – italiana ou lusitana – para transformar a festa junina simplesmente na “caricatura do caipira”. **(Oscar Garbelotto)**

VOCAÇÃO DA FUNDAÇÃO

Há pouco tempo tive a oportunidade de reler um artigo, publicado na revista *Raízes* de nº 30 (dezembro/2004), com o título “*Estigmatinos: 80 anos na cidade*”. Esse artigo narra a trajetória, desde 1923, dos padres estigmatinos que passaram por São Caetano, primeiramente, pela Paróquia São Caetano (Matriz Velha) depois, e até hoje, pela Paróquia Sagrada Família (Matriz Nova). Por sinal, os estigmatinos, que chegaram ao Brasil (Tibagi-Paraná) em 1910, irão comemorar cem anos de vida missionária em nosso país, em 2010. E foi numa frase, do mencionado artigo da *Raízes*, que veio a vontade de relembrar mais um episódio ligado ao Bairro da Fundação, até para que não percamos a identidade inicial de nossas crônicas ligadas a esse bairro, berço de nossa infância.

Os padres da Congregação Estigmatina, cuja sede e seminário eram em Rio Claro, interior de São Paulo, dirigiam a Paróquia São Caetano, através da marcante presença do Padre Alexandre Grigolli, que veio para São Caetano em 1926.

A Paróquia São Caetano era, além do centro religioso do bairro e da cidade, também centro social e até político de São Caetano, ao tempo em que o Padre Ézio Gislimberti chegou em 1937. Toda a vida da comunidade girava em torno da igreja.

Foram as destacadas atuações dos dois padres, Alexandre e Ézio, que fizeram com que muitos meninos optassem pelo seminário. Como se dizia na época, a fim de “*estudar para padre*”. Se, por um lado, alguns desses jovens

permaneciam algum tempo em Rio Claro e logo retornavam a São Caetano, desistindo do seminário; outros consolidavam a sua vocação, voltando à nossa cidade, anos mais tarde, já como sacerdotes.

Em geral, os familiares desses jovens dividiam-se entre os que apoiavam francamente a escolha, em oposição, àqueles que não se conformavam com o abandono da casa paterna em idade tão tenra. Trauma de dupla via, uma vez que, se eles desistissem do seminário, a família voltava a se dividir entre os frustrados, que já haviam sonhado com o menino transformado em padre, e os eufóricos, que diziam: tão bonito, como poderia se tornar sacerdote. Como se padre tivesse por obrigação ser feio.

Boa parte das famílias católicas, do Bairro Fundação, teve seus meninos estudando em Rio Claro: Perrela, Roveri, Batistella, De Nardi, Ruffini, Tondato, Lorenzini, Piccolo, Mariani. Antes que terminemos e que alguém se lembre de perguntar qual a frase do artigo da revista *Raízes*, a que nos referimos, ela é a seguinte: “... o Movimento da Cruzada Eucarística (adolescentes) e o Grupo dos Coroinhas começaram a dar seus primeiros frutos e tornaram-se um celeiro de futuros sacerdotes...”.

Muitos realmente se dedicaram ao sacerdócio, por sinal, alguns ainda estão na ativa, porém, de acordo com o Evangelho “mesmo o profeta não é bem visto em sua própria terra”, então, que nos lembremos, nenhum dos sacerdotes da “safra” do celeiro da Fundação se fixou em São Caetano. Uma rua foi privilegiada, em matéria de celeiro de padres: da Rua Ceará emergiram os padres Raul De Nardi e Alberto F. Mariani, que estão, atualmente e respectivamente, em Uberaba, MG, e Rio Claro, SP. Eles eram daquela turma de meninos, que estudaram, tornaram-se sacerdotes, e são testemunhas vivas daquela época e daquela *vocação da Fundação*. **(João Tarcísio Mariani)**

LÁZARO DE CAMPOS

Em pleno ano de competições esportivas, com a realização dos Jogos Abertos do Interior em São Caetano, nada mais justo que reviver uma entrevista especial concedida em 1996, que retrata as emoções, os amores, os sucessos e as lutas de Lázaro de Campos. Ele marcou sua trajetória sancaetanense com sua paixão pelo esporte, um amor incondicional demonstrado por seus feitos à frente de agremiações de futebol e clubes na cidade.

Lázaro nasceu em Amparo, interior de São Paulo, no dia seis de janeiro de 1912. Chegou a São Caetano em 1953, onde criou seus dois filhos, Alfredo e Maria Luísa, nascidos do casamento com Maria de Lurdes Campos.

Ele conta com satisfação sobre sua chegada na cidade. *“Em 1953, eu vim morar em São Caetano. Montei uma pequena loja na Rua Amazonas, 854. Uma emoção na minha vida, porque tinha chegado há pouco tempo do nordeste brasileiro. Sou paulista e pratiquei o inverso do que acontece normalmente nas migrações. Saí de São Paulo e fui buscar meu sonho em Pernambuco. Lá eu me casei e tive meus filhos. Minha mulher era pernambucana.*

Esportista militante, o nordeste também foi palco para tais atividades. *“Atuava como dirigente do Santa Cruz, um grande clube de Pernambuco. Fui vice-presidente, diretor de esportes, conselheiro, técnico de futebol de três clubes, tudo por lá. Quan-*

do cheguei a São Caetano, uma comissão do Gisela me procurou para que eu fosse presidente da Sociedade Esportiva Gisela. Claro que aceitei. Fui lá, conheci o Gisela, era lá na Vila Gisela. Naquele tempo era tudo mato, não tinha nada. O campo de futebol era um terreno, um campo qualquer. Fiquei durante alguns meses, mas devido ao meu conhecimento, eu me projetei na cidade. Logo fui presidente na Junta Disciplinar Desportiva cargo que desempenhei com sucesso, sem falsa modéstia. Fato que me levou a presidir a Liga Sancaetanense de Futebol. Fiquei dois anos na Liga. Foi recompensador. Reorganizei o futebol amador em São Caetano. Naquela época não tinha campo de futebol, nem varziano. O prefeito era o Campanella, do qual eu era amigo. Juntos, lutamos pela construção, na Vila Olímpica (hoje Bairro Olímpico), de quatro estádios e quatro campos de futebol: para o Nacional, para o Barcelona, para o Sete de Setembro e para o Progresso. Então, todos esses clubes tinham o seu campo sendo que, o Vila Alpina e o São Cristóvão eram lá no bairro da Fundação e o Tamoio era um campo aqui perto. Pela Liga participei de todos os congressos. Realizei um movimento muito grande. Fiz tudo o que nunca tinha acontecido. Fiz campeonatos, inclusive juvenis. Sempre fui um apaixonado pela juventude, pelo encaminhamento dos jovens por intermédio do esporte.

Encerrado os dois anos de mandato frente à Liga fui convidado para ser diretor do São Bento, clube que disputava a primeira divisão, no Estádio Lauro Gomes. Então eu assumi o cargo, mas por pouco tempo, porque nessa ocasião houve uma divisão: São Bento e São Caetano. O São Bento era União Comercial São Paulo e o São Caetano Esporte Clube. Havia uma divergência muito grande entre o pessoal de São Caetano com o pessoal de São Paulo. Havia dois grupos. Uma assembleia decidiu pela separação. O Comercial voltou para São Paulo e o São Caetano ficou aqui. Com muita dificuldade, ficamos com o Estádio Lauro Gomes. Depois, o prefeito ofereceu-nos uma área no bairro da Fundação, onde o São Caetano Esporte Clube funciona até

hoje. Continuamos cuidando da parte social do São Caetano. O clube disputou, então, a primeira divisão profissional. As pessoas que trabalhavam comigo na ocasião eram Walter Braidó e o Francisco Marinoti, que dirigiam a parte esportiva, e eu, como diretor geral de esportes. Assim trabalhamos por dois anos. Mas, infelizmente existia um grupo contra o futebol. E tivemos que parar. Assim surgiu a ideia de construir a sede. Construimos com sacrifício e com nossos recursos!

Nesse tempo eu já dirigia também o Clube Atlético Monte Alegre, com sede na Rua Amazonas e que disputava a terceira divisão. Na passagem dessa fase do São Caetano, Braidó foi eleito Prefeito de São Caetano. Então, ele me convidou para Presidente da Comissão Municipal de Esportes. Grande vitória minha. Lá não tinha nada. Não tinha atleta, não tinha equipe, nem pessoal de fora e eu reorganizei a comissão. Eu e uma equipe exemplar. Na Comissão de Esportes, o primeiro ano serviu mesmo para nos reorganizarmos. No segundo ano, começamos a desenvolver o esporte de verdade, porque nós tínhamos aqui o Airton Sigolo e o Jaime Pereira, nomes de destaque do esporte em São Caetano.

Nós criamos, ainda, a primeira escolinha de esportes do Brasil. Chegamos a contar com mil crianças. Durante essa gestão, vale salientar o trabalho desenvolvido para a juventude. Nós tiramos as crianças da rua e levamos para o esporte. Oferecíamos alimentação e hospedagem. Formamos atletas em todas as modalidades. O único esporte que eu cancelei foi o boxe. Um esporte observado de outra maneira. Praticado por pessoas que não pensavam em esporte. Bem diferente do que acontece hoje. O resto nós tínhamos tudo! A General Motors fazia judô e, assim, cada clube fazia um esporte. O São Caetano tinha vôlei masculino e feminino, o Monte Alegre tinha basquete. Nessa época, nasceu a maior equipe de bola ao cesto feminino da América do Sul.

Nós ganhamos todas as competições no estado de São Paulo, no Brasil e na América do Sul, porque a nossa seleção era a seleção brasileira.

Quando a equipe participava de um campeonato, nossas jogadoras eram convocadas. Tivemos revelações não só em basquete, mas também em natação e atletismo. A jovem Valquíria foi para a seleção brasileira, competiu no exterior representando o Brasil. Ela era daqui de São Caetano.

A Comissão de Esportes venceu quatro títulos coletivos. Nós ganhamos: Jogos Regionais de São Caetano, Jogos Regionais de Itu, Olimpíada do Trabalhador, organizada aqui em São Caetano pela Secretaria do Governo do Estado. Nossa maior vitória aconteceu durante Olimpíada, em São Paulo. Vencemos de grandes equipes, como o Palmeiras, o Corinthians, o Pinheiros, o São Paulo, enfim todos os grandes clubes do esporte amador.

Depois que eu deixei a Comissão de Esportes, fundei o Clube Esportivo e Recreativo São José, um clube de bocha recheado de vitórias. Campeão brasileiro, paulista e regional. Uma coleção de vitórias.

POLÍTICA - Eu era político também. Assumi a presidência do partido do amigo e grande político Ademar de Barros, inclusive trabalhei no Palácio, no seu gabinete. Consegui conciliar o esporte com a política. Na campanha do Marechal Loti contra Jânio Quadros, eu fui indicado para dirigir a campanha aqui no ABC. Comandei um comitê em São Caetano. Daqui eu dirigia os sindicatos e os partidos políticos que apoiavam Loti. Partido Comunista que apoiava o Loti. O chefe desse movimento era Ulisses Guimarães.

MAÇONARIA – Toda essa bagagem esportiva e política, se completa com a presidência do Clube Diretor de Lojistas do Centro de São Caetano do Sul e Vice-Presidente da Sociedade Cláudio Roberto, da Maçonaria. Cheguei ao máximo da Ordem, Patriarca, membro do Conselho do Poder Supremo. São Caetano teve a honra de ter o Delegado do Supremo Poder da Ordem Maçônica, por intermédio dos meus trabalhos pessoais.

A Maçonaria é uma tradição aqui em São

Caetano. Fui presidente da construção da creche. Creche São João de Jerusalém, ali no bairro Osvaldo Cruz. É uma obra maçônica. O que nós fazemos nós não divulgamos. A maçonaria não divulga nada. Ela trabalha no sentido de servir. A Maçonaria é a minha vida também.

VIDA PROFISSIONAL - A minha vida profissional foi de sucessos, mas de muita luta também. Como já contei, fui buscar sonhos no nordeste. Fui para a Bahia e depois Pernambuco. Lá encontrei um ambiente favorável. Fiz muita amizade, ingressei na política, no esporte, e tantas outras coisas. Viajei o Brasil todo, por culpa da minha profissão. Se um industrial precisava lançar um produto no Brasil, eu preparava tudo, do contrato às viagens. Eu posso afirmar que conheço nosso país.

Conheço o Agreste, o sertão da Bahia, Bonfim, Juazeiro, Petrolina. Conheço tudo, conheço toda a região. O Brasil é muito bonito. Pernambuco, eu tenho ótimas recordações.

Vivi para o esporte, para o trabalho e para os meus filhos. Tive uma família maravilhosa. Sou feliz. Tenho amigos verdadeiros.

Quero encerrar a minha entrevista dizendo que eu amo São Caetano. Eu nasci para ser sancaetanense. Não nasci aqui, mas adotei essa cidade com o coração. Aqui criei meus filhos, um patrimônio razoável, realizei sonhos. **R**

JOGOS ABERTOS DO INTERIOR

São Caetano do Sul será a sede da 73ª edição dos Jogos Abertos do Interior, de 5 a 18 de outubro. Idealizada por Horácio “Baby” Barioni, essa tradicional competição começou a ser disputada no ano de 1936, na cidade paulista de Monte Alto. Os Jogos Abertos, chamados popularmente de “Olimpíada Cai-pira”, são considerados o maior evento esportivo do país e um dos maiores da América Latina. Com 12 títulos na história de sua participação nos jogos, São Caetano também recebeu a edição de número 29 do certame, em 1964.

Para desejar sucesso aos atletas sancaetanenses, *Raízes* brinda o público com imagens alusivas à participação da cidade em edições passadas deste grande evento esportivo.

Acervo/Fundação Pró-Memória



A delegação de São Caetano do Sul no desfile de abertura da 18ª edição dos Jogos Abertos do Interior, na cidade de Jundiaí, no dia 4 de outubro de 1953

Acervo/Fundação Pró-Memória



Alunas do antigo Ginásio e Escola Técnica de Comércio São Caetano participaram do desfile de abertura dos Jogos Abertos disputados em Jundiá, em 1953

Acervo/Fundação Pró-Memória



Atletas da delegação de São Caetano do Sul, durante a disputa dos Jogos Abertos do Interior, em Jundiá, em 1953. Foi identificado Nelson Perin (o quinto, da esquerda para a direita)



Jogadores da equipe de vôlei de São Caetano que disputaram os Jogos em Jundiá. Da esquerda para a direita: Dionísio Nomelini Neto, José Cláudio Piotto, Adriano e Nelson Perin



Atletas da delegação de São Caetano do Sul desfilando na abertura da 19ª edição dos Jogos Abertos do Interior, em Sorocaba, no dia 12 de outubro de 1954. Tal edição contou com a participação de 90 cidades, número recorde, até então



A ala feminina da delegação sancaetanense durante o desfile de abertura dos Jogos de Sorocaba



Delegação de São Caetano que disputou os Jogos Abertos realizados na cidade de Sorocaba, em 1954. Foto tirada após o desfile inaugural da competição



Equipe de atletismo da cidade que disputou os Jogos Abertos em Sorocaba, em 1954. Em pé, da esquerda para a direita: Waldemar Ettore (100 metros rasos), João Lefort, Dirço Perrella (400 metros rasos) e Edward Chamie (1.500 metros rasos). Agachados, da esquerda para a direita: Carmo Mazzucatto (técnico), Nelson Perin (1.500 metros rasos), Nelson Dardin e Francisco Coccia (800 metros rasos). Sob o comando técnico de José Joaquim Fernandes e Carmo Mazzucatto, os treinamentos aconteciam no campo de futebol do General Motors Esporte Clube. Nessa época, a cidade não possuía pista de atletismo

Acervo/Fundação Pró-Memória



Atletas dos 1.500 metros rasos que disputaram os Jogos de Sorocaba, em 1954. Da esquerda para a direita: Edward Chamie, Carmo Mazzucatto (técnico) e Nelson Perin



Nelson Perin (primeiro, à esquerda) ao lado de atletas da equipe de ciclismo de São Caetano do Sul, por ocasião dos Jogos disputados em Sorocaba



Equipe de vôlei de São Caetano que disputou a 21ª edição dos Jogos Abertos do Interior, em Bauru, em 1956. Da esquerda para a direita: Valdir Gallo, Dionísio Nomelini Neto, Dirço Perrella, Jurandir Alcântara, Darmil Garcia Lopes e Nelson Perin. Sob o comando técnico de Magães, a equipe desta modalidade foi uma das que compuseram a delegação sancaetanense formada por 40 atletas. Realizados entre 20 e 28 de outubro daquele ano, os Jogos de Bauru contaram com a participação de 102 cidades

Acervo/Oscar Garbelotto



A chamada Guarda de Honra de São Caetano do Sul, durante o desfile de abertura da 23ª edição dos Jogos Abertos do Interior, em Piracicaba, no dia 26 de setembro de 1958. Composta de jovens da cidade, era incumbida de portar as bandeiras brasileira, paulista e de São Caetano

Acervo/Oscar Garbelotto



Atletas da delegação sancaetanense, no desfile de abertura dos Jogos disputados em Piracicaba



Equipe de basquete que disputou a 27ª edição dos Jogos Abertos do Interior, em Marília, em 1962. Em pé, da esquerda para a direita: Ney Alves da Silva, Sidnei Coleone (Cidão) e Carlos Henrique Backer (Carlão). Agachados: Oswaldo Ruiz e Hélio Poente



Equipe de vôlei, medalha de bronze na 28ª edição dos Jogos Abertos do Interior, em São José do Rio Preto, em 1963. Da esquerda para a direita: Gilberto Bueno, Pedro, Nelson Perin, Edward, Alaur, Isnard, Henri e Luiz Murilo Mantovani. Agachado, o técnico Airton Pinheiro de Castro, campeão paulista de vôlei, em 1954, pelo São Paulo Futebol Clube. A medalha de bronze sancaetanense foi conquistada na partida contra a seleção de Santo André, pelo placar de dois sets a um (nessa época, o terceiro set só acontecia no caso de empate nos outros dois sets)



Condução do fogo simbólico ao Estádio Municipal, por ocasião da abertura oficial da 29ª edição dos Jogos Abertos do Interior, em São Caetano do Sul, no dia 18 de outubro de 1964. Noventa e nove cidades participaram desse evento, totalizando 3.200 atletas. Em primeiro plano, José Joaquim Fernandes (com a tocha) e Antônio Glayr Santarnechchi



Divulgação, publicada na edição de 21 de outubro de 1964 do *Jornal de São Caetano*, dos Jogos Abertos realizados na cidade. Alguns eventos marcaram a abertura da competição, entre os quais o baile oferecido, no dia 17 de outubro, pelo Clube Comercial aos chefes das delegações participantes. No encerramento dos jogos, outro baile foi organizado, só que a cargo do Cerâmica São Caetano Futebol Clube, que o promoveu no Centro Social Roberto Simonsen

Acervo/Fundação Pró-Memória



Equipe de basquete de São Caetano do Sul, campeã da 34ª edição dos Jogos Abertos do Interior, realizada na cidade de Araraquara, de 17 de outubro a 26 de outubro de 1969. Em pé, da esquerda para a direita: Valdir Pagan Peres (técnico), Simone, Wlamir Marques (jogador da seleção brasileira de basquete), Norminha, Delcy, Marlene, Cássia, Benta e Claudio Musumeci. Agachados: Pedro Tramontina (massagista), Elzinha, Vera Denis, Eleni, Abdene, Odetinha e Maria Angelina. O título foi conquistado na partida contra a cidade de Piracicaba

CIDADÃO DA HISTÓRIA

Durante o *Programa Bairro a Bairro*, realizado pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, destacamos a participação da Fundação Pró-Memória com as homenagens aos moradores mais antigos dos bairros. No mês de março, o evento levou o projeto *Cidadão da História* ao Bairro Santa Maria, onde municípios, estabelecimentos comerciais e entidades foram lembrados por suas atividades especiais que ajudaram no desenvolvimento da cidade.

Em maio, os moradores e comerciantes que fizeram história no Bairro Olímpico também foram homenageados. No dia 20 de junho, uma manhã de sábado, a Prefeitura e a Fundação Pró-Memória homenagearam aqueles que marcaram a história nos bairros Cerâmica e Oswaldo Cruz.

Foto: Antônio Reginaldo Canhoni



Bairro a Bairro faz homenagem ao Cidadão da História nos bairros Oswaldo Cruz e Cerâmica

Foto: Antônio Reginaldo Canhoni



Bairro Olímpico

Foto: Antônio Reginaldo Canhoni



Bairro Santa Maria

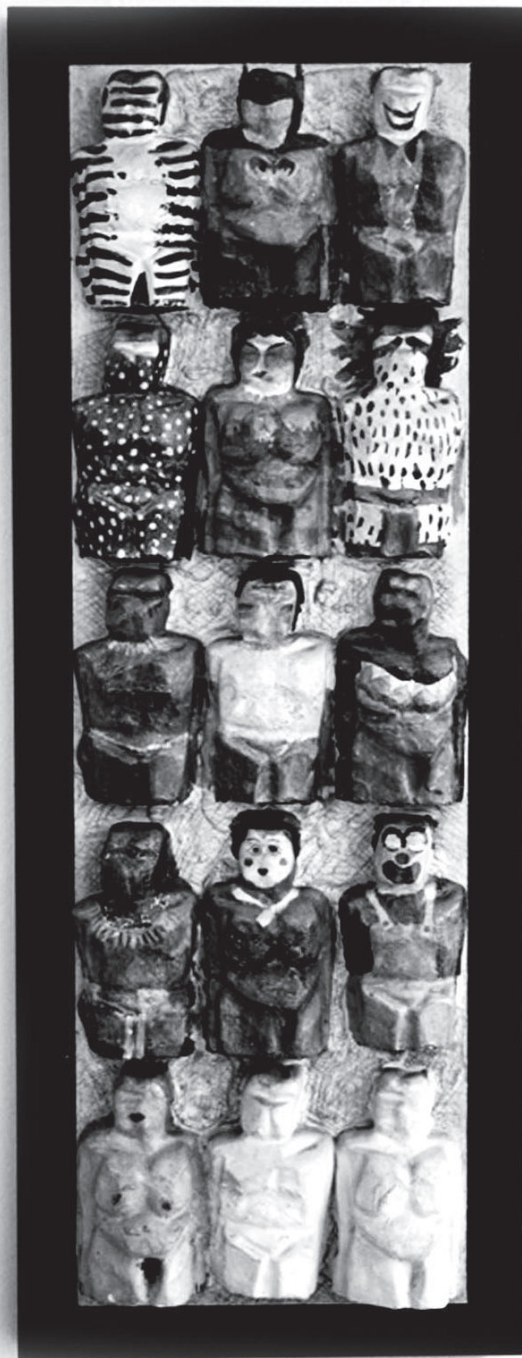


Foto: Antônio Reginaldo Canhoni

Um das obras de Tessarini repleta de formas

EXPOSIÇÃO PÓLIS PEDAÇO

A Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Caetano do Sul e a Fundação Pró-Memória receberam na Pinacoteca Municipal, no mês de março, as obras do artista plástico João Alberto Tessarini. O tema da exposição Pólis Pedaco revelou muitas cores, volumes e formas.

Tessarini, morador de São Caetano, usou suas técnicas artísticas para uma reflexão das questões sociais. A exposição levou, ainda, a uma visita poética ao passado e à infância, com a apresentação de 37 obras, entre xilogravuras, pinturas a óleo, instalações e montagens interativas.

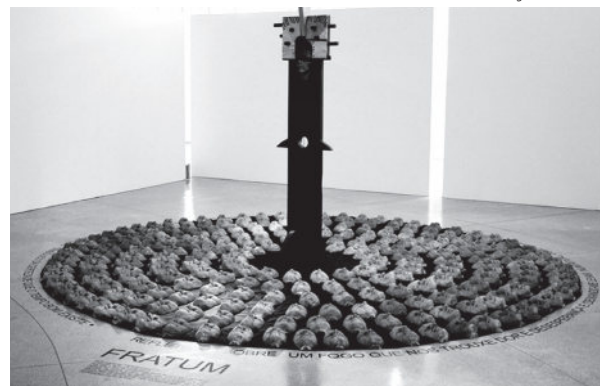


Foto: Antônio Reginaldo Canhoni

Figuras em terceira dimensão, imagens com cores fortes. Marcas do artista

EU VI! VOCÊ VIU? Olhares e Possibilidades da fotografia

Ailton Tenório, Omar Matsumoto e Rita Henckes apresentam na Pinacoteca três versões sobre a fotografia. Em **Eu vi! Você viu?** A luz, as sombras, os movimentos e expressões humanas são características desta exposição inovadora de arte e fotos. As três possibilidades da fotografia fazem refletir e oferecem a disponibilidade de experimentar novas sensações. Ailton é fotógrafo profissional e já realizou diversos trabalhos na área publicitária. Omar é fotojornalista. Formou-se em jornalismo, mas optou pelo mundo das imagens. Rita é publicitária, artista plástica, arte-educadora e arte terapeuta.

A mostra poderá ser vista até o dia 31 de julho. A Pinacoteca Municipal fica à Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255.

Mais informações pelos telefones 4232-1237 e 4232-1294.



Foto de Ailton Tenório



Foto de Omar Matsumoto

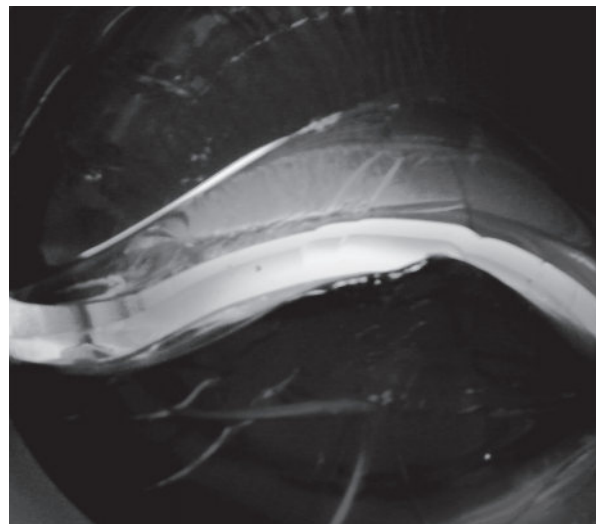
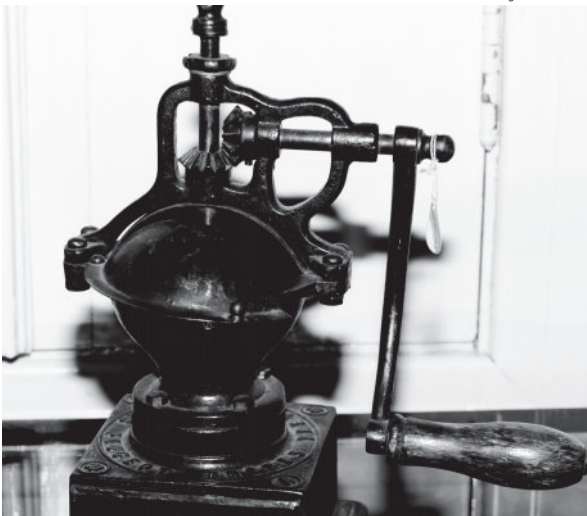


Foto de Rita Henckes

MOSTRA DE OBJETOS DO ACERVO DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL

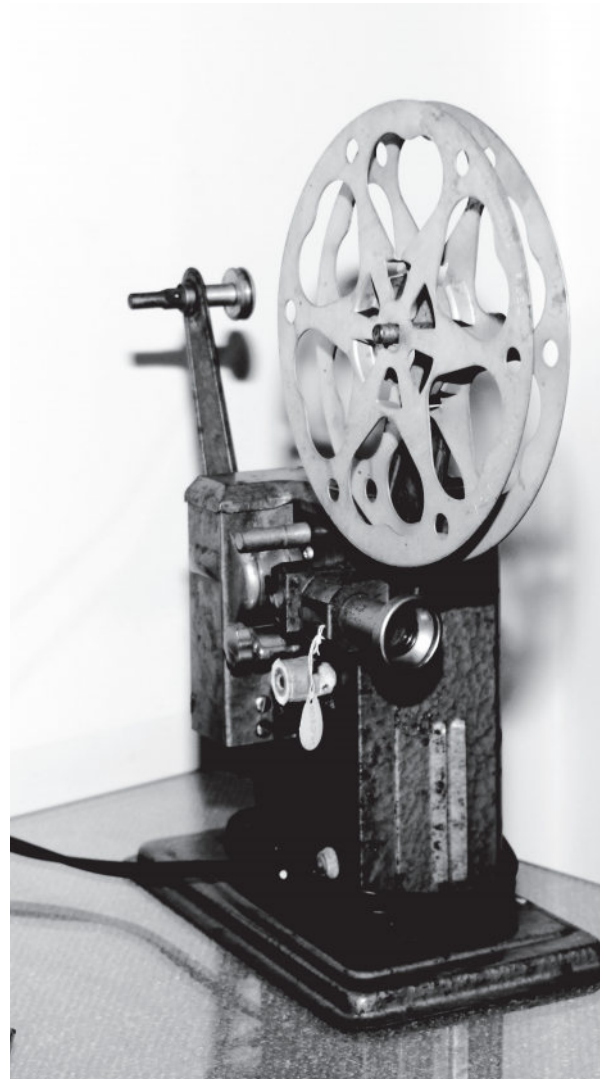
Com o intuito de promover uma rotatividade dos objetos que compõem o acervo do Museu Histórico Municipal, ficou em exposição, entre os meses de janeiro a junho, uma variedade de peças na sala central do Palacete De Nardi. Compreendendo utensílios domésticos de cozinha, como batedeiras antigas, balanças, conjunto de panelas e moedores de grãos e carne, alguns modelos de aparelhos de rádio e televisão e até um exemplar de bicicleta da marca Monark, modelo de 1948. Esses objetos foram doados por munícipes, numa clara demonstração de interação entre o Museu Histórico de São Caetano do Sul e a sociedade local, razão de ser de todos os seus projetos e atividades.

Foto: Antônio Reginaldo Canhoni



Moedor de Grãos

Foto: Antônio Reginaldo Canhoni



Projeto Cinematográfico de 16 mm



Diversos utensílios foram doados por munícipes



Bicicleta Monark, modelo de 1948

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL APRESENTA MÃOS QUE TRABALHAM

- ARTES E OFÍCIOS FEMININOS -

O Museu Histórico Municipal apresenta a exposição *Mãos que Trabalham – Artes e Ofícios Femininos*, até o dia 12 de agosto. Pertencente ao acervo do Memorial do Imigrante, é composta de seis painéis fotográficos que retratam trabalhos desenvolvidos por mulheres, nas primeiras décadas do século passado. Entre as funções destacadas, encontram-se as de costureira, bordadeira e modista.

Antigamente, os saberes da costura eram assimilados no ambiente familiar. As moças recebiam de suas avós e mães os ensinamentos e segredos necessários ao domínio da arte de costurar. Na maioria das vezes, essa arte era transformada em profissão, pois a costura e as demais atividades artesanais, como bordados e pintura de louças, eram uma das poucas áreas apresentadas às mulheres como opção de trabalho remunerado. Por isso, os cursos de corte e costura difundiram-se bastante no passado, formando não só costureiras, mas também modistas.

Imagens alusivas a São Caetano do Sul e objetos do acervo do Museu Histórico Municipal complementam a exposição. As fotos mostram operárias de fábricas locais, entre os anos de 1910 e 1940, além de parteiras e costureiras, numa demonstração de como a atuação das mulheres evoluiu, em razão do crescimento urbano e econômico da cidade. Os objetos, por outro lado, fazem referência ao



Elda Lucia Saraceni Cavallini, parteira. Foto da década de 1930

cotidiano feminino no âmbito doméstico, ou seja, são representados por utensílios e instrumentos, frequentemente, utilizados pelas matriarcas nas tarefas e afazeres do lar.

O Museu Histórico Municipal fica à Rua Maximiliano Lorenzini, 122, Bairro da Fundação. Horário de funcionamento: de segunda a sexta das 9h às 17h e aos sábados das 9 às 15 h. Mais informações pelo telefone 4229-1988. A entrada é gratuita.



Alunas de curso de corte e costura. Década de 1910



Linha de produção da Pan. Década de 1940



Setor de pintura de louças da Fábrica de Louças Adelinas. Foto do dia 7 de dezembro de 1935

RAÍZES Nº 38

A Fundação Pró-Memória marcou o final do ano de 2008 com o lançamento da Revista *Raízes* nº 38. O tema reviveu a data máxima da cristandade, o Natal. As páginas do *Dossiê* apresentaram de forma brilhante o nascimento de Jesus, em textos recheados de símbolos e fatos especiais de uma época vivida pelos moradores de São Caetano. A capa revelou uma montagem com cartões de Natal, formando moldura para o Menino Jesus.

A Memória Fotográfica reuniu cartões antigos e fotos de eventos natalinos realizados em clubes e empresas da cidade. Alguns artigos revelaram o significado de tradições e símbolos natalinos tais como: a árvore de Natal, a ceia, os presentes, as meias e as canções.



Foto: Antônio Reginaldo Canhoni

O atual presidente da Pró-Memória e sua esposa Ivete



Foto: Antônio Reginaldo Canhoni

A presença do Papai Noel marcou o lançamento

10º CONGRESSO DE HISTÓRIA DO GRANDE ABC

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul já iniciou os trabalhos para a realização do 10º Congresso de História do Grande ABC, que deverá acontecer nos dias 4, 5 e 6 de novembro, com a abertura programada para a noite do dia 3, na Universidade São Caetano do Sul, Campus II, à Rua Santo Antonio, 50, Centro. O tema desta nova edição é **Lembrança e Esquecimento na Construção da Memória do Grande ABC**, definido em consenso entre os representantes das entidades governamentais e civis dos sete municípios da região.

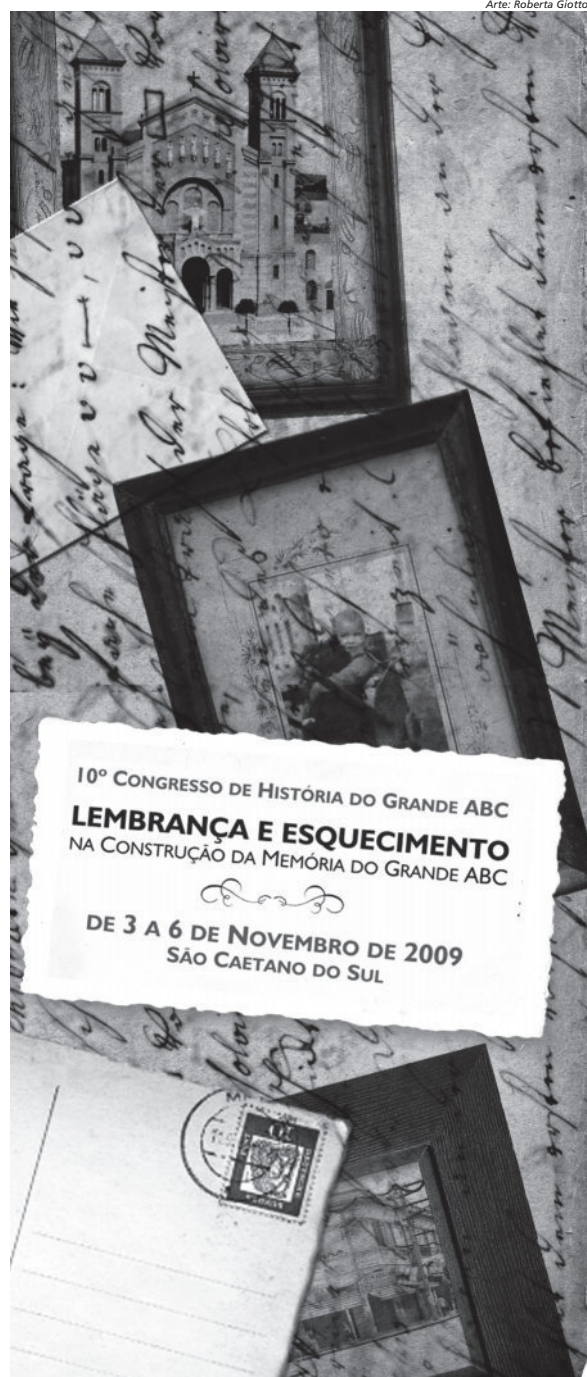
O Congresso nasceu da iniciativa do Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do Grande ABC (GIPEM). A entidade reúne professores, jornalistas, pesquisadores, memorialistas e todos os interessados em fatos da história que marcaram as sete cidades da região.

O professor e sociólogo José de Souza Mar-

tins, um dos grandes mentores do Congresso, atendendo pedido do presidente da Fundação, o historiador Clovis Esteves, colabora na organização deste evento.

Este encontro de história é uma das prioridades da Fundação Pró-Memória e conta com total apoio dos diversos setores da Prefeitura.

Outras informações podem ser obtidas pelo telefone 4223-4780.



Arte: Roberta Giotto



Foto: Alexandre Yort

A estátua de Padre Cícero, homenagem ao migrante nordestino em São Caetano

ESTÁTUA DE PADRE CÍCERO

TEM LUGAR DE DESTAQUE EM PARQUE DA CIDADE

O Espaço de Recreação e Lazer José Agostinho Leal, Avendia Tietê, s/nº, no Bairro Nova Gerty, foi totalmente reformado e entregue à população no final de 2007. Esse espaço tornou-se, por indicação de uma comissão nomeada pela Prefeitura, a nova casa da estátua de Padre Cícero. O monumento é uma homenagem aos migrantes nordestinos que colaboraram com o desenvolvimento e progresso da cidade.

A estátua de Padre Cícero é feita de bronze, com pedestal em granito e foi entregue à população em 1988, durante os festejos de aniversário de São Caetano. Sua placa traz a seguinte mensagem: “A Homenagem do povo de São Caetano do Sul aos brasileiros que, abandonando o seu rincão natal, vieram contribuir para a construção do progresso e desenvolvimento do município. A figura do Padre Cícero simboliza a fé de milhares desses brasileiros perseverantes”.

O Parque José Agostinho Leal tem área de cerca de cinco mil metros quadrados e possui equipamentos de ginástica, mesas para jogos, playground e pista de caminhada, entre outras atrações. Padre Cícero tem seu espaço de destaque logo à entrada do Parque.

Ficha Técnica da Estátua de Padre Cícero

Título da Obra

Estátua do Padre Cícero

Autor

Bronzes Artísticos Rebelatto

Arquiteto

Rodney Guaraldo

Material

Bronze

Pedestal

Granito

Histórico da Obra

Esta obra foi encomendada pela Prefeitura para homenagear o grande número de migrantes nordestinos existentes no Bairro Nova Gerty.



A Fundação Pró-Memória procura identificar fotos de seu Centro de Documentação Histórica. Caso você identifique uma destas fotos entre em contato. Você ajudará a preservar a história da cidade.





DOR - GRIPE - RESFRIADOS

RHODINE

CAFEINADA

A boa enfermeira

Rhodine

PHARM. PANAM

PANAM - CASA DE AMIGOS

Rhodine Caffeinada - Jornal de São Caetano, 16 de Março de 1947, ano I - nº 16

o SÉSI resolve o problema da alimentação do trabalhador



EM 40 DIAS, EIS OS POSTOS DE ABASTECIMENTO JÁ INSTALADOS

Para a venda de gêneros e utilidades a preços reduzidos, aos trabalhadores da Indústria, de Transportes, Comunicações e da Pesca, o SÉSI já instalou os seguintes postos:

CAPITAL

- N.º 1 - Largo Riachuelo, 198 - Centro
- N.º 2 - Rua Góves, 28 - Vila Maria
- N.º 3 - Rua Mendes Junior, 446 - Parí-Oriente
- N.º 4 - Rua Heitor Peixoto, 439 - Lins de Vas.
- N.º 5 - Rua Imbuí, 69 - Casa Verde
- N.º 6 - Rua dos Patriotas, 594 - Ipiranga
- N.º 7 - Est. Vergueiro, 678 - V. Brasílio Machado
- N.º 8 - Avenida Alvaro Ramos, 858 - Belém
- N.º 9 - Rua Bresser, 2653 - Hipódromo
- N.º 10 - Rua Catão, 434 - esq. Clélia - Lapa
- N.º 11 - Rua 1822, n.º 871 - Várzea do Ipiranga
- N.º 12 - Rua Layapés, 805 - Cambuci

JUNDIAÍ

- Central - Rua Rangel Pestana, 217
- N.º 1 - Mercado Municipal
- N.º 2 - Rua Dr. Olavo, 197 - Vila Arens
- N.º 3 - Av. Dr. Cavalcante, 252
- N.º 4 - Largo Baroneza de Japí, 9 - Barreira
- N.º 5 - Rua São João, 274 - Ponte São João
- N.º 6 - Rua Cel. Leme da Fonseca, 326 - Sta. Cruz
- N.º 7 - Rua São João, 418 - Ponte São João
- N.º 8 - Elekeiros - Várzea

SANTOS - Rua Caiubi, 91 - Av. Rodrig. Alves, 95
Cia. City - Vila Mathias

LIMEIRA - Rua Tiradentes, 635

SÃO CAETANO - Rua Santa Catarina, 149

Postos a serem instalados imediatamente:

NA CAPITAL:

Vila Bertoga - Rua do Acre, esq. da Rua Avahy
Em Vila Anastácio, Vila Pompeia, Sant'Ana e Osasco

No Interior:

SANTOS - Campo Grande.

CAMPINAS - Armazem Central, R. Lidgerwood, 156

Rua Senador Saraiva, 849

Rua General Carneiro, proximo ao n.º 674

LIMEIRA - Rua Senador Vergueiro, 418

RIO CLARO - Esquina da Rua 7 - Avenida, 14

Em Taubaté e Piracicaba



SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

PARA O BEM DO POVO BRASILEIRO

VEJA ALLI ESTA' UM° SANTO
REMEDIO PARA SUA TOSSE



CONTRA TOSSES REBELDES-RESFRIADOS
CONSTIPAÇÕES-BRONCHITES-CATHARRO NO
PEITO-ASTHMA ETC.



APPROVADO PELA DIRECTORIA GERAL
DA SAUDE PUBLICA SOB Nº 797

CINTRA, BARROS & C^{IA} S. PAULO

...a opinião me pareçam. Porque emim e co. seu gesto de verdadeiro patriotismo.

**OLEO
e
GAZOLINA**

Emporio Central

**SECCOS
e
MOLHADOS**

O que ha de melhor em generos alimenticios, bebidas nacionaes e estrangeiras,
accessorios para automoveis e tintas inalteraveis.

Cuccato & Cia

VENDEDORES EXCLUSIVOS DOS

Pneumaticos Michelin

Agentes da THE TEXAS CIA.

AGENTES DOS PNEUMATICOS

Good-Year

Agentes vendedores da CERAMICA
SAO CAETANO

**LOUÇAS
e
FERRAGENS**

Rua São Caetano 135-137 - São Caetano (S. P. R.)

**MATERIAES
PARA
CONSTRUCÇÃO**

Fabrica de Produ-
ctos Chimicos
"S. PEDRO"

Cintra,
Barros
& Cia.

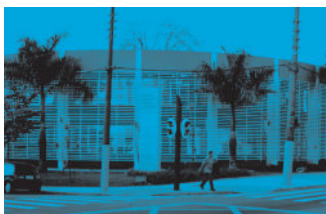


Fabrica: em S.
CAETANO.

Escriptorio em
S. PAULO:

**RUA DA QUITANDA
N. 18 — 2.o andar**

Lança = perfume
COLOMBINA
O melhor!



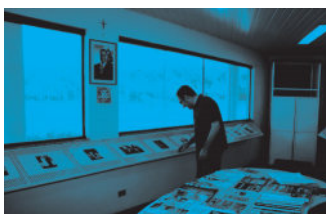
Sede da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Bairro Santa Paula
Telefone: 4223-4780 Fax: 4223-4781
e-mail: fpm@fpm.org.br
site: www.fpm.org.br



Museu Histórico Municipal

Rua Maximiliano Lorenzini, 122
Bairro da Fundação
Telefone: 4229-1988
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas
Aos sábados das 9h às 15 horas



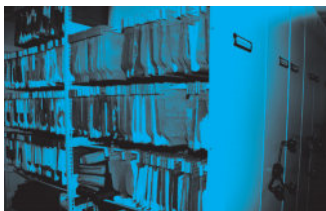
Salão de Exposições

Espaço Verde Chico Mendes
Rua Fernando Simonsen, 566
De terça a domingo, das 9h às 18 horas



Pinacoteca Municipal

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Bairro Santa Paula
Telefone: 4223-4780
De segunda a sexta, das 9h às 17 horas
Aos sábados das 9h às 13 horas



Centro de Documentação Histórica

Acervo histórico -
documentos, livros, jornais e imagens
Aberto à pesquisa pública
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas



Prefeitura Municipal
de São Caetano do Sul

SECULT
Secretaria de Cultura



Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul

